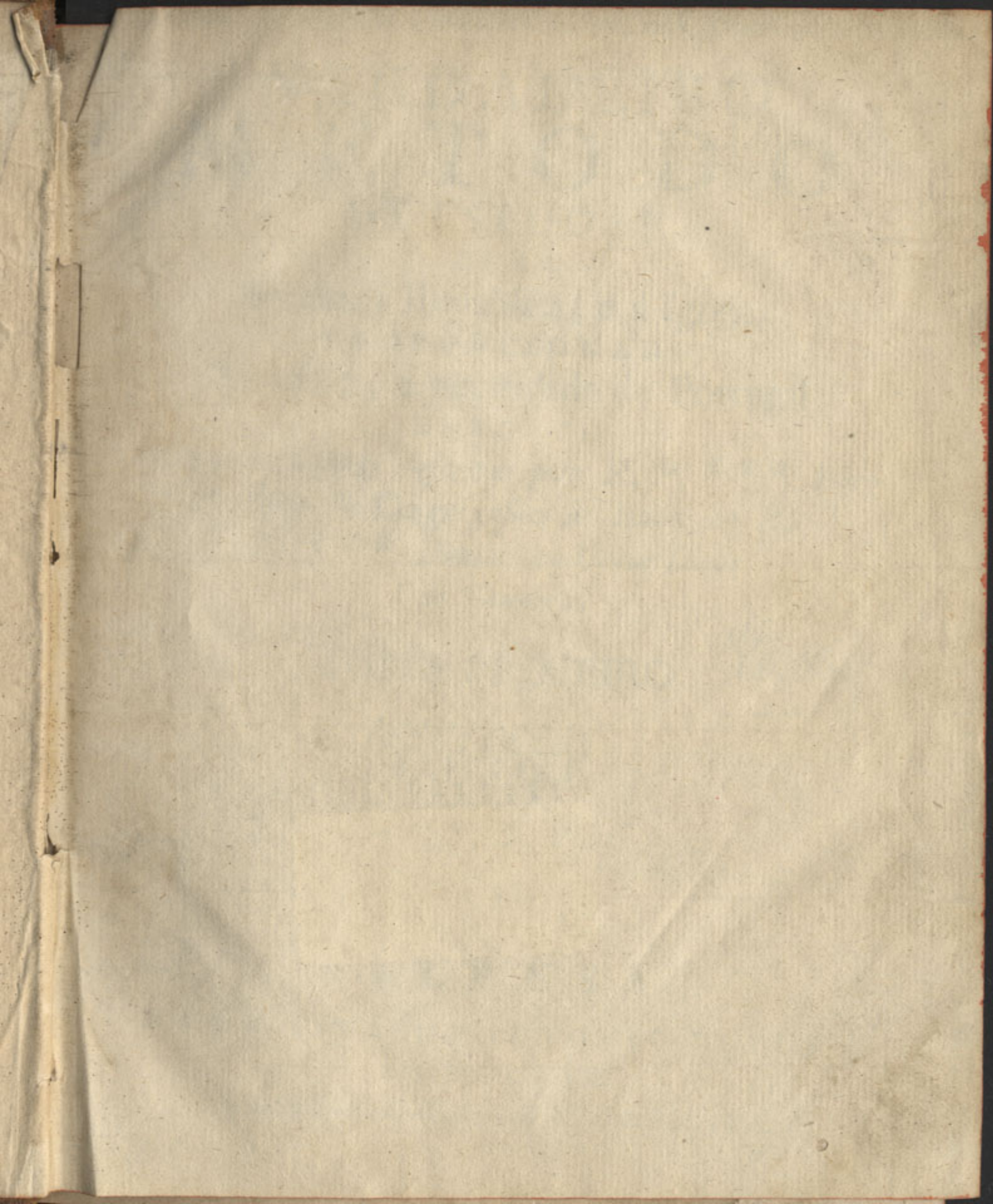


⁺
mra

6/0





Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



1317502076

VERDADEIRO M E T O D O

DE ESTUDAR,

P A R A

Ser util á Republica, e á Igreja:

PROPORCIONADO

Ao estylo, e necessidade de Portugal

EXPOSTO

*Em varias Cartas, escritas polo R. P. *** Bar-*
badinho da Congregação de Italia ao R.
*P. *** Doutor na Universidade*
de Coimbra.

TOMO PRIMEIRO

Verney



Barro de Lima

Sala	<i>CF</i>
Est.	<i>C</i>
Tab.	<i>4</i>
N.º	<i>26</i>

= N.º 15.955 =

V A L E N S A

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE

ANO MDCCXLVII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c

VIRI A DELIRO

M E T O D O

DE ESTUDIA

M Odo de la escuela... e exemplo de... para ensinar a estudar... de la Republica, e a Iglesia...

D e la escuela de... de la Republica, e a Iglesia...

En esta escuela... de la Republica, e a Iglesia...

TOMO I

W A L L I S A

EN LA CIUDAD DE MADRID

AÑO DE 1700

En la imprenta de...

P

AOS REVERENDISSIMOS
PADRES MESTRES,
DA VENERAVEL RELIGIAM DA COMPANHIA
DE JEZUS.

No Reino, e Dominio de Portugal.

ANTONIO BALLE
OBZEQUIOZAMENTE SAUDA.



AIEM à luz, Reverendissimos Padres, as cartas eruditas, de um autor moderno: as quais até agora correram manuscritas, por algumas maons: mas chegando às minhas, e conhecendo eu, que podiam utilizar a muitos, me-rezolvi impremilas. O argumento delas é este. Certo Religiozo da Universidade de Coimbra, omem mui douto, como mostra nas suas cartas; pedio a um Religiozo Italiano, seu amigo, que vivia em Lisboa; que lhe-dèse algumas instrusões, em todo o genero de estudos. O que o dito Barbadinho executa, em algumas cartas: explicando-lhe em cadauma, o que lhe-parece: e acomodando tudo, ao estylo de Portugal. Este autor escreveo-as, sem nem menos suspeitar, que se poderiam imprimir: como consta de alguns periodos destas, que nam impremi; e de outras que conservo, em que declara com mais individuasam, o motivo desta correspondencia: e explica varias coizas, que aqui nam se-acham. Onde, para consolar o dito autor, que nam sei se ainda vive, e fazer o que dezejava; nam impremi senam as que me-pareceram necessarias: e ainda nestas oculte os nomes dos correspondentes, e de algumas pessoas, que nelas se-nomiavam: parecendo-me justo e devido, nam revelar os segredos, das correspondencias particulares: principalmente quando podia conseguir o fim, de utilizar o Publico, sem prejuizo terceiro. As cartas encadeiam tam bem umas com outras, que se

chamar, um metodo completo de estudos. podem servir para todos; nas especialmente são proporcionadas, ao estilo de Portugal: pois este era o fim do autor. Protesta ele nas mesmas cartas ineditas, que não dera em varias coizas, melhor metodo, porque temia, que o seu amigo mostrasse as cartas, a pessoas preocupadas: as quais não fariam nada, se lhe-aconselhasse tudo o que praticam em outros Reinos: e que por isto se-acomodava ao gosto do paiz em que estava. E não cessava de encomendar-lhe, que as-não-lesse a oumeus, que interpretaem mal as suas palavras; e as-aplicarem, a outro sentido.

E querendo eu agora imprimir estas cartas, a quem as-devo dedicar, sejam a VV. RR.? Presumo, e com muita razão, que se o autor ouvesse de publicar estes escritos, a ninguém mais os-offereceria, que a esta sagrada Religiam: visto mostrar a cada passo, o respeito e veneração, que lhe-professava. E sendo eu não menos propenso, e obrigado a toda a Companhia; quero também mostrar-lhe o meu reconhecimento, nesta pequena oferta. Se a minha possibilidade dêsse mais, mais faria: mas as forças não correspondem aos desejos: e VV. RR. costumam estimar mais a vontade, que as ofertas. Além disto, por todos os titulos deviam estas cartas, ser consagradas ao seu nome. São VV. RR. aqueles, que só podem ajudar, os pios desejos deste autor: aqueles, que só têm forças, para isto: e finalmente aqueles, que mais que ninguém desejam, o adiantamento da Mocidade, e se-cansam, para o-conseguir. Acrescento, que o autor confessa, que tudo aprendera, com a direção desta Roupeta, e pelos seus autores. E assim, torno a dizer, por todos os titulos estes livros, se-lhe-devem dedicar.

Quam oportuna ocasião se-me-offerecia agora, de referir os louvores desta veneravel Religiam, se a moderassem, e umildade de VV. RR. não me-tapasse a boca! Quem tem dado mais, e mais illustres escritores a este Reino, que a companhia? Quem tem promovido com mais empenho os estudos, que os seus mestres? Onde florecem as letras com mais vigor, que nos seus Colegios? Que homem douto tem avido em Portugal, que não bebêsse os primeiros elementos, nas escolas desta Religiam? Não leio as historias deste Reino, e Conquistas, que não veja a cada passo, exemplos memoraveis, da grande piedade, da suma erudição, do inexplicavel zelo dos seus Religiosos! VV. RR. que abriram no-Oriente as portas, ao Evangelho, tem trabalhado com tal empenho, na vinha do Senhor; que se contamos somente os Povos convertidos, tem conquistado para a Fé, e também para o Reino, imperios vastissimos. Não sei a quem attribua maior gloria: se ás armas vitoriosas dos Portuguezes, no Oriente; se ás pias exortações, e fadigas, dos seus Missionarios. Mas se é mais glorioso o triumpho, que se-consegue sem sangue, somente com a força da eloquencia, sem prejuizo dos Povos, e com grande utilidade da Republica ficam VV. RR. muito mais gloriosos, que os mesmos illustres Generais Portuguezes; pois conseguiram a victoria, não dos corpos, mas dos

ani-

animos. Vencèram VV. RR. nam derramando o sangue dos outros ; mas o proprio : e com ele e creveram o seu nome, nam só nos livros da fama, e destas istorias caducas ; mas no-mesmo livro da-vida : e levantaram um padram naquela patria, em que as virtudes se-estimam : premeiam-se dignamente os serviços : e a gloria dos vitoriosos nam morre. Nam me-volto para a Africa, para a America, que nam veja os Religiozos da Companhia, convertendo os idolatras, ajudando os fieis, ensinando a todos. Aí mesmo em Portugal, quem á que nam seja obrigado, á Companhia ; e nam experimente os influxos, desta benigna Religiam? Quem ja mais chegou, a uma das cazas desta Religiam, para buscar um confesor, a qual-quer ora da noite; que nam ficáse consolado? um Pregador, para qual-quer festividade; que nam fosse obedecido, ainda sem interesse? quem foi pedir conselho, em materias de consciencia; que nam tivesse prompta resposta? quem quiz um parecer escrito, em qualquer materia que o-quize-íe; que nam tornáse satisfeito? Se olho para as prizoens, vejo os Religiozos da-Companhia consolando os aflitos, procurando os livramentos, confessando, e confortando a todos. Se olho para as praças, e ruas publicas, vejo os mesmos Religiozos, doutrinando os ignorantes, excitando a enut-lasam nos-meninos, e atraindo com suave maneira os que paíam, para ouvirem a verdade Evangelica. Se olho para as igrejas, vejo-os frequentes no confessorio, exortando os fieis em dias determinados, exatissimos nas fun-foens divinas, que celebram com toda a magnificencia, e devoíam. Se olho para as escolas, vejo-os ensinando aos meninos com grande amor, e paciencia, nam só as letras, mas a piedade, que em toda a ocaziam lhe-inspiram. As mesmas portarias das suas cazas, ensinam com o exemplo; nos muitos martires, e doutos, que nelas vemos pintados; que muda, mas eficazmente persuadem, seguir a mesma estrada: e ensinam com a dou-trina, nos livros que nelas encontramos, que suavemente inclinam a vontade, para abraçar a vida perfeita. Finalmente se olho para qualquer Re-ligiozo da Companhia, vejo o retrato da continencia, da moderasam, da mansidam, da afabilidade, do respeito: coizas que me-infundem um sa-grado terror. Bemdita Religiam, em que o Prelado nam se-distingue do Sudito, senam em ter mais trabalho, e suportar o pezo, do governo eco-nomico. Ninguem aspira aos governos: ninguem busca meios de conse-guilos: final certo, que se-administram com os olhos em Deus, e na sua obrigasam. Nam á distinctam de magisterios: nam á izeniam de graos. O mesmo que ensina a Teologia na cadeira, ensina o catechismo nas-pra-ças: o mesmo que confesa os Grandes, confesa os pequenos: o mesmo Prelado que manda aos mais, obedece; e serve nas ocaziens a todos. Fi-nalmente todos conspiram, para dar gloria a Deus, utilidade ao proximo, e servir no que podem á Republica.

Nam quero trazer á memoria, o que esta sua Religiam tem to, e faz nas mais partes da Europa Catolica. Deixo de parte, a in-vel uniam que sempre teve, com a Se Apostolica: e as perseguiçoes

cenfuras criticás, que tem fofrido por efa cauza. Nem menos falo na gloria, que rezulta à Companhia, de ver que tantas Religioens, e Congregações, que fe-fundáram depois dela, todas a-tem tomado por treflado: e nam julgam merecer com justiça, os louvores dos omens pios, fenam quando fe-avizinham mais, ao feú instituto. Este é um milagre continuo daquele bemaventurado espirito, que la no-Ceo está sempre pedindo a Deus, pola propagação, e aumento da Religiam que ca deixou: unir tantas vontades, para imitarem uma Religiam, que nam conta longa ferie de feculos, mas que é a mais moderna, entre as famozas. Nam, nam quero referir mais singularidades. Intraria na verdade em uma materia vastissima, que me-daria argumento, para muitos e dilatados panegiricos; mas excederia os meus limites. Só confidero, o que faz em Portugal, e o que pratica no feú dominio. Estas coizas occupam de forte a minha ideja, e admirafam, que me-nam-permitem confiderar o demais, aindaque feja grande e singular. Nem tem que me-dizer, que as outras Religioens fagradas todas fe-cansam em obzequio da Igreja: ensinam muito, e edificam muito. Confefo, que todas tem as fuas singularidades: todas merecem fer louvadas: todas dam gloria a Deus, e fervem à Igreja: mas cadauma no feú genero. Nam vejo alguma, que tenha todas as prerogativas, que se-acham juntas, na Religiam da Companhia: e que as-pratique, nam por vaidade, nam por outro interefe mundano; mas por amor de Deus, e por caridade do proximo. Estam todos os Portuguezes tam perfuadidos, desta verdade, que quem quizefe dizer o contrario, seria publicamente escarnecido. Os mefmos Monarcas de Portugal, que sabem justamente estimar a Virtude; nam costumam intregar, a direfam da fua conciencia, fenam aos Religiozos da Companhia. Desde que VV. RR. intráram nefes Reinos, conspiráram todos efes Soberanos a reconhecêlos, como prudentiffimos directores, da conciencia dos omens: e por ifo os elegèram, para feus Confefores. Os Principes, a Caza Real, os Grandes, a maior parte dos omens de letras, e empregos, todos praticam o mefmo. Nam é poffivel, que fe-inganem tantos omens, de diferentes gerarchias, e de incontrados interefes, fem que os-obrigue a experiencia, e a verdade. Em todos os feculos, e entre todos os omens de juizo, o confenfo de todos, foi argumento irrefragavel, da evidencia. Todos os omens prudentes louvam a VV. RR. todos os-engrandecem, todos os buscam, todos fe-fervem das fuas prendas, e virtudes; E afim fam VV. RR. tais como eles intendem.

Mas eu PP. RR. ja faí fóra do-meu argumento. Comefei uma carta, e acho-me engolfado em um elogio: caí naquilo mefmo que dezejava evitar. Nam fei fe ofendi a fua moderação, com as minhas expreffões: que é verdade que nadem do coraçon, e fam proferidas com toda a sinceridade, de um bom amigo; mas emfim fam elogios. Nam obram VV. RR. polos louvores: mas por um fim mais alto, mais grande, mais advel. Nam obram bem para o-parecerem, e para que todos o-conheçam: mas porque o feú instituto afim os obriga: afim foram criados: vivem per-

persuadidos dilo mesmo: e nam podem obrar de outra sorte. Este é o ologio, que aquelle encarecido Romano (I) deu la, ao seu Catam Uticente, com adulasam excessiva: mas que eu intendo, que só se-pode aplicar a VV. RR. nam com lizonja, mas com verdade notoria; porque o-digo publicamente, e a todo o mundo. Assim é, nam obram bem os Religiozos da Companhia, para agradar ao mundo, e conseguir os seus louvores: e dezejando eu fazer-lhe a vontade, nam devo opor-me aos seus dezejos. Verdade é, que falando desta Religiam, dificultosamente podia deixar de expremir, alguma coiza do que intendo. Mas VV. RR. nam permitem; eu me-desdigo, e dou por nam dito, quanto até aqui tenho significado. Só digo, que lhe-ofereço, e dedico as cartas de um autor, que conforme julgáram os omens doutos, que as-lêram, conheceo o verdadeiro modo de estudar: e para o-conseguir, deu excelentes doutrinas: e quem as ler com animo dezapaixonado, e tiver voto na materia, achará nelas tudo o que é necessario, para aquistar o bom gosto literario; quero dizer, um juizo critico, que ensine abraçar somente o que se-deve, em todo o genero de estudos. Acho nelas algumas vezes, certas palavras, e diversidade na uniam dos-Pronomes, e outras particulas com os Verbos &c. conforme o idiotismo Italiano; que o autor pode ser que mudáse, se-lhe-puzesse a ultima mam: porque me-parece, que era bem informado da-lingua Portugueza, e nam pecou por-ignorancia. Mas se nelas á algumas coizas que emendar, e acrescentar, quem melhor o-pode fazer, que VV. RR. Comque ponho-as nas suas maons; e ofereço-as ao seu criterio: e só direi o que me-pertence, a cerca da presente edisam.

O autor segue uma Ortografia particular, (que eu, movido das mesmas razoens, abrasei) e que ainda nam está bem recebida, nese Reino: e assim para nam parecer novidade, será precizo ler as cartas, como se-acham impresas: observando bem a primeira, na qual dá razam, da sua Ortografia. Mas como em outras cartas explica varias coizas, que aqui nam se-acham; devo declarálas, para que os leitores formem conceito, das opinioens do autor. Em certa carta, escrita entre a primeira, e segunda do primeiro tomo, diz, que nam obstante que disesse, que a linha se-pode pôr entre as disoens, para evitar os equivocos: v. g. na particula *por*, quando significa *causa*, para a-distinguir do-verbo *pôr*: ou tambem nas particulas *no*, *do*, *da*; para as-distinguir dos sustantivos *nó*, *dó*, e do verbo, *dó*, *dás*: Contudo observando ao despois, que podia embarasar os principiantes, ver, as linhas nestas particulas, que sam frequentes; julgára mais acertado, tirálas das ditas particulas: como tambem de todas as terminasoens plurais dos verbos: v. g. *difera-mos*, *amaria-mos*, *quizer-mos*, *fixer-des* &c. pola razam que estas terminasoens sam mui frequentes, e todos as-intendem mui bem. Acrescenta, que tambem nam se-deve pôr, naquelas palavras e verbos, em que se-acrescenta uma letra, para evitar uniam de vogais, que fasam equivocos. v. g. *fazêla*, quando vale o r

(I) Velleio Paterculo.

mo, que *fazer-a*, isto é, *fazer esta coisa*. Também quando se-introduz o pronome no verbo: v. g. *dirmeam*, que vale o mesmo que, *diram-me*: *falosa*, *obligalosa*, que muitos escrevem mal assim; *falofia*, *obligalofia*: porque adita palavra compoem-se destas: *faria-os obligaria-os*: acrescentando um *l*, para facilitar a pronuncia das-vogais: onde separando, *ia*, separam uma parte necessaria da palavra, e fazem erro. Nestes cazos diz, que baltta o acento em *fazela*, *dirmeam*, *obligalosa*. Aindaque na primeira, e semelhantes, quando sam imperativos, *faze-la*, *quere-la* &c. que valem, *faze-a*, *quere-a*; nam reprova que se-ponha a linha, para mostrar que é esdruxo-la, e que se-pronuncia diferentemente. Assimque para facilitar a Ortografia, somente deixa as ditas linhas nestes cazos. I. Na uniam dos pronomes com os verbos, ou das particulas que servem de pronomes, e sam diferentes das terminações dos verbos: v. g. *fazemos-lhe*, *lhes-fazem*, *nos-dizem*, *dizem-no*, *o-dizem*, *as-querem*. II. Nos verbos impessoais, que unem com o reciproco: *fazem-se*, *chamam-se*, *se-nam-fazem*: ou também nestes; *nos-explicarmos*, *nos-irmos* &c. e outras unioens semelhantes: como no verbo *à* quando une com a particula *je*: porque sempre se-pronuncia unido: *se-à-de*, *am-de* &c. Tudo isto advertira confuzamente; no lugar apontado: mas aqui o-explica melhor. E com effeito tendo escrito com as linhas, as primeiras trez cartas, nas seguintes observa as regras, que aqui dá. E devendo eu, ou tirar as linhas de todas, ou polas em todas, para proceder coerente; segui esta segunda parte: aindaque em algum plural de verbo, alguma vez a-nam-puz. A quem nam agradar, observe as regras que o nosso autor dá; que eu também observo.

Adverte na mesma carta o autor, que seria utilissimo, que os omens doutos, seguindo a regra da pronuncia, puzessem *i* em muitos verbos, e nomes que neles nascem, que se-pronunciam geralmente com *i*; e nam se-podem pronunciar com *e*, sem se-esforçar: v. g. *emprestar*, *engrandecer*, *envergonhar* &c. Diz porem, que ele só o-praticou em poucos, e mais comuns, v. g. *intrar*, *incontrar*, *inganar*, *intender*, *ingenhar*, *importar*, *informar*, e algum outro rarissimo. O que fez, para nam escandalizar de um jato os leitores, pouco informados destas coizas: mas aconselhava, que pouco a pouco se-introduzissem com *i*. Como também se-escrevessem com *e*, alguns infinitos, v. g. *admetir*, *permetir*, *deferir*, &c. nam obstante se-pronunciarem com *i*, os presentes &c.

Em algumas partes, de duas ou trez palavras compoem o autor uma só: *damefma*, *contantoque*, *namobstanteque*. Outras vezes escreve-as separadas: *com tanto que*, *nam obstante que*, &c. o que eu conservei na impressam. Mas diz o autor que o-fez, para mostrar, que se-podem unir, e separar, como cadaum quizer: O que fazem os seus Italianos, em varias palavras: e os mesmos Latinos em *paulo minus*, *nihilominus*, *quam ob rem*, *et enim* &c. que escrevem ou separadas, ou juntas, como lhe-parece mais gante. Mas o nosso autor comumente escreve-as unidas.

Algun erro de Ortografia segundo os tais principios, se-cometeo

nesta edisam: o que moralmente nam se-podia evitar, nam sendo o mes-
mo autor, o que corre a impresam. Estes parece-me que se-podem redu-
zir, a varios capitulos. I. Puzeram algumas vezes acento agudo, em lugar
do grave; e polo contrario: o que o autor distingue mui bem. II. Falta o
acento em algumas palavras, em que o autor costuma polo, ou para evitar
equivoco, ou para facilitar a pronuncia: v. g. *seria*, verbo: e *seria* adje-
tivo: *escreveram*, preterito remoto; e *escreveram*, futuro: *fôrma*, nome
da escola; e *fôrma*, nome de artifice: &c. aindaque neste particular o con-
texto, comumente tira o equivoco. III. Acha-se alguma linha, em parte
onde nam devia; ou falta onde devia: mas sam cazos mais raros. IV. Va-
rias vezes escreveram *i*; por *e*, em *admitir*, *desfirir*, *presfirir*, *permitir* &c.
que o autor sempre escreve por *e*, *admetir* &c. conformando-se, segundo
diz, com a pronuncia comua, e facil, que sempre exprime o *e*, tirando
em bem poucos. Polo contrario puzeram tambem *e* por *i*, em *ingano*, *in-*
contrar, *intrar*, *inganar* &c. que o autor sempre escreve por *i*, pola mes-
ma razam da pronuncia. V. Falta alguma virgula onde devia estar, segun-
do os principios do autor: e alguma se-acrecentou. VI. Dividiram algumas
palavras mal no-fim das regras: v. g. *min-ha*, *conheso*, *mel-hor*, *ba-fra*,
&c. devendo porem o *n*, e *l* das primeiras unir-se com *h*; e o *s* da segun-
da com o *a*. Em *inco-gnito*, *per-spectiva*, e outras poucas que tem origem
Latina, ou sam quazi Latinas, intendo que é melhor, dividilas nesta fór-
ma, seguindo o estylo Latino.

Estes erros succederam mais frequentemente, nos principios de am-
bos os tomos, que se imprimiam juntos: tempo em que o corretor nam ti-
nha toda a noticia, da Orthografia do autor. Mas como os ditos erros nam
pervertem o sentido do-discurso; por isto os-nam-apontei nas erratas. E assim
só apontei aqueles, que me-apareceram que mudavam o sentido, ou que
eram totalmente contrarios, ao estylo do autor, ou comum da dita lingua.
Com as reflexoens que aqui aponto, pode o leitor cortex emendálos, quan-
do s'incontrarem: tendo á vista esta regra: Que achando-se diversidade em
alguma palavra, que às vezes tem uma letra, e n'outras ocazioens letra di-
ferente; obierve o que é mais frequente; e saiba, que isto é o que o autor
aprova.

Advirto alem disto, que os que impremiram estes tomos, serviram-
se deste U, para vogal; e d'estouro V, para consoante. Tambem advirto,
que a minha impressa nam tinham estas duas linhas =, para pôr no-fim
da-regra, na divizam forçada das-palavras: (o que seria necessario para distin-
guir, o que o autor aponta, na primeira carta) e assim puz somente, a
linha simplez. O que advirto ao leitor, paraque nam estranhe, faltarem
aquelas duas linhas, que o autor encomenda, e pratica: aindaque com uma
só linha, muito bem se-conhece, e distingue o sentido. Finalmente advir-
to, que puz alguns titulos das materias, no corpo de algumas cartas. v. g.
na da Gramatica, Medicina, &c. o que fiz, para facilitar a intelligencia
leitores, e distinguir as materias. Isto é, RR. P. o que tenho que ad

nesta carta, sobre a impressam, e intelligencia das-ditas cartas. O mais que se-contem nelas, compendiei nos-sumarios, que puz no-principio de cada-uma, e tambem se-acham no-Index, de cada tomo. Nem me-pertence animo formar juizo delas, quando as-ofereço a pessoas tam doutas, de quem eu devo receber os ditames. Onde acabo a prezente carta, repetindo de novo a VV. RR. a venerasam que lhe-tenho, e dezejando-lhe as maiores felicidades, e a toda a sua Religiam.

I N D E X.

Do que Contem as cartas do primeiro Tomo.

C A R T A I.

Motivo desta correspondencia: e como se-deve continuar. Mostra-se, com o exemplo dos Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portugueza, para comesar os estudos. Dá-se uma ideia, da melhor Ortografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da Mocidade. Pagina 1.

C A R T A II.

DAnos que rezultam da Gramatica Latina, que comumente se-ensina. Motivos porque nas escolas de Portugal, nam se-melhora de metodo. Nova ideia de uma Gramatica Latina facilissima, com que, em um ano, se-pode aprender fundamentalmente Gramatica &c. pag. 48.

C A R T A III.

ABuxos que se-introduziram em Portugal, no ensinar a lingua Latina. Mau modo que os mestres tem, para instruir a Mocidade. Propoem-se o metodo, que se-deve observar, para saber com fundamento, e facilidade, o que é pura Latinidade. Necessidade da Geografia, Cronologia, e Istoria, para poder intender os livros Latinos. Apontam-se os autores, de que os mestres se-devem servir na Latinidade: e como devem servir-se deles; e explicálos com utilidade: e as melhores edisoens. Apontam-se o modo de cultivar a Memoria, e exercitar o Latim nas escolas. pag. 60.

C A R T A IV.

Neceidade das linguas Orientais, principalmente Grega, e Ebraica, para intender as letras Umanas muito principalmente, para a Teologia. Modo de as-aprender. Utilidade da lingua Franceza, e Italiana, para ser erudito com facilidade, e sem despeza. pagina. 91.

C A R T A V.

Discorre-se da utilidade, e necessidade da Retorica. Mau metodo com que se-trata em Portugal. Vicios dos Pregadores; que sam totalmente ignorantes de Retorica. Que absolutamente deve deixar o antigo estilo, quem quer saber Retorica. pag. 101.

C A R T A VI.

Continua-se a mesma materia da Retorica. Fazem-se algumas reflexoens, sobre o que é verdadeira Retorica, e origem dela. Que coiza sejam figuras, e como devemos uzar delas. Diversidade dos estilos, e modo de os-praticar: e vicios dos que os-nam-admitem, e praticam. Qual seja o metodo de persuadir. Qual o metodo dos panegiricos, e outros sermoens. Como se-deve ensinar Retorica aos rapazes, e ainda aos mestres. Algumas reflexoens, sobre as obras do P. Antonio Vieira. pag. 102.

C A R T A VII.

F Ala-se da Poezia. Os Portuguezes são menos versadores. Prejuizos dos mestres, de não poetarem em Vulgar. Que coisa seja ingenho bom, e mau. Especies de obras de mau ingenho, em que caíram alguns Antigos, mas principalmente os Modernos. Necessidade do Criterio, e Retorica, em toda a sorte de Poezia. Primeiro defeito de Poezia, a inverosimilitude: exemplos. Segundo defeito, os argumentos ridiculos. Reflexões particulares, sobre as composições pequenas Portuguezas; que não podem dar nome, a um homem: defeitos da Nasam, provados com exemplos. Reflexões sobre o Epigramma Latino, Elogios, inscrições Lapidares, Eglogas, Odes, Satiras, poemas Epicos. Que os Portuguezes não conhecêram as leis, do poema Epico: prova-se com Camoens, Chagas, Botelho de Moraes. Aponta-se o metodo, com que se deve regular os rapazes, no estudo da Poezia. Nova ideia de uma Arte Poetica, util para a Mocidade.

pag. 176.

C A R T A VIII.

T Rata-se da Filozofia. Mau metodo com que se trata em Portugal. Advertencia das outras Nações, em procurar a Ciencia. Necessidade da historia da Filozofia, para se livrar de prejuizos. Ideia da serie filozofica. Danos e impropriedades da Logica, que comumente se explica. Dá-se uma ideia, da boa Logica.

pag. 272.



CARTA PRIMEIRA.

SUMARIO.

Algea

Motivo desta correspondencia: e como se-deve continuar. Mostra-se, com o exemplo dos-Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portugueza, para comesar os estudos. Da-se uma ideia, da-melhor Ortografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do-Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da-Mocidade.

MEU amigo e senhor. Nesta ultima carta, que recebo de V.P.entre varias coizas que me-propõem, é a principal, o dezejo que tem, de que eu lhe diga o meu parecer, sobre o metodo dos-estudos deste Reino: e lhe diga seriamente, se me-parece racionavel, para formar omens, que sejam utis, para a Republica, e Religiam: ou que coiza se-pode mudar, para conseguir o dito intento. Alem disto, quer tambem, que eu lhe-dé alguma ideia, dos-estudos das-outras Nafoes, que eu tenho visto. Quanto às outras proguntas, parece-me que bastantemente respondo, inviando-lhe o papel incluzo: no-qual achará, tudo o que queria saber. Mas polo que respeita ao negocio, dos-metodos diferentes de estudos, duvidei por-algum tempo, se obedeceria a V. P. e tinha algumas razoes, que me-pareciam forsozas; suposta a grande pratica que tenho, deste mundo, e deste Reino. Eu sou Estrangeiro: e com dificuldade me-explicarei em uma lingua, que nam manei no-berfo. Que nas minhas cartas particulares, eu cometa erros, a bondade de V. P. mos-desculpa. mas se eu escrever em materia, que se-posa mostrar a outrem; e me-fugir da-boca, alguma exprefam menos propria; averá censores tam dezumanos, que me-condenem, por escrever em lingua alheia, talvez sem advertirem, que isto está sucedendo todos os dias, aos mefmos nacionais, que frequentemente os-cometem. Alem disto, sempre foi coiza odioza, dar regras em caza alheia: e lembrando-me eu de alguns, que me-diseram muito mal do-grande servifo que fez ao Reino o P. Bluteau, compondo o seu Vocabulario; via de longe, a tempestade que se-levantaria contra mim, se

meu parecer tivese a infelicidade, de sair das-maons de V.P. Mas a maior razam era, porque isto, de emendar o mundo, e principalmente o querer arrancar certas opinioens, do-animo de omens envelhecidos nelas, e confagradas ja por-um costume, de que nam à memoria; é negocio, que excede as forsas de um só omem: e principalmente de um omem, de tam pouco merecimento, e autoridade como eu. E V.P. que é tam versado na Istoria, pode trazer à memoria, mil exemplos destes, que deram, e ainda oje dam, ao mundo Literario, materia de grande admirasam. Lembrou-me tambem, que eu sou Religiozo, em uma Religiam, em que geralmente florecem pouco os estudos: e que por-este principio, nam faltariam omens ainda prezados de doutos, que, se chegarem a saber, de quem eram as cartas, as-desprezarem; sem terem a paciencia, de examinar as minhas razoens: por se-perfuadirem, que certos accidentes exteriores, de emprego, vestido, &c. conduzem muito, para o merecimento das-obras: e que, sem pizar os ladrihos de certas Univerfidades, nam se pode fazer coiza boa.

Estas, e outras coizas, que se me-ofereceram à memoria, me-tiveram, como lhe-dise, duvidozo. Finalmente as repetidas instancias que V. P. me-faz: a sua grande autoridade: e as plauziveis razoens que me-alega, me-fizeram pegar na pena, para escrever o meu parecer. V. P. segura-me certas coizas, que nam sam de pouca considerasam. Diz-me, que oje á muita gente do-seu parecer, nam só entre os Seculares, mas tambem entre os Regulares: de que me-cita bons exemplos. Diz-me, que o bom gosto nas Artes, e Ciencias, se-começou a introduzir em Portugal, no-feliz reinado deste Augusto Monarca: o qual nisto tem ajudado mais o Reino, que todos os seus antecessores. Finalmente promete-me, que as minhas cartas, nam sairám da sua mam, ao menos em meu nome. Com estas condicoens, obedese a V.P. e me-gloreio muito, que um omem da-sua literatura, nam despreze o parecer, de um fugeito de tam pouca doutrina. Dividirei o argumento, em varias cartas: e como as minhas occupaçoens, e molestias mo-permitirem, irei comunicando a V.P. as minhas reflexoens. Devo porem, nesta primeira carta, fazer algumas protestas. Primeira: Que eu nam acuzo, ou condeno, pessoa alguma deste Reino. Se às vezes nam me-agradam as opinioens, nem por-isto estimo menos os fugeitos, e autores. distingo muito o merecimento pessoal, do-estilo de cada um, ou metodo que observa: e posso fazer esta separasam, sem ofender pessoa alguma.

Esta reflexam para V. P. é superflua, pois conhese mui bem o meu animo; e sabe, que eu só pego na pena, para lhe-dar gosto. Mas porque poderá ler esta carta, a algum ignorante, ou malevolo; que intenda, que eu, dizendo o que me-parece dos-estudos, com isto digo mal, da-Religiam da-Companhia de Jezm; que neste Reino, é a que principalmente ensina a Modicade: devo declarar, que nam é esse o meu animo. Eu venero esta Religiam. doutrinada, por-agradecimento, e por-justisa. Por-agradecimento, que se peço que se, eles mo-ensinaram: e ainda que nas escolas nam aprendendo, aprendi-o conversando com eles particularmente, e lendo os seus au-

autores. Sempre conservei com eles, intrinseca amizade: e disto conservei uma memoria sempiterna. Por-justiça, porque sendo todas as Religioens veneraveis; esta o-é mais que todas, segundo a minha opiniaõ. Parece que mandou Deus à Igreja estes Religiozos, unicamente para utilidade dos-proximos. pois eles ensinam a doutrina, e piedade, com grande amor, e trabalho: sacrificam-se polos Fieis, em todas as ocazioens; e são perpetuos defensores da-Igreja Catolica, como confessam os mesmos Erejes. Estes são os motivos da-minha veneraçã, e parcialidade por-elles. Mas assimcomo-nem todos os Jezuitas, seguem as mesmas opinioens de doutrina, mas permitem aos seus mesmos, a liberdade de filozofar, dentro dos-limites do-justo; e uns são contrarios de sentimentos a outros: Assimcomo alguns Jezuitas Estrangeiros, tem reprovado diante de mim, o metodo de Portugal; e alguns Portuguezes me-confesaram, que o-seguiam por-necessidade, e nam por eleisãm; e confessaram limpamente, que se-podia, e devia emendar em muitas coizas: (achará V. P. muitos, que lhe-digam, que aquela Logica Carvalha, e Barreta, nam se-deviam explicar nas escolas, mas coizas mais utis: o que eu ouvi muitas vezes) Assim tambem nam será maravilha, que eu me-desvie em muitas coizas, do-estilo que seguem, os Religiozos da-Campainha neste Reino: e reprove outras, que observam alguns dos-seus autores. Para tudo teria exemplos na mesma Companhia, e tambem em Portugal. Mas nam me-é necessario tanto: porque os mesmos Jezuitas, reconhecem de antemam esta verdade; e sabem, que, sem injuriar uma Religiam, pode um omem, ser de contrario parecer. Conhecem muito bem estes doutos Religiozos, que nestas diferencas de pareceres, nam deve entrar o coraçã, porque estãm fora da-sua jurisdicãm: e se-podem dar entre peoas, mui unidas de inclinãm. Os Jezuitas todos são prudentes: e nenhum omem prudente ignora, e contrareia estas coizas. Os individuos de uma comunidade, nem todos são de igual talento: e as comunidades de uma Religiam, nem todas seguem o mesmo metodo. Alem disto, aqui em Portugal, à muita outra gente que ensina. os outros Religiozos, ensinam os seus, e os de fora. os mestres seculares, tambem ensinam. E assim as minhas opinioens, podem ter por-objeto, nam uma só peoã. Isto me-bastã advertir a estas peoas, que querem saber mais os autores: e quererãm explicar, e interpretar mal as minhas palavras. Onde concluo, que a todos venho, e estimo mui particularmente: somente direi, o que me-parece se-devia fazer, para poder instruir com fruto. A segunda coiza é: que eu nam me-cansarei, em escrever Portuguez elegante: mas me-servirei das-palavras, de que comumente me-sirvo, no-discurso familiar. Nas materias de doutrina, por-forã devo servir-me, de algumas palavras, que nam são Portuguezas: o que tambem fazem os Latinos, quando tratam semelhantes pontos. porque no-estado em que as coizas estãm, nam se-servindo das-ditas palavras, é possível, explicar bem as materias. E assim deve V. P. estar prepa-

para nam se admirar, de alguns termos novos; e para me desculpar, os erros que possa cometer. Ocorre-me ainda terceira: e vem a ser, que eu supponho, que V. P. me dispensa, de citar todos os momentos autores, de que tiro algumas das noticias, que lhe disser. com tanto que eu aponte, o que é necessario, nam importa quem o diz. Basta que eu diga, uma vez por todas, que a maior parte do que digo, experimentei eu mesmo: outras coizas, observei em terceira pessoa; ou li em autor aprovado. V. P. olhe para a razam, em que eu me fundo: porque esta deve valer mais, que a autoridade extrinseca. Tambem incidentemente digo, nam a V. P. que sabe conhecer as coizas; mas a algum, que possa ler estas cartas: que, se algumas vezes apontar como optimos, alguns autores Erejes, nam louvo nelles a sua particular religiam, mas a erudisam, ou metodo. Comumente avizarei, quaes sam os Erejes, para que nam se loiam, sem licenfa devida. Mas se acazo me esquecer entam advertilo, aqui o advirto para sempre.

Comeso pois nesta carta, pola Gramatica: que é a porta dos outros estudos: da qual depende, a boa eleisam dos-mais. Porque muitos nam intendem, o que significa este nome, por-iso nam fazem, grande progresso na Gramatica. Eu, ainda que falo com V. P. que o sabe, falarei daqui em diante, como se falasse, com quem o nam soubele.

A Gramatica, é a arte de escrever, e falar corretamente. Todos aprendem a sua lingua no-berfo: mas se acazo se contentam com esta noticia, nunca falarám como omens doutos. Os primeiros mestres das linguas vivas, comumente sam molheres, ou gente de pouca literatura: de que vem, que se aprende a propria lingua com muito erro, e palavra impropria, e pola maior parte palavras plebeias. E' necessario emendar com o estudo, os erros daquela primeira doutrina. Uma razam, ainda que boa, um pensamento exquisito, exposto com palavras toscas, ou que nam signifiquem, o que se quer; dezagrada muito, e comumente nam persuade. Contudo isto por-muitos seculos, se contentáram os Omens, de falar, como primeiro lhe ensinaram. Nam foi senam despois do-terceiro milenario, que os Omens, se applicáram a falar bem. Foram os Gregos os primeiros, de que a Istoria nos aponta, que se applicasem a este estudo: e tal vez os unicos, entre todos os Orientais. A sua Gramatica consistia; em conhecer bem as diferencias das-letas: ler, escrever, e falar bem. Explicavam tambem os Poetas; nos-quais aprendiam a Politica, e Religiam. O governo da-Grecia, que era quazi todo de Republica, (nas quais as publicas assembleias do-Povo, deliberavam nos-maiores negocios) lhe inspirou este dezejo. conhecéram eles, quanto importava falar bem, para falar em publico: e se applicáram tanto a isto, que deram, e ainda oje dam, documentos a todo o mundo. Talvez niso foram mais scrupulosos do que convinha: porque, para conservar a sua lingua pura, nam queriam aprender, lingua alguma estrangeira. Estavam tam satisfeitos, das qualidades da-sua lingua, que quazi desprezavam as outras todas. desorte que

quando

quando os Romanos, depois de vencidos os Gregos, os transportaram a Roma; avendo nesta tantos, e de diferentes gerarchias, se-observou (como nota um autor de bom juizo) que os Romanos, aprenderam o Grego; mas nenhum Grego, estudou a lingua Romana: aindaque com o uzo, alguma coiza entendese. Este costume, durava ainda nos-tempos de Cicero.

Com a lingua pasou da-Grecia para Roma, a inclinaram para a Gramatica. porque se-observou, que a lingua Latina se-comesou a aperfeiloar, desde o tempo dos-Cipioens, e continuou até o seculo de Augusto. que é justamente o tempo, em que os Gregos, destruido o seu imperio, comunicaram a sua lingua aos Romanos. Pois aindaque, desde o tempo da-guerra com os Sanitas, e outros Povos da-Magna Grecia, pelos anos de Roma 471. algum Romano comesase a intender, e falar o Grego; foi raro; e somente para poder entendelos nas Embaixadas, e coizas semelhantes, é que se-aprendiam. nam era vulgar este estilo: o que só succedeo ao depois. Foram os Romanos os primeiros, que aprenderam voluntariamente lingua estrangeira. o que nam consta, que Povo algum, antes deles, tivesse feito. E nisto mesmo, me-parecem mais racionaveis: porque conhecendo a necessidade dela, para o estudo da-Filozofia, Matematica, e belas Letras, nam se-entvergonharam de receber liçoens, daqueles mesmos a quem tinham vencido, e davam leis. Este é um grande elogio, para uma Nasam tam considerada, como a Romana: conhecer que é vencida em merecimento; e confessar publicamente este vencimento; e pér o remedio a esta falta. Paolo Emilio, aquele grande omem, que destruiu na pessoa de Perseo, o imperio de Macedonia, antes de tornar para Roma, pediu aos Atheniezes, que lhe-buscasem um excelente Filozofio, para acabar de instruir, seus dois filhos. Outros omens grandes, que por-brevidade nam aponto, seguiram o seu exemplo. Lelio, e Cipiano Emiliano, que tanto sabiam a lingua Romana, eram inseparaveis, dos-seus mestres Gregos: dos-quaes nam só aprendiam a Filozofia, mas tambem a Gramatica; e o modo de falar bem, e aperfeiloar a sua lingua. Os Filozofos daquele tempo, nam se-ocupavam somente, com discursos aereos de Logica; mas estendiam o seu conhecimento, para muitas outras coizas.

Mas, é necessario confessar uma verdade; em todo o tempo ouve dificuldade, em se-receberem costumes novos, ainda que fossem utis. os Velhos nam querem ceder dos-costumes, que uma vez esposaram. Isto vimos em Roma, no-consulado de Estrabo, e Messala: que publicaram um decreto, em que ordenavam aos Filozofos, e Retoricos, sairem de Roma. (1.) Catam o velho, que temia, que os Romanos, pola vaidades de quererem falar bem, servissem mal à Republica no-officio das-armas; foi um grande protetor disto. Mas a Verdade, por-mais que se encubra, sempre transpira. Trez Embaixadores Atheniezes, que, cinco ou seis anos depois do-tal

(1) Sueton. de Cl. Rhet. C. I.

creto, vieram a Roma, namoráram todos com os seus discursos. e, nam obstante a repugnancia de Catam, e de alguns outros, os estudos das belas Letras se-introduziram em Roma, e cada dia mais se-aumentáram. (1) A Grecia foi reconhecida por-mestra: e Atenas foi sempre reputada, a Univerfidade de Roma: aonde se-mauidavam os nobres Romanos, para aprenderem o bom gosto. Os dois celebres Antonios, Atico, Cicero pai, e filho, e muitos outros lá foram aprender o que souberam. e o que mais cauza admirafam, é, irem em tempo, que as letras tinham defcaido na Grecia. tal era a boa opiniam que tinham dela! Outros muitos Gregos vinham a Roma, e publicamente ensinavam, os estudos Gregos.

Com este exemplo, pouco mais de um feculo antes de Cristo, se-abriram escolas Latinas em Roma. as quais, ainda que com alguma contrariedade, felizmente, e com grande concurso se-continuáram. Delas saíram omens mui grandes, que apuráram, quanto puderam, a lingua propria. Tais foram Cota, Sulpicio, Ortenfio, Marco Cicero, Caio Cezar, Marco Bruto, Messala, Afinio Pollio, e muitos outros que entam, e oje veneramos, como mestres da-lingua Latina. A' imitafam dos-Gregos, comesáram os Romanos a aprender, a Gramatica da-sua lingua, no-mesmo tempo que aprendiam a Grega. A Gramatica, nam se reputava, coiza de pouca importancia: mas a-confideravam como baze da-Eloquencia: e por isso a ela se-aplicavam omens grandes; e nela empregavam um tempo consideravel, os que queriam, fazer figura na Republica. Os livros Retoricos de Cicero, principalmente os trez *de Oratore ad Quintum Fratrem*, especialmente o ultimo: o livro intitulado: *Orator ad Marcum Brutum*: e o *de Oratoriis Partitionibus*: nam só ensinavam Retorica, mas principalmente falar a sua lingua, com toda a pureza, e grafa: que era uma parte principal da-Retorica. Caio Julio Cezar, aquele grande omem em armas, e letras, nam se-envergonhou, de escrever dois livros, sobre a Analogia da-lingua Latina. (2) Marco Terencio Varram escreveu comentarios doutifimos sobre a sua lingua, e uma Gramatica. Continuou este costume, até o tempo de Quintiliano, e seu dicipulo Plinio o mofo: o qual Quintiliano, alem de nos-explicar, como se-enfinava a Gramatica Latina; ele mesmo nos-deixou uns Elementos dela, no primeiro livro das-suas Instituisoens. E é de crer, que se-continuase este estilo, até os principios do-quinto feculo de Cristo; em que os Godos entráram em Roma: ou um pouco despois, em que os Ostrogodos se-estabeleceram na Italia, e arruináram o imperio Latino: abrindo com isto a porta aos Longobardos, que nela domináram tantos anos. Desfortequé com o Imperio no-Occidente, se-pode dizer, que se arruinou a lingua Latina: porque comesando a destruir-se, com a mesclã de outras palavras, foi necessario emendála com o estudo, e fazer Gramatica dela. Este

*Auditis oratoribus Græcis, cogni-
e eorum literis, adhibiti sique doc-
incredibili quodam nostri*

*homines dicendi studio flagraverunt.
Cicero l. I. de Orat. num. xiv.*

(2) *A. Gel. l. I. c. 8.*

Este metodo de ensinar aos nacionais, a Gramatica da-sua lingua, nam só praticáram os Antigos; mas até em um seculo barbaro, qual foi o de Carlo Magno, foi conhecido, e praticado: e o mesmo Carlo no-dito VIII. seculo, escreveo uma Gramatica Tudeica, que era a lingua da-sua corte. Nos-seguintes seculos até o duodecimo, em que a ignorancia tanto dominou, nam foi ignoto este uzo. Mas alguma Gramatica que se-fazia, era para intender o Latim. os livros eram rarissimos. a critica nenhuma. e assim nam é maravilha, se nam se-aplicáram ao que deviam. Desde o seculo duodecimo até todo o seculo dccimo-sexto, reinou outra particular ignorancia, sobre o metodo. Muitos se-aplicaram às letras, mas muito mal. só reinavam as agudezas, e o estilo ridiculo. No-seculo pasado, é que resuscitou este metodo, de ensinar a Gramatica da-propria lingua.

E, na verdade, o primeiro principio de todos os estudos deve ser, a Gramatica da-propria lingua. A razam porque nos-parece tam dificultoso, o estudo da-Gramatica Latina; (alem de outros motivos que em seu lugar direi) é porque nos-perluadimos, que toda aquela machina de regras, é particular da-lingua Latina: e nam á quem nos-advirta, quais sam as formas particulares desta lingua, a que chamam *Idiotismos*: quais as comuas com as outras. Se a um rapaz que comela, explicassem, e mostrassem na sua propria lingua, que á Verbo, Cazo, Adverbio &c. que á formas particulares de falar, deque se-compoem, a Sintaxe da-sua lingua: Se sem tantas regras, mas com mui simplezes explicaçoens, fizessem, com que os principiantes reflectissem, que, sem advirtirem, executam as regras, que se-acham nos-livros: e isto, sem genero algum de preceitos, mas polo ouvirem, e exercitarem: Seguro a V. P. que abririam os olhos por-uma vez, e intenderiam as coizas bem: e se-facilitaria a percesám das-linguas todas.

Isto suposto, julgo que este deve ser, o primeiro estudo da-Mocidade. e que a primeira coiza, que se lhe deve apresentar é, uma Gramatica da-sua lingua, curta, e clara: porque neste particular, a voz do-Mestre, faz mais que os preceitos. E nam se-devem intimidar os rapazes, com mau modo, ou pancadas, como todos os dias succede: mas, com grande paciencia, explicar-lhe as regras: e, sobre tudo, mostrar-lhe nos-seus meimos discursos, ou em algum livro vulgar, e carta bem escrita, e facil; o exercicio, e a razam, de todos eses preceitos. Se me-tocase o-fazelo, regularia tudo desta maneira. Primeiro, explicaria brevemente as regras: e obrigalosa a repetir, as meimas noticias gerais. Depois, darlheia um livro de Cartas, vg. as do-P. Antonio Vieira: escolhendo as mais facis: ou alguma istoria pequena, digo, que tivese capitulos pequenos, e periodos nam mui compridos: e mandaria, que a-lessem: e no-mesmo tempo apontaria, quais eram as partes da-orasam. o que se-observa, com grande facilidade. Juntaria a isto, as regras mais principais de Sintaxe: porque como tudo se-á de recozer na Latinidade, basta nesta ocaziam, uma noticia geral.

tos estes principios, ensinaria duas coizas, mui principaie em matéria de linguas. a primeira é, a propriedade das-palavras: mostrando-lhe, a força de cada uma daquelas, que iam menos comuas. a segunda é, a naturalidade da-frase: ensinando-lhe, que a afetaçam, se-deve fugir em tudo: e que se-deve cuidar em explicar tudo, com palavras mui naturais. Alem disto, ensinaria aos rapazes, pronunciar bem, e ler expeditamente. Este ponto, é mui necessario: achando-lê todos os dias omens feitos, que lem soletrando, e cantando: e que dizem mil barbarismos. o que tudo procede, de nam terem tido mestres, que lhes-ensinassem bem. Quando os rapazes estivessem mais adiantados, obrigá-losia, a escrever algumas cartas, a diversos assuntos. e introduziria entre dois, uma correspondencia epistolar: ensinando-lhe os tratamentos, e modo de escrever, a diversas peoas. Nesta ocaziã tem lugar, ensinar-lhe a boa Ortografia, e Pontuaçam. E' incrivel, a utilidade que daqui resulta, nam só para a intelligencia da-Latinidade; mas para todos os estudos da-vida. Este estudo pode-se fazer, sem trabalho algum: e se-pode continuar no-mesmo tempo, em que se-explica o Latim: bastando meia ora cada menha, ler, e explicar o Portuguez. Isto se-pratica oje, em algumas partes da-Europa. e só os que nam tem juizo, para conhecerem a utilidade, que daqui rezulta, é que negam, a neccidade deste metodo.

Mas aqui, deixe-me V. P. lamentar, e admirar, a negligencia dos Portuguezes em promover, tudo o que é cultura de ingenho, e utilidade da-Republica. Ainda até aqui, nam tem cuidado nestas coizas: e será rarissimo, o que souber, que esta Gramatica pode ser util. Especialmente nóto isto, sobre a falta de escritos, para instruir um Secretario principiante. (falo dos-secretarios dos-Grandes, e de tudo o mais, forã das-Secretarias Reais.) Nas-outras Nasoens á livros, que ensinam a qualquer, a urbanidade e ceremonial do-seu Reino. Como escrevem os Reis, e os Grandes entre si, e às peoas de diferentes gerarchias mais inferiores. como os inferiores escrevem, a toda a sorte de peoas de maior esfera, tanto Secular, como Ecclesiastica. &c. apontam-se os sobrescritos, e poem-se algumas cartas para exemplar. Isto ensina a todos; e impede o fazer erros. Mas em Portugal, é desconhecido este metodo. Um secretario de um Bispo, ou Cardial, ou Fidalgo, ou Dezembargador &c. governa-se por-uma pura tradisãm; ou porque assim vio alguma carta; sem mais conhecimento da-materia. Comtantoque um moço, tenha um carater comprido, e desembarafado, a que eles chamam, letra de Secretaria, é o que basta. Confesso a V. P. que ainda até aqui, nam vi secretario algum destes, que soubese escrever duas palavras, com juizo. que teccese uma carta, considerando quem escreve, e a quem escreve: e m que circumstancia: se com dependencia, ou sem ela: se por-agradecimento de alguma fineza, atensãm, ou por-outro motivo. Nam consideram circumstancia alguma das: as quaes podem deveriam considerar muito; porque fazem a carta, ou menos abundante de atensãm. Sendo certo, que o Secretario, deve

ve conservar o decóro de feti anno : mas no-mesmo tempo deve procurar, que pareça mais cortez que possa ser. Mas isto , é o que eles nam intendem, e nada mais cuidaõ , que mostrar , nam digo a grandeza , mas a soberba de quem escreve. Vera V. P. um pobre Cavalheiro das-Provincias, do-qual se pode dizer , como disse aquele noso amigo = *Est res angusta domi* = ; escrever uma carta , com mais soberania e magestade , que nam fará o Papa, porque este , comumente poem = *Dilecto filio* = : e aquele , comefará uma carta *ex abrupto* , e imprudentemente , sem atensam alguma. Os de maior gerarquia , ainda fazem pior. e apenas se achará um , que nam quer amoftrar na carta , que é mais , da-pessoa a quem escreve. Por-fóra : costumam pôr = *do-Bispo Fulano : do-Marquez Sicrano* = &c. á coiza mais digna de rizo doque esta ! As cartas mandam-se lacradas , para que ninguem saiba , de quem sam ; e nem suspeite , o que contem : e estes tais poem , e afinam-se de fóra ! Que o-faça o Secretario de Estado , ou outro Ministro , que tem jurisdifam publica : é justo : paraque todos conheçam , de quem é a carta ; e , se mais succeder perdela , quem a-char , a-entregue ; e lhe-tenham o respeito , que é devido. mas que o-falam os outros , e em negocios particulares ; e que o-falam por-grandeza , merece compaixam. Tenho visto milhares de cartas , de Cardiais , Princepes Soberanos de outros Reinos , e muitos outros Gran-senhores , e nenhum praticava esta rapaziada. Mas eu vi mais doque isto : porque vi carta de uma grande pessoa , que V. P. conhece , que escrevia a outro mui condecorado , que tinha no-sobrescrito : *A Fulano* : pondo o simplez nome , sem *Senhor* , nem titulo , &c. e dentro afinava-se , sem lhe-fazer comprimento , como se-faz nas Patentes.

Pertencem à classe acima , os que carregam o sobrescrito , com todas as circunstancias de *Pai* , *Primo* , *Cunhado* &c. o que tudo pode dar ocaziam , a abrir a carta por-curiozidade. O mesmo digo , dos-que poem , *Familiar do-S. Officio* , e outras coizas destas. Basta pôr um titulo principal , ou , quando muito , dois maiores : os mais ja se-intendem , ou se-supõem. Estes sam semelhantes àquelles , de que ja falámos tantas vezes , que , no-titulo das-censuras dos-livros , poem uma enfiada de empregos velhos : *Ex-Provincial* : *Ex-Definidor* : &c. e dos-quais V. P. dizia , com tanta grafa , que lhes-faltava pôr : *Ex-Porteiro* : *Ex-Guardiam* : *Ex-Procurador* . &c. O pior é que nisto , caiem tambem os Seculares : e poem frequentemente : *Colegial que foi no-Colegio de S. Paulo* : *Lente que foi de Leis* , ou *de Instituta* . &c. só lhes-falta acrecentar a prepozifam , e dizer : *Ex-Colegial* : *Ex-Leitor* : *Ex-Secretario* : *Ex-General* : *Ex-Coronel* . Que tendo os empregos , os-declarem ; é mui justo : mas que ponham os que tiveram , e sam inferiores aos que oje tem ; é uma vaidade mal fundada : e é querer ser estimado , mais polos empregos , que polo merecimento. Leia V. P. a istoria , que escreveu Alexandre Ferreira , e verá , que no-titulo da-obra , escreve toda a sua vida. Outros fazem dedicatorias de livros , a pessoas Grandes , e enchem boa m

folha de papel, de titulos: *Capitam-mor de cá: Alcaide-mor de lá: &c.* Quando tivelem dito: *Marquez, ou Conde; Conselheiro, ou General &c.* estes titulos sorvem todos os outros. Destes se-pode tambem dizer, que lhes-esqueceo escrever, todas as quintas, e cazas, que posuem em diversas Villas, e Cidades, as peoas a quem louvam, e dedicam as obras.

Em Italia, seria grande injuria, tratando-se com um grande Principe, por-lhe todos os titulos: porque era mostrar, que sam menos conhecidos polo nome, e peoas. A' cazas, que tem muitos Principados, Marquezados, Condados: e nam sómente de titulo, mas com inteira jurisdicam e dominio, pois tem o direito = *Vita & Necis*: e contentam-se com um só titulo, ou, quando muito, dois: Vg. Lonrenso Colona, Duque de Paliano, Condestavel do-Reino de Napoles. Domingos Orfini, Duque de Gravina. Prospero Conti, Duque de Poli. Estas cazas tam antigas, que algumas contam mais de mil annos, e tem dado, alem de infinitos Cardiais, 13. Papas, outras cinco, à Igreja de Deus; nam fazem vaidade destes ridiculos titulos; porque sabem, que sam mui bem conhecidas. Mas os*** e principalmente os Portuguezes, governam-se por-outros principios. Tem alem disto estes Senhores por-injuria, se lhe-escrevem por-secretario; e quando nam vem toda a carta, de proprio carater, tocam a fogo. Veja V. P. quam diferentes sam, os costumes estrangeiros! Em Roma, aonde o ceremonial está tanto em vigor, que às vezes é excessivo, nam se-faz cazo de tal coiza. escreve um Cardial a outro, por-secretario. escrevem os inferiores &c. por-secretario. Isto nam prova descortezia, mas que um omem, é sumamente ocupado. nem peoa alguma faz cazo disto. Somentem se-pratica, escrever de proprio punho, quando é primeira carta de cerimonia a peoa grande, ou quando respondo, a quem escreve de proprio punho: ou n' outros cazos assim. Mas aqui, seria um cazo rezervado, praticar o contrario.

Ora tudo isto, é intender mal as coizas: é falta de educacam: falta de livros bons: e é expor-se ao rizo dos-omens de juizo. Isto pois deve acautelar o mestre, quando instrue os rapazes. deve informar-se das-coizas: ensinar-lhe como se-devem regular: e finalmente dizer-lhe em poucas palavras aquilo, que, por-falta de livros, sómente se-pode saber, com uma longa experiencia. Estas coizas devem-se tratar, nestes primeiros estudos.

Despois de ter escrito isto, me-veio a mam, uma Gramatica Portugueza, composta polo P. Argote, Teatino. Verdadeiramente nam é Gramatica completa: mas o autor declara, que só dá regras, para facilitar a intelligencia da-lingua Latina. O juizo que formo desta Gramatica, é este. O autor, introduzindo um dialogo enfadonho, disse, em muitas folhas, o que podia dizer em poucas regras. Os dialogos, nam servem mais, que de fazer mil repeticoens sem necessidade. servem de canjar a memoria aos rapazes, sem frutto: ensinando-os a falar como papagaio: visto-que nam intendem o que dizem. quando polo contrario poucos preceitos, bem explicados com a viva voz do-

do-Mestre , ensinam mais , com menos trabalho. Isto , quanto ao metodo. quanto às regras : O que diz da-Analogia das-vozes , parece-me mui bem ; e pode-se ensinar com utilidade. A Sintaxe de *concordar* , pode passar : a de *reger* , nada me-agrada. O P. Argote dezemprou o seu mesmo metodo , por-seguir os erros de Manoel Alvares , e multiplicar regras sem necessidade ; afinando regencias fallias : quando tudo aquilo se reduzia , a explicar a regencia dos-Cazos , polas regras fundamentais ; que sam mui poucas. Isto é o que deve cuidar o Mestre : reduzindo as regras , às verdadeiras causas da-regencia : apontando algum particular idiotissimo , &c. porque isto basta : visto que a Gramatica Latina , tambem se-deve explicar em Portuguez , e com poucas regras. A terceira parte , da-sintaxe *Figurada* , tirando a extensam , tambem pode passar. Na quarta parte , o que diz dos-Dialetos &c. pode passar : ainda que tudo aquilo se dizia , em duas palavras. o que diz do-modo de reger a lingua Portugueza é uma grande superfluidade , e *pedanteria* : visto que nam á mestre tam tolo , que nam saiba , como á-de reger , uma carta Portugueza. Isto se-faz , quando o estudante nas escolas , vai lendo a lingua dita : e o mestre lhe-explica , o dialeto da proza , e do-verso. Antes seria loucura , querer explicar ao principio , o dialeto do-verso. porque os Poetas , que pola maior parte nam pezam bem as coizas , sem excetuar o Camoens ; caíram na parvoice , de aportuguezar mil palavras Latinas , sem necessidade alguma : e assim nam é coiza para rapazes. Antes , polo contrario , deve o mestre advertir-lhe , que esse estilo , nam se deve uzar. Finalmente , a Ortografia do-P. Argote nada vale , como abaixo direi. Mas , em quanto nam aparece outra , ou se reforma esta arte ; pode o mestre uzar dela , com as ditas cautelas.

Devo tambem dizer a V. P. alguma coiza , sobre a Ortografia Portugueza. noticia que me-parece mui necessaria , e que com todo o cuidado se-deve comunicar aos principiantes : pois da-falta desta doutrina nasce , que em toda a sua vida , escrevam mal : e , ainda depois de estarem em lugares de letras , é lastima ver , como muitos escrevem. E estas reflexoens , servirám para emendar o que diz o P. Argote , nas suas *Regras Portuguezas* , e algum outro.

Isto suposto , e compreendendo em pouco , o muito que outros escrevem nesta materia , digo , que os Portuguezes devem pronunciar , como pronunciam os omens de melhor doutrina , da-Provincia de Estremadura : e , posto isto , devem escrever a sua lingua , da-mesma forte que a-pronunciam. Esta é uma singularidade da-lingua Portugueza , que só se-acha nela , na Italiana , e na Castellhana : ainda que esta tenha sua variedade : ponho de parte a Latina : que é morta. Daqui fica claro , que devem desterrar-se da-lingua Portugueza , aquelas letras dobradas , que de nada servem : os dois SS. dois LL. dois PP. &c. Na-pronuncia da-lingua , nam se-ouve coiza alguma , que se fa dobrar , as ditas consoantes. Que se-escreva *Terra* , *Perra* , com do

intendo eu a razão: e o ouvido me aviza, que a pronuncia é fortíssima no *r*. pois quando nam é forte, como em *Pera*, *Caracol*, escreve-se um só *r*. mas em *Elle*, *Essa*, é coiza superflua: porque ou tenha um, ou dois *ss*. sempre se-á-de pronunciar, da-mesma forte. Nas linguas mortas, faço escrupulo, de mudar uma letra: mas nas vivas, em que nós temos todo o poder, e uzo, quando a boa pronuncia nam ensina o contrario, são superfluas as repetiçoens.

Os nosos Italianos sómente dobram as letras, quando a pronuncia é diferente: e são tam escrupulozos observadores da-pronuncia, que nam á Nasam, que os-iguale. De que nasce, a grande difficuldade que os Estrangeiros tem, em pronunciar bem a nosa lingua, nam obstante ser labial. porque nam tendo eles, ouvido tam esperto, para poder perceber, a diferente pronuncia das-letras dobradas; na pronuncia delas, servem-se de uma pronuncia doce e simplez; a qual os-acuza, por Estrangeiros. O motivo que os Nossos tem, para pronunciarem assim, é uma antiga tradiçam, desde o tempo em que a lingua Latina, era viva, e domestica entre os seus antepassados. pois é sem duvida, que os Romanos cuidavam muito, em pronunciar bem a sua lingua; e que os mestres, ensinavam isto aos dicipulos com cuidado. Esta tradiçam conservou-se sempre em Italia. e nascendo o Italiano, da-corrupçam do Latim, conservaram sempre as mesmas letras dobradas, que os Latinos tem: e talvez acrescentaram mais alguma. Donde vem, que os Italianos, achando no-Latim as letras dobradas, pronunciaram-nas como dobradas: e, por-este mesmo principio, pronunciando o Italiano, com alguma semelhança do-Latim, dobraram tambem as letras da-sua lingua: por cuja razão, são nela desculpadas, as repetiçoens. Os Francezes dobram algumas letras, por-necessidade, para distinguirem as pronuncias: outras dobram, porque tomaram os ditos nomes, dos-Gregos, e Latinos, entre os quais antigamente se-pronunciavam, e escreviam assim: como mostram os omens, que escreveram nesta materia. Tambem nisto tem variado muito: e nam são aprovados, pelos melhores criticos. E oje os Francezes mais doutos, regeitam muitas letras, que parecem escuzadas, por se-nam-pronunciarem: como adverte o P. Lima, na sua Arte Portugueza, e Franceza. Muitos Francezes são de parecer, que se-devam desterrar todas. e talvez com o tempo, escrevam como falam: vistoque ainda nam á muito tempo, que esta lingua se-começou a purificar: o que nam excede o tempo, de Luiz XIV. Mas concedamos-lhe o mesmo, que oje concedemos, aos Ebreos, Caldeos &c. é certo, que a lingua Portugueza, todos asentam, se-deve escrever como se-pronuncia: e assim, nam deve receber letras, que se-nam-proferem.

Deste meu parecer, são muitos Portuguezes de boa doutrina, com quem tenho conversado nesta materia: os quais nam podiam sofrer, que, sem a pronuncia a regra da-Ortografia; ainda assim ouvessem omens prezados de outros, que embrulhassem a Ortografia, com a preocupaçam de quererem seguir,

seguir, a derivasam e origem. Se eu ouvele de escrever, tudo o que me ocorre nesta materia, ou tudo o que se-pode dizer nela, faria um longo tratado; que seria contra o meo assunto, e tambem contra a neccidade da-materia, a respeito de V.P. Direi somente, o que pertence ao meu argumento. Nam obstante que eu á muitos anos, viva nesta opiniam, que a Ortografia comua é muito má; e, com esta ideia, tenha feito um tratadinho dela, para uzo, e regulamento meu; contudo nam me-atrevia, a declarar a todos, o meu animo, como faso a V.P. sabendo, que ainda os mais doutos se-ririam, de que um Estrangeiro, viesse dar regras, nesta materia: Sem se-lembrarem, que tambem os que nestes ultimos seculos, escreveram sobre a Ortografia Latina, eram Estrangeiros nela: semque por-iso, sejam mal ouvidos. Mas agora, devendo dizer a V.P. o meu parecer nela, puz de parte, todos os respeitos politicos; e nam só quiz apontar, o que condeno, mas, para o-fazer melhor, tive a curiozidade de ler, o que disse nesta materia o P. Bluteau. cuja leitura me-confirmou, no-meu propozito, e me-convida, a abri-me mais promptamente: porque alfim vejo, que tenho mais padrinhos, doque nam cuidava. (I)

Digo pois, que da-observasam que acima fiz, e maxima que estableci, se-devem tirar as reflexoens, para as outras letras, e para todas as mudansas e correçoens da-Ortografia. E começando pola letra *A*, dobram alguns esta letra, em *Menhuan, Vaan &c.* e deste parecer, é Duarte Nunes de Leam. Nam se-pode intender, a razam destes omens. Na pronuncia, nam se-ouve aquelle segundo *A*; e seria verdadeiro ridiculo, quem o-quizesse pronunciar. e assim porque se-aja de escrever, eu nam intendo. O certo é, que a regra da-pronuncia, ensina o contrario. Daqui passando ao *B*, digo, que esta nam se deve conservar, senam naquelles nomes, que especialmente a-tem na pronuncia, como *obstaculo, obstante &c.* mas naqueles, que oje se-pronunciam sem ela, parece-me escrupulo demasiado. Sobre o *C*, acha-se alguma diversidade entre os mesmos Portuguezes, em que lugares deve entrar quando tem cedilha, ç. Comumente antes das-terminasçoens em *ão* o-crevem, e mais em outras partes: sobre o que nam á regra alguma mais, que o uzo. Nisto alguns sam tam escrupulosos, que se encontram escrito com *s*, *Sapato*, fazem um orrivel espalhafato. Outros desterram o dito *c*, e em seu lugar escrevem dois *ss*. Mas para falar a verdade, e examinar as

(I) O Bluteau no-Prologo do-Suplemento, falando com o leitor Pseudo-critico, confessa, que muitos omens doutos, nam dobram as letras no-Portuguez: aindaque condena, que muitos nam observem, a analogia, e derivasam do-Latin, e Grego: que é a costumada cantina dos-Velhos. Reconhece porem, que

seria necessario, reformar a Ortografia Portugueza. Mas, conhecendo isto, adotou no-seu Dicionario, todas as variasçoens de Ortografia dos-autores; como confessa no-Prologo do-Suplemento. O que nam tem desculpa em um o-mem, que estudou trinta anos, o argumento do seu livro.

coizas sem paixão, tudo isto são inuocens. Nenhuma differença na pronun-
cia se acha entre o *c*, e o *s*: se alguém contareja isto, que me-faça a mercede
de mo-provar: porque o meu ouvido, que é bastante advertido, não
conhece esta diversidade. Isto suposto, por dois *ss*, em lugar do *c*, é uma
soleníssima ridicularia, sem mais razão, que querer distinguir-se dos-outros.
Mas não merecem mais indulgência, os que se-escandalizam de lerem,
Sapato: Surrador &c. com *s*: porque na minha estimativa assim se-deve es-
crever. Eu verdadeiramente não sei donde veio; que o *ça*, se-pronunciáse
sa: mas se é permitido conjecturar em materia tão obscura, supponho que
foi, por-ingano de quem escrevia, que pintava malos: e assim com o tem-
po tomaram-no por-*c*: Porque a falar a verdade o *c* com cedilha são dois
cc contrapostos, e que imitam bastante um *s*, assim ξ : onde continu-
ando a pronunçia do-*s* por-tradição; e achando-se escrito o dito ξ ; inten-
deram que era uma particular especie de *c*, e assim o-escreveram. Seja como
for, o *c*, em tais casos vale um *s*. e por-esta razão cuido, que é mais pro-
prio, e mais natural, servir-se desta letra simplez, que do-dito *c*. Desta for-
te averia menos confuzam na Orthografia Portugueza, se asentarem todos, a
não escrever antes da *a*, ou *o*, ou *u*, senão um *s*, e nunca o dito *c*. Dirme-
ão alguns, que também o *c* antes de *e*, ou *i*, vale um *s*: e que será também
necessário desterralo, e convertelo em *s*. Mas eu respondo, que á mui dife-
rente razão, porque o *c*, antes de *e*, ou *i*, tem o seu proprio soado, sem vio-
lencia alguma: e aindaque se-possa compensar com *s*, contudo neste caso de-
ve-se permitir alguma coisa ao uzo, que o-introduzio. Não assim o *c* antes
de *a*: pois para fazer o soado que eles querem, deve violentar-se, sem ter ana-
logia com as linguas, de que deriva a nossa Portugueza: e assim parece-me gran-
de superfluidade. Este é o meu parecer: Contudo se alguém ateimáse a ser-
vir-se do-dito *c*, não fará d'isto um caso reservado: com tantoque confesáse,
que igualmente se-pode escrever com *s*: e que não se-escandalizáse, de quem
fizesse o contrario.

Desta regra, de escrever conforme a pronunçia, crejo que se-pode
achar excessão no-*Ch*. Tem esta letra aspirada com o *h*, uma pronunçia em
Portugal semelhante ao κ . e assim dizemos *Choro, Chove &c.* como se estivesse
escrito, *Xoro, Xove*. Contudo algumas vezes se-deve pronunçiar; como se-
fosse um κ . o que intendo dos-nomes que vêm do-Grego, e nos-quais se-ou-
ve o κ na pronunçia. v.g. *Architettura, Machina, Chimica &c.* O Bluteau não
admite isto, nos-*Opusculos*; e defende, que sempre o *ch* se-deve pronunçiar
quasi semelhantemente ao κ . Mas ele mesmo se-contrareja no-Dicionario:
pois diz, que em Portuguez se-deve escrever, *Archanjo, Patriarcha &c.* com
ch, aindaque se-pronuncie o κ . Tomara pois, que me-dese a diversa razão,
porque em outros nomes oriundos da-mesma Grecia, se-deva escrever com
qui v.g. *Monarquia &c.* O certo é, que em ambas as partes a razão é a mesma.
Antes parece-me, que com maior razão se-deve fugir o *qui*: porque em Por-
tu-

tuguez depois do *q*, sempre se-pronuncia o *u*; desfortequê o *q* por-si só nam une com as vogais, sem se-pronunciar o *u*. E como seria erro pronuncialo, em *Monarchia*, *Chimica* &c. daqui vem que tambem é erro, escrevelo. A quem nam agradar esta minha opiniam, de escrever estes nomes por *ch*, sou de parecer, que adóte o *k* dos-Gregos: pois é melhor chamar de fóra, uma letra Estrangeira, doque escrever o *q*, que em Portugal geralmente tem diferente pronuncia: o que nam succede no *ch*, que já em muitas disoens está recebido em Portugal, com privilegios de *k*.

E nam obsta, que a maior parte dos-Ortografos Portuguezes digam, que o *k* é superfluo no-Portuguez: nam é o mesmo dizelo, que provalo: aqui nam á meio, ou se-deve admitir o *ch* com privilegios de *k*; ou adotar o *k*, em seu lugar. Sei que podem argumentar com *Aquelo*, *Aquilo* &c. em que parece nam se-ouve o *u*: mas isto provém da-pronuncia, que o-toca levemente; porque em todas as palavras Portuguezas o *q* faz pronunciar o *u*: *Quando*, *Quanto* &c. E principalmente avendo-se de introduzir em disoens novas, ou Gregas, deve sempre observar-se o uzo mais comum. Duarte Nunes poem sempre *c* antes de *t*, como em *Docto*, *Doctrina* &c. Desta afetaçam zombam os omens de melhor juizo; e cuido que com razam: pois se aos noíos ouvidos é insoportavel, quem fala assim, porque á-de ser toleravel, quem o-creve? Bluteau admite o tal estilo alguma vez, para evitar o equivoco; v.g. *Compacto*, e *Compato*: mas eu nam vejo nisto equivoco, pois na segunda disam o *Com*, deve estar separado. Mas aindaque ouvese equivoco, o contexto o-tira. Outros em lugar do *c*, sempre poem *u*, e dizem, *Auto* &c. tambem esta afetaçam é condenavel: porque *Ato*, é mui boa palavra, e todos a-intendem. Em *Douto* &c. pode-se conceder alguma coiza ao uzo.

Costumam muitos Portuguezes dobrar os *ee* finais em muitas vozes, especialmente em *Fée*, *Sée* &c. e alguns dobram-nos em muitas outras palavras, inclinando-se, segundo dizem, a uma antiga pronuncia. Mas ou seja antiga, ou seja de novo inventada, deve-se fugir esta introduçam, pola mesma razam que dilemos, de ser contraria a pronuncia. Concorda o Bluteau dizendo, que em algumas palavras se-supre, com um acento sobre o *e*. Mas eu digo, que nam só em algumas, mas em todas se-deve escrever um só *e*. e quanto ao acento agudo, digo, que se-lhe-deve pôr, nam para mostrar, que falta um *e*; mas para mostrar, que se-deve carregar a vogal; porque assim ensina a pronuncia.

Pola mesma razam da-pronuncia, se-deve desterrar das-palavras ou Portuguezas, ou aportuguezadas o *Phi*, em lugar de *F*. Muitos Portuguezes introduzem, sem advertencia, em lugar do *f*, o dito *phi*: outros dam louguissimas regras para distinguir, quando se-deve escrever um, quando outro. mas uns e outros discorrem muito mal. O *phi* dos-Gregos era um *p* aspiado com muita forsa, e que alguma coiza declinava para *f*. e nam avendo em

Portugal semelhante pronuncia, é erro introduzir o dito *p*, quando temos cá o *f*, que tem o seu proprio soido. Daqui vem que aindaque *Filozofia*, *Triunfo* &c. na sua origem tiveiem o *ph*, contudo oje que sam palavras Portuguezas, nam só adotadas polos doutos, mas de que indiferentemente se-servem todos; devem-se escrever com simplez *f*. Temos o exemplo nos-mesmos Latinos, que, quando adotavam algumas palavras Estrangeiras, pronunciavam-nas com a pronuncia Romana: e davam-lhe as proprias declinaçoens Latinas. Talvez lhe-conserva-vam algumas proprias letras, em atensam de serem linguas vivas. E muitas vezes, para se-livrarem da-impropriedade, escreviam, e pronunciavam as ditas letras em Grego puro: como todos os momentos encontramos nos-seus escritos, principalmente nas cartas de Cicero, e alguns outros. Esta liberdade de acomodar as palavras, ao estilo da propria lingua, tiveram sempre todos os Povos cultos: e devem ter tambem os Portuguezes. e assim significando o *ph* um *p* aspirado, com algum soido de *f*; nam o-devemos uzar, vistoque nas palavras Portuguezas, nam temos tal pronuncia.

Quanto aos nomes, que ainda nam estam em uzo por-todos, mas que somente uzam, ou para melhor dizer, algumas vezes se-servem deles os literatos; deve-se praticar outra regra. Se sam nomes (falo dos-Latinos, Gregos, Ebreos &c.) de coizas pertencentes a Artes, ou Ciencias, parece-me que se-devem escrever, com as suas letras originaes. Vg. se quizer-mos explicar, ou escrever os nomes pertencentes a Anatomia, que sam todos Gregos, segundo o estilo do-Portuguez; escreveremos palavras, que se-nam-intenderam: e assim é melhor, seguir a derivasam Grega. O mesmo digo, de algumas partes da-Medicina, da-Filozofia &c. Muitos destes nomes ou nam se-podem escrever de outra maneira, v.g. *Pneumatologia* &c. ou, aindaque se-pofam escrever, nam estam geralmente recebidos, nem ainda polos mesmos eruditos: e assim nam gozam, do-privilegio Portuguez. Se sam nomes Proprios, entra a mesma regra: ou sam pouco uzados; e em tal cazo é obrigasam escrevelos, com as suas proprias letras. Onde nam condeno quem escreve, *Homero*, *Herodoto*, *Herodes* &c. aindaque estes trez, e outros semelhantes que estam ja muito em uzo, podem mui bem escrever-se sem *h*: o que ate os nosos Italianos ja fazem: Mas sempre é mais desculpavel, se em semelhantes nomes se-uzam letras da-origem. Quanto porem aos outros, que servem de diferenciar as pessoas Portuguezas, e já estam totalmente naturalizados; devem-se vestir, com o traje de Portugal. E este uzo acho praticado, em todas as Naçoens de melhor doutrina. Quazi todos os nomes da-Sagrada escritura, se-acham mudados na nosa Vulgata. Vg. nós dizemos, o *Messias*: e se ouvesemos pronunciar como está no-texto Ebreo, lieveria-mos dizer, *Maxiaggh* com pronuncia forte, e gutural no-*g*. o que fizeram os Latinos, para adofar a pronuncia forte, e aspera dos-Ebreos. Traduzindo os Gregos este nome, escreveram. *Christos*: os Latinos, *Christus*: de que nós tomamos a palavra, *Cristo*. Podia apontar mil exemplos, que

que deixo por-brevidade. Os Gregos quando pronunciavam os nomes Latinos, faziam-no com o dialeto Grego. e por-isto nós achamos, que nas medalhas Gregas dos-Consules, e Imperadores Romanos, os nomes estão transformados. Vg. este nome, *Marcus Tullius Cicero*, os Gregos escreveram-no nas medalhas, *Markos Tyllios Kikeron*, que tem bastante differença do-Latino. Os Latinos, como já disemos, davam a terminação Latina, aos nomes gregos: e muitas vezes deitavam-lhe fóra algumas letras. basta abrir os Dicionarios, para reconhecer esta verdade. Os nossos Italianos italianizam todos os nomes Estrangeiros, que lhe-chegam às mãos, quando eles são tais, que se-podem pronunciar à Italiana: e, seguindo a pronuncia Franceza, deſterram da-eſcritura, os ditongos, e tritongos; pondo ſomente a letra que correſponde ao tal ditongo. outras Naſoens fazem o meſmo. Se pois em todos os tempos ouve eſta liberdade; tambem ſe-deve praticar em Portugal. E aſim parece-me eſcrupulo ridiculo, querer conſervar em *Ieronimo*, o *h*, e *y*: e em *Ioxé*, o *ph* &c. tudo iſto ſe-deve evitar, eſcrevendo os nomes com as letras, com que ſe pronunciam em Portugal.

Emfim a regra é geral; que todos os nomes de origem antiga &c. ou ſejam Proprios, ou Apelativos, que estão naturalizados, e ſão frequentemente uzurpados, ou por-todos os omens, como *Ieronimo*, *Triunſo*, &c. ou pelo comum dos-doutos, como *Filozofia*, *Teologia*, *Fixica*, *Metafixica*, e mil outros; devem ſe eſcrever como ſe-pronunciam. Os nomes ditos que não ſão geralmente uzados, v.g. *Themiftio*, *Theopompo* &c. por-não eſcandalizar os ouvintes, ou confundir os ignorantes, é melhor eſcrevelos, com as letras originaes. Os nomes, em que entra duvida ſe ſão, ou não uzados, podem ſe eſcrever, com as letras da-ſua derivação; pois a duvida mostra, que não é uзуal. Iſto digo dos-nomes, que ſão puramente antigos, ou que ſe-derivam de linguas mortas, como a Latina, Grega, Ebraica, Caldaica &c. Quanto pois aos nomes de linguas vivas, principalmente das linguas do-Norte, em que ſe-acham muitas conſoantes ſeguidas &c. acho que é melhor, e às vezes precisa neceſſidade, eſcrevelos com todas as ſuas letras: porque ſem iſto, não ſe-poderão diſtinguir, e reconhecer, os Autores, as Cidades &c. e haverá grande confuſão. Aquelas conſoantes que a nós parecem ſuperfluas, não o ſão para elles, porque as-pronunciam, ſupondo-lhe vogais: onde tirando-as, não os-intenderemos pronunciar, não os-faberemos procurar nos-livros.

Eſta doutrina que até aqui eſtablecemos, deve ſe aplicar, a todos os outros cazos que occorrem, de quaifquer letras que ſe-não pronunciam: E aſim não é neceſſario repetila eſpecialmente, em todas as palavras: pois qualquer por-ſimeſmo pode applicála. Onde, seguindo a ordem do-Alfabeto, deve ſe deſterrar o *G*. de *Madalena* &c. Pelo contrario deve conſervar ſe em *Significar*, *Magnifico* &c. porque na pronuncia ſ'eprime.

do-*H*, senam quando tem diferente pronuncia. v.g. despois de *c*, como em *Chave*, despois de *n*, como em *Minha* &c., nunca porem quando se-diz, *He*, *Hei* &c. Desta opiniam foram alguns antigos Portuguezes, como Joam Franco Barreto na sua *Ortografia*; que quer se escrevam, sem *h*: e o P. Bento Pereira na sua *Gramatica Lingua Lusitana*, que concede, que em algumas partes se-pode deixar. Muitos Portuguezes, que atualmente vivem, e de mui boa doutrina, defendem fortemente, que se-exclua o *h*. e achei um, que samente o-admitia, quando distinguia uma disam da-outra. v.g. *Ouve* pode significar, *teve*, e tambem, *está ouvindo*: onde no-significado de *teve*, punha-lhe o *h*, para nam cauzar confuzam. Conhese, que o contexto mostra bem, em que sentido se-toma: e sei que no-Latin, á infinitas palavras, que tem terminasocens equivocas, cujo verdadeiro significado se-alcança, polo contexto. E ainda no-Portuguez *Amára*, e *Amará*, se acazo nam tem acento, samente se-distinguem polo contexto. da-mesma forte *Cria* verbo que significa, *Tirar do-nada*: *cria* verbo que significa, *Produzir a terra*: *cria* verbo que significa, *Dar leite às criasas*, e *cria*, imperfeito do-verbo *crer*: nam se-distinguem senam polo contexto: o que tambem succede em muitos outros. Digo samente, que nam condenaria, quem o-escrevese nestes cazos: aindaque eu pratique comumente o contrario. Fóra daqui, julgo que nam se-deve escrever, em nenhuma outra disam; porque todas se-distinguem mui bem, sem ese final de aspirasiam. O Bluteau, que no-Dicionario diz, que em algumas partes se-podia deixar de por o *h* no-principio; em outros lugares porem defende, a introdusam do-*h*, querendo-se desculpar com a lingua Italiana. Mas erra manifestamente no-que diz. porque nam só os omeus mais doutos na lingua Italiana desterraram o *h* do-principio, e de muitas partes do-meio das-disoens, deixando-o samente despois de *c*, e *g*, como em *Bianche*, *Vaghe*; porque aqui é verdadeiramente aspirasiam forte, e tem seu particular soido: mas tambem a mesma Academia da-Crusca no-seu *Vocabulario Compendiado e correto*, declara, que samente uza do-*h*, para evitar algum equivoco. v.g. *Hanno*, Verbo que quer dizer, *tem*; de *Anno*, nome que significa, o-ano. Como tambem em, *Ho*, *Hai*, *Ha*, inflexoens do-mesmo Verbo; para as-distinguir de algumas Particulas, que tem a mesma terminasiam, ainda-que neste cazo nam condenam, quem deixa o *h*. Quando muito admitem o *h*, em *Hui*, *Hoi*, exclamariam de quem se-queixa, ou outro semelhante monosilabo: declarando porem, que aqui, e em quatro vozes que apontam, s'introduzio por-erro antigo dos-impresores, e nam por-alguma fundada razam. O que é muito de notar: sendo-que os Toscanos aspiram fortemente todos os monosilabos, semque por-iso escrevam *h*. Fóra destas circumstancias, nenhum Italiano douto escreve *h*: onde falsamente se-serve o Bluteau do-seu exemplo.

Mas, deixando o que fazem os outros, e pasando ao que devem fazer os Portuguezes, digo, que nam devem escrever *h* se-nam, quando

cauza diferente pronuncia, como em *Minha*, *Dix-the* &c. O é quando é Verbo, muito bem se-distingue do-e Conjunção, pondo-lhe emfima um acento. Nem eu posso intender porque razam é Verbo, deva escrever-se com *h*, e *era*, *eram* &c. que são inflexões do-mesmo Verbo, sem ele. Também o *ás*, *á*, Verbos que significam *ter*, mui bem se-distinguem de *às*, *à* Particulas, com a diversidade do-acento grave. Tudo isto assim distinguem os nossos Italianos, que participam mais que ninguém da-lingua Latina, e que são mui advertidos nestas pronuncias. Onde é erro dizer, *Humma*, *Humilde* &c. mas deve-se escrever, *Uma*, *Umilde* &c. Nem é obscura a razam: basta olhar para a pronuncia, para saber, que é erro, por o *h*. Antigamente o *h* era final de uma forte aspiração. (1) (intendo por esta palavra *aspiração*, deitar para fóra o ar que se-recebeo, para refrescar o interior, e ajudar a circular do-sangue: o que advirto, porque me-parece, que entre muitos Portuguezes, não é bem certa a significação desta palavra, *aspiração*) Deste final pois fomenta se-ferviam, para suprir as letras aspiradas dos-Gregos. Onde fomenta se-escrevia antes das-vogais, cuja pronuncia era bem aspirada, e gutural, como adverte Cicero. (2) e talvez antes d'estas não se-punha. Mas no-tempo da-pureza da-lingua Latina, nunca os homens doutos escreveram *h* depois de consoante: mas fomenta no-principio da-difam, e antes de vogal: e não escreviam *Pulcher*, mas *Pulcer*: não *Charitas*, mas *Caritas* &c. o que ainda hoje vemos, nos-melhores manuscritos, e inscrições lapidares. Mas se alguma vez a-punham depois de consoante, fomenta o-faziam nas palavras Gregas, ou que de lá traziam origem. De que fica claro, que na lingua Portugueza, em que não há aspiração alguma nem forte, nem branda; não se-deve por aquele final, que só serve de avizar o Leitor, que aquela letra deve ser aspirada. Somente do-*u* duvidei por-algum tempo, se admitia antes de si *h*: porque, a falar verdade, parece-me ser aquela letra, que em Portugal se-pronuncia, com alguma aspiração; porque a mesma natureza da-letra o-permite. mas dezenganaram-me os meus Italianos, que, sendo tão escrupulosos observadores da-pronuncia, não põem *h* antes de difam alguma, que comece por-*u*: falo dos-que escrevem com a ultima perfeição. Onde não menos os Portuguezes devem ter escrupulo, de os-escrever sem *h*.

Sobre as diferentes especies de *II*. é incrível a bulha que alguns fazem, especialmente para determinar, quando se-deve por *j* rasgado, ao principio das-difam. Cuido que esta grande bulha, se-pode reduzir a duas palavras. Distinguir o *i* vogal do-consoante, é mui necessario, para saber quando fere, ou não fere a vogal. chamamos *rasgado*, ao consoante; *pequeno*, ao vogal; e distinguem-se pela figura. Quanto ao escrevelos ao principio, pouca dificuldade pode nacer, em quem escreve em Portuguez; vis-

C ii

toque

(1) S. Aug. l. i. confess. c. xviii. *Catullus Carm. 85.*

(2) No livro, *Orator ad M. Brutum.*

toque raríssima palavra Portugueza começa por *i* vogal, antes de outra vogal. Onde tirando, *ia* Verbo, ou alguma outra raríssima, que agora nam me-ocorre; em todas as palavras Portuguezas, que começam por *i* antes de vogal, a dita letra é consoante, e deve-se escrever rasgada; ou de forma pequena, ou maiúscula, segundo a necessidade. Alguma dificuldade pode nacer, no-principio das-palavras impressas. Neste caso nam dezaprovo que o *i* de *Joannes* v.g. e outros semelhantes seja rasgado, para evitar alguma confuzam. Mas isto intende-se nos-nomes de fôrma pequena: porque nos-de fôrma grande, que é a maiúscula Romana, pouca necessidade temos de escrever *i* rasgado no-principio: pois com o outro, igualmente se-pronuncia bem. Quem porem em ambas as partes quize-se por *i* rasgado, nam o-condenaria: principalmente se começarem por-alguma das-duas Portuguezas, que acima aponto.

A maior dificuldade consiste em determinar, quando se-poem *G*, quando *I*, antes de *e*, ou *i*, nas palavras Portuguezas. v.g. *Gente* escreve-se com *g*: *Ereje* uns o-escrevem com *g*, outros com *i*: *Ieronimo* com *i*: *Giro* escreve-se com *g*: E outras vezes antes do-*e* &c. poem-se um *j* consoante. Para dar razam destas variações, tem alguns escrito longas paginas: mas nenhuma Regra das-que li, deixa de ter suas excessões. Dizem, que em *Gente*, *Giro* &c. a derivam aponta o *g*. concedo: mas que derivam aponta a letra, que devemos escrever em *Ereje*, e outros semelhantes, que nam tem analogia alguma, com as letras da-sua derivam? O meu parecer é este: Que os doutos, sigam a derivam Latina, especialmente no-principio; e tanto nos-Apelativos, como Proprios, que sempre começam por *i*: tirando quando depois se-segue outro *i*, que entam é melhor, converter o primeiro em *g*, como *Ginja*. Que no-meio, usem mais do-*g*, que do-*i*: vistoque nisto também a diversidade, a ainda nos-que derivam do-mesmo Latim. Mas, nam se-lembrando da-derivam, &c. possam servir-se indiferentemente de ambas. Os ignorantes sigam o costume e a prática, dos-que melhor escrevem. Nem devemos admirar-nos, se em alguma letra nem todos concordem: nam sendo possível, que convenham todos, em materia tam duvida e arbitraria.

Tambem sobre as terminações, *am*, e *aõ*, fazem alguns longuissimas disputas, e mai superfluamente. Confessa o Bluteau na sua Proza Apologética, que ja saíram livros inteiros, para deitar fora o *aõ*: e que outros lhe responderam dizendo, que o *til* nam era letra, mas *risco*. O Bluteau protege a posse do-*aõ*, mas declara, que o *til* supre a letra *a*: e defende constantemente, que nam se-deve tirar o *til*, porque a terminam *aõ*, segundo ele *til*, é mais engralada, que o *am*; e por-este motivo deve-se conservar: muito mais porque seria necessario tambem, desnaturalizar as palavras, *Birimbaõ*, *Catembãõ*, *Pãõ*, &c. Mas o Bluteau nesta materia, deixou-se guiar por-alguns prejuizos. Dizer, que o *til* é *risco*, e nam letra, é o mesmo, que

nam dizer nada. O certo é, que este ríscio faz, que eu pronuncie um *n* demais, que as letras que ali vejo: onde, chamem-lhe como quizerem, é um verdadeiro *n*. Dizer, que a terminafam *am*, é diferente na pronuncia, de *aõ*, é outro engano: pois em qualquer difam Portugueza, que se-ache a terminafam *am*, todos a-pronunciam como *aõ*: e Portuguezes mui doutos servem-se indiferentemente de ambas: e cuido que com muita razam; se é que a segunda se-deva tolerar.

Os que contrareiam isto, nam intendem bem a materia; nem d'onde naceo, esta particular pronuncia em *aõ*. Quem bem considera o ponto, reconhece facilmente, que aquele *til*, é um rigorozo *m* final, e deveria escrever-se: *Falaom*: porque escrevendo-se desta sorte, e pronuncian-do-se depresa, faz o mesmo soído, que *Falaõ*. Daqui naceo, aquella particular terminafam em *aõ* dos-Portuguezes: porque com a presa de pronunciar, tocam tam de pasagem o *o*; que nam se-ouve mais, que o *m*: o qual em vez de o-pronunciarem com os beiços fechados, que é a sua propria pronuncia; pronunciam com um soído fanhozo do-nariz: que é o estílo presente de pronunciar todo o *m* final, em Portugal: nam avendo aqui *m*, que se pronuncie como deve ser. Alémdeque bastava alguma reflexam, para conhecer isto; acha-se manifesta razam, para o-persuadir. A *plica* ou *til*, deve significar alguma letra: de outra sorte seria superflua, e nam produzia algum efeito. Esta letra só pode ser *m*, ou *n*, e ambos finais: porque de outra sorte seria, *Falamo*, ou *Falano*: o-que nam pode ser. Onde hea claro, que *Falam*, é uma sincopa de *Falaom*: e que tanto se-pode escrever um, como outro. Reconhece-se isto melhor nos-plurais. v.g. *Maõ*, faz *maõs*: *Varaõ*, *varoens*: nos-quais declaradamente se-ve o *m*, ou *n*, segundo a pronuncia. E eu creio, que antigamente nestes plurais, em vez de *n*, punham *m*; e que a dificuldade de pronunciar o *m* junto com o *s*; ou o som do-nariz, que pouco a pouco se-foi introduzindo no-*m*, o-converteo em *n* nestas terminafões: pois ainda oje escrevendo-se com um *m* final, a pronuncia o-faz parecer, como *n*. O que, como disse, é um idiotismo particular dos-Portuguezes.

É esta é a razam, porque os Estrangeiros, nam podem pronunciar bem estas dezinencias; que na verdade san feias, e ásperas terrivelmente: porque nam á quem lhe-explique, que o *til* de *aõ*, é um *m*, que os Portuguezes, por-corrufam, pronunciam como um *n*; nam só no-fim, mas ainda no-meio das-palavras. Reconheci isto por-experiencia: pois tantoque dei esta explicafam a alguns, e mostrei o vicio da-linguagem; pronunciarani melhor, que os outros. Daqui concluo, que as ditas terminafões, *aõ*, e *am*, podem-se uzar indiferentemente; vistoque uma é sincopa da-outra: tendo introduzido o uzo, nam pronunciar na segunda, o *o*. Onde disse um erro Inacio Garcez Ferreira, e alguns outros, quando quizeram defender, que estas dezinencias eram diferentes no-soído: e quando ele lhe-chamou

sincofes das-Castelhanas. E nam fei, fe confirma tambem o que ate aqui dife, ver, que na Provincia de Entre Doiro, e Minho, ainda oje fe-pronuncia, em muitas destas palavras, o *o*, pois dizem, *Tabaliom*, *Efcrivom* &c.

Mas eu digo mais, e afento, que ainda que uma feja abreviatura da-outra, emportava muito à lingua Portugueza, que fe-deitafe fóra o *til*, e a terminafam *aõ*, escrevendo-fe tudo extensamente: e uma de duas, ou que fe-escrevefe *Falaom*; ou, abreviando, *Falam*. Introduzir a primeira escritura, feria mais difficultozo; porque estes amigos nam querem reformas utis: e afim ferá melhor; preferir a segunda *am*, que já está recebida em Portugal. Certo é, que quando os Portuguezes escrevem, a dita terminafam *am*, pronunciam *aõ*; e tambem é certo, que muitos omens doutos fervem-se da-primeira terminafam. Este modo de escrever, encoftava-se mais para a pronuncia: e com ele se-evitavam confuzoens. fe ria tambem a lingua mais facil de ler, e pronunciar, aos Eftrangeiros: pois bastava advertir-lhe, que entre, o *a* e *m*, deve-se pôr um *o*, e pronuncia-lo deprefa. Advertimos porem, que aindaque os Portuguezes tenham, esta pefima pronuncia na fua lingua; quando porem pronunciam a dita terminafam *am*, no-Latim; devem pronuncia-la com os beifos fechados, como em feu lugar advertiremos: poisque a lingua Latina nam está fugeita, às fuas leis.

Querem alguns, que em *Tempo*, e outras palavras, em lugar do-*m*, se-ponha *n*, porque afim foa. Cuido, que dizem mal: porque aindaque alguns pronunciem o dito *m*, como *n*, pronunciam muito mal; pois nesta voz muito bem se-ouve o *m*, e em outras tambem. E aindaque em outras partes, nam feja tam fenfivel o *m*, deve confervar-se: pois fe ouvefemos de tirar todos os *mm*, que nam se-explicam bem, poucos *mm* ficariam em Portugal. Em *Contigo*, *Configo* &c. podem tiralo. Contudo quem o-quizefe tirar em todas as outras, nem por-ifó o-condenaria como erro.

A terminafam *an*, tambem cauza duvidas, a muitos Portuguezes: e eu julgo, que nam deve ter nenhuma. Acham-se omens que afentam, que nam á tal terminafam no-Portuguez, e defendem ifto, com muita forfa. Se difefem, que a terminafam *an*, antigamente era *am*, nam diriam mal: mas querer defender, que oje nam á tal terminafam, é dizer um erro. Distinguem-se oje os nomes Femininos, dos-mascolinos, com esta terminafam. Vg. *Vam*, e *Van*: *Irmam*, e *Irman*. Nem me-digam, que o *til* é rifco, e nam letra: pois já afima mostrei, que o *til* é uma letra; e que a pronuncia enfina, que á-de fer *n*. Por-esta razam concluo, que ferá necesfario, pôr o dito *n* exprefo, deitando fora o *til*. Muitos Portuguezes doutos feguem esta opiniam: os quais rim-fe de Duarte Nunes, que queria se-dobrafem os *aa*, dizendo *Vaã*, *Menhaã*.

Sobre o *P*, já afima dife, que nam fe deve escrever *ph* por-*f*:
Ago-

ra digo, que nem menos se-pode sofrer, o que muitos fazem, pôr *p*; antes de *t*, em muitas disoens. vg. *Prompto* &c. Esta é uma afetação pouco toleravel: vistoque a pronuncia Portugueza, tem ja desterrado este *p*. Onde nam é a mesma razam do-*b*, ou do-*g*, ou do-*d*, que se conservam nas palavras, *Obscuro*, *Significo*, *Adverte*: porque este, ouve-se mui bem: e o *p*, nam se-ouve sem afetação. E nam falta quem diga, que nas duas primeiras palavras tem ja introduzido o uzo, deixar aquelas letras na pronuncia: o que eu nam condeno: como nem menos condeno, quem as-pronuncia. Pode ser que com o tempo, se deixem totalmente.

Quimera por-*Chimera*, defende Bluteau, e alguns outros. eu julgo, que sem razam alguma; sendoque o *qui*, tem mui diferente pronuncia, doque a que se-ouve na palavra, *Chimera*. Ja assim disse, que a quem nam agrada, escrever estas palavras, por-*ch*, é melhor, uzar o *k* dos-Gregos, doque o *qui*; que tem em Portugal diferente pronuncia, na qual expressamente se-ouve o *u*.

Introduzio o uzo em Portugal, dobrar os *rr*, quando tem pronuncia forte: e parece-me que este uzo se-deve observar, nam-fazendo caso, do-que aconselham alguns, que um só *r* bastava.

Nam pôso sofrer, que o Bluteau na sua *Proza Grammatonica*, queira introduzir, no-principio das-palavras Portuguezas, o *s* antes de consoante: e escrever, *Squeleto*, *Spasmo*, *Scena*, *Sciencia* &c. Esta correção é tam fóra do-escolio, que nenhum Portuguez, que nam seja Latino, saberá pronunciar aquele *s*, no-tal lugar: e o que souber Latim, será necessario, que pronuncie um *s* mui redondo. A razam disto é, porque o *s* Portuguez, que nam é final, é um verdadeiro sibilo ou letra sibilante, que faz ouvir a vogal ou antecedente, ou consequente. e assim, querer escreve-la sem vogal, é mudar a pronuncia da-letra, e é fazer uma ridicularia, fundada unicamente em querer mostrar, que sabe a derivação daquelas palavras. Abrasaram algumas peoas cegamente, a opiniam do-Bluteau: mas nem por-isto dam razam, ou fazem autoridade nesta materia. Onde, antes de consoante, nunca se-deve escrever *s* simplez.

Deve-se com cuidado distinguir o *u* vogal, do-consoante *v*, ou *v*, para nam originar duvidas. O que muitos nam fazem, ainda prezados de doutos: pois vejo escrituras deles, que merecem compaixam. Isto poreim nam só no-Portuguez, mas ainda no-Latim é necessario: pois aindaque antigamente, (que os Romanos escreviam com letras maiúsculas) todos os *vv* tinham a mesma figura: oje que, com muita razam, se-introduzio esta necessidade, devemos, no-carater pequeno, distinguir na figura estas duas letras, assimcomo as-distinguimos na pronuncia. E fazem mui bem os Alemães, que, ainda nas letras maiúsculas, distinguem o vogal, do-consoante, nos-livros impresos.

Diz Alvaro Ferreira Vera, que nenhuma disam Portugueza, de-

ve acabar em *x*. Muitos porem acabam em *x* algumas palavaras, e entre elas, *Felix*, *Simplex* &c. O que eu sei é, que a pronuncia Portugueza acaba em *x*, todas as palavras que acabam em *s*: quero dizer, que todo o *s* final pronunciam como *x*, de que nam quero outra prova mais, que cada um observe, como pronuncia o *s* final; e que differença tem do-*s*, que pronunciam no-meio das-difoens. O que suposto, se seja mais util, acabar em *x*, o que se-pronuncia como *x*, ou pronunciar diferentemente os *ss* finais; eu o-deixo confiderar a V. P. Mas deixemos o *s*, na sua pote: observe, que nam só o *s* final se-pronuncia como *x*, mas tambem o *x* final: o que V. P. pode ver em, *Dix*, *Lux*, *Fix* &c. E daqui cuido que naceo a facilidade, de pôr o *x*, em lugar de *s* final, naquelas vozes de que se-formam outras: como, *Dix*, *dixes*; *Fax*, *faxes*; para por-este meio fazer os plurais, fomente com acrescentar *es*. O que eu nam condeno, mas antes aprovo, e pratico com o exemplo, e com a razam: e cuido assim se-deve fazer. Nesta letra é digno de atensam, o demaziado escrupulo de alguns, que magistralmente decidem, que o *x* tem diferente pronuncia do-*ch*, antes de *e*, ou *i*: e que é erro dizer, *Xapeo*; mas que se-deve pronunciar, *Chapeo*, carregando muito no-*ch*, para o-distinguir do *x*: e advertem, que é erro da-pronuncia da-Estremadura, pronunciar o *ch*, como *x*. Mas, sem fazer cazo da-decizam destes Senhores, julgo, que devemos continuar, na pronuncia da-Estremadura. Nam digo, que na escritura convertamos o *ch*, em *x*: deixo as coizas como se-acham: só digo, que na pronuncia, nam á differença entre uma, e outra letra. Em materia de pronuncia, sempre se-devem preferir, os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura, que todos os das-outras Provincias juntas. Ora é certo, que os ditos pronunciam docemente como um *x*: e nem só eles, mas muitissimos de outras Provincias, tem a mesma pronuncia. Somente alguma diversidade achei nos-Beirenses, que batem mais o dito *e*, encostando-se à pronuncia Romana do-*c*. Mas seja como for, estas nam sam razoens, para persuadir um omem, a que pronuncie o dito *ch*, diferentemente do-*x*: quando a pronuncia comua está a seu favor: a qual por-isto mesmo, que é mais suave, deve ser preferida à outra. E saiba V. P. que notei outra coiza, e vem a ser, que os que quereem pronunciar o *ch*, nam como *x*, esforçam-se desorte, que na violencia comque pronunciam, mostram bem, que nam é esta a sua pronuncia. O dizer, que se-devem distinguir na pronuncia, nem menos persuade: porque eles mesmos admitem que *s*, e *c*, antes de *e*, e *i*, pronunciam-se da-mesma sorte: onde nam tem que se-escandalizar. E assim o dizerem eles, é erro, nam faz forsa: devemos responder-lhe, que eles sam os que erram. Advirto porem, que no-meio das-difoens introduzio o uzo, nam pronunciar o *x*, como no-principio; mas segundo o estylo Latino, como se fôse um *cs* brando, tocando ligeiramente o *c*: v. g. em *Reflexam*, *Conexam* &c. porque assim é mais suave. mas *Paixam*, ainda se-conferva em toda a sua forsa; e nam sei qual outro.

O Y tem tantos apaixonados, principalmente entre os modernos Portuguezes, que quazi abuzam dele: e acham-se livros, em que sam mais os *yy*, que os *ii*: especialmente o Curvo na sua *Atalaia da-Vida*, e alguns outros. O Bluteau, seguindo a Bento Pereira, diz, que se-deve admetir nas palavras, para mostrar a origem remota delas, principalmente do-Grego &c. Como se sem esta noticia, nam pudesemos saber Portuguez! Tomára porrem que me disese, se *Meio*, *Cuidado*, *Saia* &c. em que poem o tal y, tem alguma analogia com a origem. Outros dam outras razoens, que nam merecem reflexam, nem resposta. O certo é, que esta vogal antigamente valia o mesmo, que o *u*, ou tinha um soido mais semelhante a *u*, que a *i*. onde se a-quizer-mos tomar, no-seu antigo vigor, faremos uma voz dessemelhante, à que queremos pronunciar: e se acaso deve valer um *i* simplez, tomára que me-disessem, por-qual razam a-poem, onde nam é necessaria. Daqui vem, que é erro escrever, *Meyo*: *Ley*, *Hey*, *Rey* &c. tudo isto se-deve escrever sem y, porque nam sam nomes Gregos, mas puros Portuguezes. Onde nam só os Portuguezes, mas os mesmos nomes Gregos, quando estam bem aportuguezados, como *Idropezia*, *Ulizeo* &c. se-devem escrever sem y. Confeso, que nam pude sofer o Bluteau, o qual, seguindo ao Pereira, quer que a vogal *i* nam seja suficiente, para fazer ditongo com *a*, dizendo, *Pai*, *Dai*, &c. mas que seja de necessidade por o y, para o ditongo. Este parecer nam necessita de confutafam: pois quemquer conhece, que com *ai*, se-pronuncia, da-mesma sorte que *ay*: onde o uzo serve de resposta; e nam temos necessidade do-y, para fazer o mesmo, que fazemos com o *i*.

Paso daqui ao Z, a quela letra desgrafada, que teve a infelicidade de dezagradar, à maior parte dos-escritores Portuguezes deste seculo: os quais nam só a-desprezaram, para introduzir em seu lugar o *s*; mas alguns deles com decreto asentaram, que se-devia desterrar do-meio das-ditoens, e prover o seu lugar no-*s*. Estes Senhores escrevem quazi tudo com *s*. Achará V. P. em alguns dos-bem modernos *** *Cezar*, *Fazer*, *Quizeram*: *Miudeza*, *Reduzir*, *Fazenda* &c. tudo escrito com *s*. Entre eles achei um, de mui boa fama, que em uma orafam ** escreve, *Alteza*, *Solenizado* com *z*: e pouco abaixo, *Usurpavam*, *Lisonja* com *s*. poem *Riqueza*, e logo *Luminoso*, *Profusam*. poem *Fazem*, e logo *Religioso*. Emfim a maior parte destes modernos doutifimos escrevem, *Alteza*, *Luzes*, e outras poucas palavras com *z*: e tudo o restante, em que devia entrar o *z*, vai com *s*. O Vieira, e outros, que nam admitem tantos *ss*, contudo em algumas dittoens seguem o mesmo, e escrevem vg. *Brazil*, com *z*, e *Reside*, com *s*. Mas eu creio, que é necessaria mui pouca meditaçam para conhecer, que todos estes erram. Os Portuguezes tem a pronuncia do-*z*, asperissima: que creio lheficou, da comunicafam com os Moiros, e Arabios, que abundaõ muito diso: e eu acho em Portugal, muitos vocabulos destas Nasçens. Onde ten-

do *o s*, e *z*, differentissimas pronuncias, é erro sem desculpa, pòr *o s*, em lugar do *z*, quando este deve ter toda a sua força, como no-principio, ou meio das-disoens. Dezaño todos os Portuguezes, paraque pronunciem estas palavras differentemente, vg. *Luzes*, e *Lizonja*; *Abrazado*, e *Plauzível*: *Riqueza*, e *Religioso*. nam averá algum que se-atreva a dizer, que nas primeiras se-ouve *z*, e nas segundas *s*: mas em ambas as partes se-ouve um *z* mui grande, e gordo. Sendo pois esta pronuncia particular na lingua Portugueza, acha V. P. que se-pode soffrer, desterrar todos os *z*, para introduzir uma letra, que soa differentemente? a isto chamo eu destruir, nam emendar, a boa Ortografia. Alem diso, eu acho em Portugal motivo, para dizer o contrario. ponhamos exemplo nestas duas palavras, *Azeite*, e *Aceite*; ou tambem, *Razam*, e *Raçam*. Ninguem dirá, que estas duas palavras soam da-mesma sorte: porque em tal caso nam averia motivo, para as-distinguir na pronuncia. Todos tambem conhecem, que o *c*, com cedilha ç, antes de vogal, pronuncia-se como *s*; e que por-esta razam muitissimos Portuguezes indifferente-mente uzam delas. Daqui pois segue-se, que se *z*, se deve pronunciar como *s*, os ditos pares de vocabulos devem pronunciar-se da-mesma sorte. Mas sem eu proguntar isto a omens doutos, mas somente ao leigo da-cozinha de V. P. sei que me-responderá, que *Razam*, e *Raçam*, são coizas mui differentes: *Azeite*, e *Aceite*, nam menos: E assim nam tenho lugar de duvidar, que, pronunciando-se differentemente, devem tambem escrever-se, com letras differentes. Se concedem, que o *z* se-deve conservar, em algumas vozes, como todos concedem; que razam á, para o-nam-conservar nas outras? Se dizem, que o dito *s* se-deve pronunciar como *z*, merecem rizo quando quèrem pòr aquele, por-este. ou deitem fóra esta letra do-alfabeto, ou escrevam-na onde deve entrar. Fazer o contrario, é destruir a pronuncia da-lingua, ou batizar de novo as letras.

Somente porei *z* em lugar de *s*, no-fim de algumas disoens, de que se-formam outras, como acima disse: porque o uzo introduzio esta pronuncia do-*z*, semelhante ao *s*. o que suspeito que provém de uma *Apocope*, que se-acha nas tais palavras: e que antigamente despois do-*z* se-punha uma vogal: como á exemplo em muitas linguas, e tambem na Portugueza.

Lendo eu a este intento o Bluteau nos-opusculos, (1) fiquei confirmado, que poucos omens pensam bem, ainda dos-que tem bom nome. Confesa, que muitos eram de parecer, que s'escrevese *Filozofia*, sem *ph*: e que sempre se-avia de seguir a pronuncia, pois era esta a maior excelencia do-Portuguez; no-qual as letras dobradas eram inutis. Que desta opiniam era Duarte Nunes de Leam, & Joam de Barros, nas suas Ortografias; e outros muitos autores que escreveram da-lingua. Contudo diz, que na Academia do-Ériceira se-afentára, que nem sempre se-devia escrever como a pronuncia: Mas aqueles nomes que

(1) Na 6. conferencia literaria em de Mayo de 1713.
na do-Conselho da-Ériceira, ao 18.

conhecidamente encerravam origens sem corrusam, s'escrevesem como na sua etimologia, quando as letras nam fossem como a pronuncia: e assim *Coro*, e nam *Choro: Monarquia*, e nam *Monarchia*: E que os xx s'evitalem muitas vezes, servindo-se do-s. Confesso a V. P. que nam pude ler isto sem rizo. Eu nunca li as obras do-*Leam*, ou *Barros*, nem me-cansei em buicalas: mas agora fico formando melhor conceito deles. Polo contrario nam sei, quais eram os votantes na dita conferencia: porem olhando para o que alentaram, formo mau conceito do-seu juizo: pois conhecendo a razam, e tendo bons autores, que os-apadrinhalem; ainda assim quizeram seguir os prejuizos e preocupacoens que mamaram, fomite por-terem antigas. Isto certamente nam e emendar a Ortografia. O pior e, que o Bluteau conhecendo isto mesmo, como em algumas partes confessa, deixa-se guiar da-corrente. Assim mostrei, que *Monarchia*, deve-se escrever com *ch*, visto que assim escrevem *Archanjo* os contrarios &c. e nam tem diversa razam, sem cairem em uma superfluidade. Devendo pois desterrar o *ch*, e melhor servir-se de *k*; mas nunca de *q*. O mais tambem ja fica advertido.

Certamente que o dizer o Bluteau, que nos-nomes se-deve observar, a Ortografia da-derivalem, como em *Philosophia* &c. porque de outra forte nam se-laberam buscar nos-Dicionarios; e reflexam que merece rizo: por quanto as derivacoens, so as-procuram os doutos: e estes bem as-sabem. os ignorantes, nem as buscam, nem necessitam de buscalas, ainda que queiram falar, e escrever puramente.

Atè aqui tenho feito algumas reflexoens, principalmente sobre as coizas, que se-devem deixar, agora farei outras sobre as que se devem acrescentar. Nam cuide V. P. que estas sam de menor momento nesta materia: antes muitas vezes delas depende aumento, a pureza, e elegancia da-lingua. Ponho em primeiro lugar os *Acentos* que creio, sam indispensavelmente necessarios, para distinguir muitas palavras. Nam podemos sem eles saber, se *Amara*, e preterito, ou futuro: e da mesma sorte em outras muitas palavras. Tambem para distinguir os *Nomes*, dos-*Verbos*, vg. *Pronuncia* nome, de *Pronuncia* verbo. Assim que este deve ser todo o cuidado dos-mestres: que devem advertir aos dicipulos, em que partes se-devem por, para bater com mais, ou menos forsa as vogais, e distinguir os tempos, e as vozes: visto que os Portuguezes nam tem letras dobradas, que antigamente serviam a outros, para mostrar as diferentes pronuncias. Porque eles com as dobradas, pronunciavam diferentemente: e os Portuguezes, tirando em pouquissimas palavras, pronunciavam como se estivesse uma simplez letra.

Nam ignora V. P. que as *virgulas*, *pontos*, e *dois pontos*, foram inventados, para distinguir melhor o discurso. Este e um dos-defeitos da-antiga escritura, que tinha poucos finais destes: e por isto e às vezes bem embrulhada. Muitas vezes vera V. P. um ponto, depois de cada palavra: o que faz grandissima confuzam. Outras vezes, o lugar em que punham o

ponto, mostrava a diversidade da-pontuação: quero dizer, que o polo na-cabeça, ou no-corpo, ou no-pé da-letra, mostrava que era *virgola*, *dois pontos*, e *ponto*. É como nam temos documentos bem claros, ainda oje vareiam muito os Gramaticos no-determinar, quando era ponto, e quando virgula &c. Com effeito eu vi uma lapide antiga, na qual os pontos todos estavam em um mesmo sitio, no-corpo das-letras: o que aumentava a confuzam. Os Modernos mais advertidos inventaram estes diversos finais, para nam nos-enganar-mos nas pauzas, e no-sentido do-discurso. Mas ainda nisto procederam devagar: e eu vi livros impresos nos-primeiros tempos, quero dizer, nos-fins do-seculo XV. e principios do-XVI. nos-quais nam avia mais que virgulas, e todas da mesma figura: o que aumentava sensivelmente o embaraço: sendo necessario um grandissimo estudo, para distinguir os sentidos. E isto se-pratica ainda oje nos-originaes das-Bulas Romanas, escritos sem virgulas, nem pontos: os quais quem nam é pratico dos-estilos da-Dataria, nam pode ler; nam só polo caracter Gotico, mas pola Pontuação. Os Modernos evitaram isto, com a diferença de figuras. Onde sendo os Acentos, os que tiram a confuzam à pronuncia, e enfinam, como se-devem distinguir as partes do discurso; valem infinito preso, e devem praticar-se com cuidado. Nam digo, que escrupulozamente pratiquemos as trez fortes de acentos: pois nem os mesmos Romanos se-serviam muito do *circumflexo*, que com o tempo perdèram. bastava uzar do-*agudo*, que se-escreve assim (´) para bater mais as filabas: do-*grave* neste modo (˘) para as particulas, que se-tocam menos: em algum cazo quem quizesse podia pôr o *circumflexo* sobre o î, para dar lugar ao ponto defina. Isto é o que basta.

Aos acentos seguem-se as *linhas*, que se-escrevem entre as disoens, para as-juntar, ou dividir na pronuncia. Os Ebreos tambem tinham estas linhas, e alguns Povos Europeos. Algum Portuguez a-uzar. mas seria justo que a-uzassem mais, e com regras determinadas: pois ajuda muito a pronuncia, e distingue muito as disoens, principalmente as compostas. Julgo, que se-deve uzar naquelas, que compoem duas palavras perfeitas, que costumam estar às vezes separadas, v.g. *Fazemos-Ihe*, *Ihes-fazem*, *nos-dizem*: *dizem-no* &c. Com isto se-mostra, quando os Pronomes unem com os Verbos, nam só no-sentido, mas na pronuncia: e finalmente, quando muitas disoens na pronuncia compoem uma. Deve-se tambem pôr entre a Particula *se*, quando é Pronome, e o Verbo. v.g. *Se se-fizer*. o primeiro *se*, é Conjunctam condicional: o segundo, é Pronome, e une com o Verbo. Onde a dita linha é de grande utilidade, para mostrar as palavras, que devem pronunciar-se unidas. v.g. o *Nos*, algumas vezes é Nominativo, *Nós fazemos*; e pronuncia-se separado, e com acento forte: outras vezes é Cazo, v.g. *nos-fazem*: o que se distingue mui bem com a dita linha. Tambem às vezes serve, para distinguir os tempos. v.g. *Amáse* perterito, e *Ama-se* prezen-

zente , com esta linha se-distinguem : porque esta separaſam de vozes mostra , que , quando chegamos ao *a* , deve correr a pronuncia , para apanhar o *ſe* : que é o meſmo que dizer , deve nam parar no-*a* , nem carregalo : no-que ſe-distingue o tempo. Sei , que com os acentos ſe-podem distinguir eſtas coizas , digo , eſte ultimo cazo ; e por iſo digo , que ou uma , ou outra coiza ſe-deve praticar : aindaque eu , por-intender que ſam neceſarias , pratico ambas.

Quanto ao *ſe* , nam só deve ter linha , quando ſe-une immediatamente ao Verbo , mas tambem quando ſ'interrompe com a Particula negativa. v.g. *ſe-nam-faz* , quando vale o meſmo que , *nam ſe-faz* , porque aindaque a Particula pareſa que ſepara ; contudo no-dito cazo , a negaſam é unida ao Verbo , e faz com ele um só corpo , e ſentido : da meſma forte que entre os Latinos , a particula *in* unida aos Verbos. Onde a separaſam , é fomite quanto à viſta : e as duas linhas enſinam , que ſe-deve pronunciar tudo , como uma só palavra. Serve às vezes a dita linha nam só para unir as palavras , que eſe é o ſeu principal fim ; mas para evitar os equivocos. E aſim poem-ſe na Particula *Por* , quando ſignifica *cauza* &c. para distinguir a do-Verbo *Pòr* . tambem nas Particulas *no* , *do* , *da* , para as-distinguir dos-Suſtantivos *nó* , e *dó* , e do Verbo *dá* , ou *dás* . Em todas eſtas , e outras ſemelhantes , milita a meſma razam. nas quais porem ſerá juſto pòr acento , quando deve ſer.

Em outras partes tenho viſto uzar eſtas linhas , que nam me-parecem de tanta neceſidade. v.g. *Fazemos* : que algum douto eſcreve : *Fazemos* : ou tambem quando uma conſoante ſe-converte n'outra , para evitar o concurſo de muitas Vogais : v.g. *Fazê-la* , *Amá-la* , que vale o meſmo que , *Fazer-a* , *Amar-a* . Mas neſtas primeiras peſoas do-plural parece eſcuzada , porque ſe intendem muito bem , e eſtam muito em uzo. E o meſmo julgo , dos-ſegundos exemplos : muito mais porque neſtas em que vai *La* , muitas nam ſe-acham ſeparadas às vezes , v.g. *Querê-la* &c. Mas quem neſtes ſegundos exemplos ateimáſe a praticala , nam faria erro. O que porem me-parece aſetaſam é , querer ſeparar eſta voz *Mente* , dos-nomes com que faz Adverbio : *Pia-mente* , *Antiga-mente* &c. Na pronuncia deſtas diſoens , nam pode aver engano : e quem as-ſepera , intende mal as coizas.

Podem opor-me uma difficuldade , vem a ſer , quando ſe-dividem as palavras no-fim das-regras , como á-de conhecer quem copeia ; ſe na ſeguinte regra deve pòr a palavra inteira , ou com a dita linha. Mas a iſto reſpondo , que ſe-conhece muito bem deſte modo : ſe as palavras ſe-dividem por-neceſidade da-regra , poem-ſe no-fim duas linhas aſim = : quando ſe-dividem na divizam da-linha , baſta pòr uma só linha. Primeiro exemplo aſim : *Fa=zia* : ſegundo exemplo : *Faz-me* . Se no-fim da-regra ſe-acha o *Fa=* com duas linhas , é final que na imprenſa , ou copia deve ſer inteira a diſam : ſe tem só uma linha , ſucedendo ficar toda a diſam na ſeguir

te regra , deve ter tambem a linha : e isto é facil de praticar.

Creio que será mui justo, introduzir na lingua Portugueza , os *Apostrofes* : que são umas virgulas , que se escrevem no-alto de uma consoante antes da-vogal seguinte ; para mostrar , que falta uma vogal , e que a consoante se-deve unir na pronuncia , com a vogal da-seguinte disam. Digo na proza , porque no-verso o Camoens , e outros ja os-introduziram. Os nosos Italianos introduziram os *Apostrofes* , para abreviarem as disoens : vistoque , comendo-se as ditas vogais na-pronuncia , é superfluo escrevelas : bastando ali pòr o final , de que deveriam estar. O mesmo fazem os Francezes : e cuido que , sem alguma censura , o-podem introduzir os Portuguezes. Onde será permitido escrever , *Amor d' Antonio : Cam d' agua &c.* A razam disto é , porque ou na proza , ou no-verso nam se-faz cazo daquelle primeira vogal : e assim podemos dispensar de a-escrever. Em 2. lugar , porque nam se-perde com isto o sentido , nem se-faz equivoco. Em 3. porque faz a pronuncia mais doce. o que principalmente se-conhece , quando as vogais são semelhantes : no-qual cazo pronunciar dois *ee* , ou dois *aa* , é aspero , e cansa. Assim cuido , que neste cazo , é necessario ; nos-outros , mui agradavel o *Apostrofe*. Nem isto é tam novo em Portugal , que nam se-achem vestigios desta uniam na pronuncia : antes nam á coiza mais frequente. Considere V.P. estas palavras , *Deste , Daquelle , Damesma* , e outras semelhantes ; e verá nelas o que digo. Antigamente escrevia-se , *De este , De aquele , De a mesma &c.* o que facilmente alcança quem considera , o que vale aquele *d* , e com que motivo se-introduzio. Mostrou a esperiencia , que , pronunciando estas particulas separadas , ficava aspera a pronuncia : e assim deitaram-nas fóra até da-escritura. O que suposto , o que eu aconselho é ; que pratiquem com as outras disoens , que se-unem na pronuncia , o mesmo que tem praticado com estas : e que em ambas as partes ponham o *Apostrofe* , para mostrar a vogal que falta ; e com isto ensinar melhor a composiçam das-disoens , fabelas conhecer , e buscar. Apostarei eu , que de dezmil omens Portuguezes , a um só nam veio nunca à imaginaçam , que *Deste &c.* é composta de *De* , e *Este*. Proguntei isto a alguns , e nam me-souberam responder : e contudo serviam-se indifferentemente destes termos. Eu teria uzado mais amiudo dos-*Apostrofes* : mas como ainda nam estão bem introduzidos , temo que me-nam-intendam. pouco a pouco devemos acostumarlos a isto.

Outra coiza tenho que repreender , na maior parte dos-Portuguezes ; e vem a ser , que dividem muitas disoens , que deviam estar juntas. V.g. escrevem , *Ainda que , Para que , Com que , Por que* , e outras conjunsoens semelhantes. Mas erram , porque aquellas palavras quando se-seguem umas a outras , devem estar unidas , e fazem uma só palavra : e até isto pode ser necetario , para fugir de equivocasoens. Se eu diler : *Para que o meu* *me-manda ! Com que razam me-persuade !* neste cazo o *que* , é Relativo. e

deve estar separado. Mas quando significa o mesmo, que *etsi*, *ut*, *igitur*, *quia* como nas quatro acima apontadas; deve estar junto: o que servirá muito, para os-distinguir ambos. Isto melmo praticaram os Romanos. *Attamen*, *Etenim*, são compostos de *At*, *tamen*; *Et*, *enim*. *Quamobrem* é composto de três disoens, nenhuma das-quais é Adverbio: e contudo juntas fazem de muitos nomes um. E isto mesmo devem fazer os Portuguezes nestas disoens indeclinaveis: e ainda algumas vezes nas declinaveis, que se-unem com o Artigo &c. o que o uzo ensinará; e a pratica dos-omens doutos confirmará.

Tambem sobre os *Plurais* seria necessario, estabelecer um uzo constante. O P. Bento Pereira diz, que o plural de *al*, é *ais*, e nam *as*. e parece que tem razam; porque a pronuncia mostra um *i*, e nam um *e*. Mas nisto á tanta variedade, que uns escrevem *ais*, outros *as*: e o pior é, que o mesmo escritor serve-se às vezes, de ambas as terminasoens. Um destes é o Bluteau: que, tendo aprovado na Proza Gramatonomica a opiniam do-Pereira, contudo escreve *Misões*, e outras plurais semelhantes. Mas ja adverti, que o Bluteau é inconstante na Ortografia. Mais controversos são, os que acabam em *er*, como *Chanceler*, cujo plural querem muitos que seja *Chancereis*: e nisto tropeça muita gente boa. Cuido, que é mais proprio, e mais chegado à analogia, *Chanceleres*: e assim todos os mais. Da mesma forte *Almiscoar*, deve fazer, *Almiscoares*. Tambem é mui duvidoso o plural de *Simplex*, como tambem *Felix*. Muitos escrevem o primeiro com *x*, em ambos os numeros: o que aumenta a confuzam. Outros escrevem no singular, *Simplice*: que parece afetarem vergonhoza. Ou acabe em *s*, ou *x* no-singular, o plural deve acrescentar somente um *es*: v.g. *Simpleses*, ou *Simplexes*. O mesmo digo, dos-que afetam dizer no-singular, *Felice*, e plural *Felices*. Digo, que no-singular deve-se dizer *Felix*, ou com *s*, ou *x*; e no-plural *Felizes*: e assim dos-mais. as palavras *Indice*, e *Index*, ja oje recebem indifferentemente em Portugal. Que *Brazil*, faça *Braxis*, está muito bem: mas que *Malsim*, *Belegum*, façam *Malsis*, *Beleguis*, como querem alguns, é contra a pronuncia boa, que mostra um *n* mui claro. E assim estes em *im*, devem acabar em *ins*, *Malsins*. Os outros plurais em *aens*, *aens*, e *oens*, é facil determinalos; advertindo as anomalias que se-acham nas tais regras, que nam são poucas.

Mas nam para aqui a reforma: deve-se dar um passo mais adiante, e acrescentar muita coiza, em que é defeituosa a lingua Portugueza. Consi-te a primeira, em adotar algumas palavras Estrangeiras para explicar melhor o que queremos. Nam acho em Portugal palavra, que explique a idea que formam os nosos Italianos, (e ainda os Francezes) quando proferem esta palavra, *Penso*: dizendo, *Um homem que pensa bem: Que pensa mal &c.* Dizer, *Ajuizar*, nam explica: porque *ajuizar* é uma especie de *Pensar*; mas nam comprehende tudo quanto diz, *Pensar*. Nem menos serve, *Consi-*

derar: porque considerar é o mesmo que *Meditar*, *Examinar* uma matéria; e *Pensar* diz mais. Um meu amigo, para dezatar este nó, servio-se de *Pensamentear*: mas parece afetado. É mais proprio e natural, servir-se do Verbo *Pensar*, que comprehende todas as operaçoens do-entendimento. Onde, diremos que um homem *Pensa bem*, quando se-serve de todas as qualidades da-mente ou entendimento, como deve ser.

A mesma difficuldade pode nacer em outras palavras. Aqui confundem *Juizo*, e *Intendimento*: sendo coizas mui diferentes. porque cada nome destes distingue uma particular faculdade da-alma, esta de intender, aquela de julgar. A estas duas unem outras duas, *Ingenho*, e *Talento*: as quais nam só sam diferentes das-ditas, mas entre si. *Ingenho*, fomenta explica a facilidade que temos, para unir diferentes ideias, de um modo que eleve. *Talento*, significa a capacidade, tanto de intender, como de julgar, e discorrer. Seria bom, que se-distinguissem estes significados, e se-explicassem aos rapazes, para nam confundir as palavras. Parece-me, que para explicar aquilo, que os Latinos chamam, *Mens*, *Intellegentiã*, e algumas vezes *Intellectus*, se-podia adotar em Portugal a palavra *Mente*, como fazem os nosos: a qual explica melhor tudo. O uzo tem introduzido, que *Intendimento* seja sinonimo de *Mente*.

A esta se-podiam ajuntar outras muitas palavras Estrangeiras, que explicam melhor o que se-quer dizer; principalmente quando se-trata de Artes e Ciencias: cujos termos é necessario uzar, mas com cautela. Nam digo, que se-devam adotar cem mil termos Latinos, que no-Portuguez sam inutis: antes condeno isto muito em bastantes Portuguezes, que enchem os seus escritos, de mil palavras Latinas sem tom nem som, fomenta para parecerem eruditos. Este é aquele vicio dos-pedantes ou ignorantes, a que os nosos chamam, *Pedanteria*. O que digo é, que nam avendo termo proprio em Portuguez, se-pode, e deve buscar fóra: e muitas vezes pode-se buscar fóra, nam tanto por-preciza necessidade, quanto para maior ornato da-lingua: aqual é justo que nam seja tam pobre, que nam tenha algumas ocazioens dois ou trez sinonimos, para explicar as mesmas coizas: outras vezes para adofar a pronuncia aspera de algumas vozes antiquadas: e fazer seja mais bela, e mais suave a lingua materna. Mas aqui é que está o juizo, em sabelos adotar sem afetarem. Porei um, ou dois exemplos. Em Portugal nam á nome proprio, para nomiar aquele criado de libré, que acompanha seu amo a pé vizinho à carruagem, ou cavallo. Os nosos Italianos explicam isto com uma palavra, *Staffiere*, ou *Pólafraniere*. Porque nam uzaremos destes termos em Portugal? Chamamos aqui *Letrado*, ao que advoga nas cauzas: chamamos aos homens doutos, *Letrados*. Mas isto é uma impropriedade. *Letrado*, *Douto*, *Erudito*, *Sabio*, sam sinonimos, mas de significasam mui generica. Aos que advogam, deviam chamar *Advogados*: que é o seu nome proprio, ainda na lingua Latina, como diz Quintiliano, e Af-

e Alconio: *Advocatus*, i. e. *Patronus*, *Causfidicus*. Adotaram os Portuguezes estas palavras, *Berlinda*, *Paquibote*, *Estufa*, *Sege* &c. para distinguir as diferentes sortes de carruagens de que uzam: mas podiam adotar muitas mais: ayendo aqui outras carruagens, que nam tem nome proprio, que em outras partes o-tem. As artes Liberais, Ciencias &c. tratando-se em Portuguez, devem ter os seus nomes Estrangeiros, mas aportuguezados. Finalmente, se eu ouvele de escrever tudo, o que me-ocorre nesta materia, faria um groso volume: e afin contento-me, de apontar estes exemplos. O que encomendo muito é, que com este pretexto, nani nos-encham a lingua de Latinismos, Francezismos, e Italianismos, conio entre outros fez Inacio Garcez, nas Notas ao Camoens.

Seria mui util, que os omens doutos indroduzilem uma terminafam certa, em todos os *Patronimicos* de Provincias &c. no-que falta muito a lingua Portugueza. A um omem das-Provincias, chamam *Algarvio*, a outro *Alemtejam*, a outro *Minhoto*, *Beiram* &c. E ainda estes nomes nam sam geralmente, e benignamente recebidos; porque se-reputam injuria. Mas o pior é, quando pasamos aos Patronimicos de Cidades; comumente nam se-acham: mas dizem: *Um omem d' Evora*: *Um d' Elvas* &c. Neste cazo parece licito, fazer nomes novos, e dizer, *Evorense*, ou *Eborense*, *Coimbreense*, *Portuense* &c. E o mesmo dos-outros antecedentes: os quais podem terminar-se em duas maneiras v.g. *Algarviense*, ou, com outras dezinencia Romana, *Algarviano*: *Alemtejense*, *Alemtejano*: *Beirense*, *Beirano* &c. Nos-nomes de Provincias Ultramarinas, deve-se observar o mesmo. v.g. *Brazileense* &c. *Insolense*, *Indiano* &c.

Em todo o cazo porem, tanto na introdufam de nomes novos, como na pronuncia, dos antigos, sempre se-deve cuidar em adolar a pronuncia, e fazela, quanto mais puder ser, facil. Nisto pois á muito que condenar em Portugal, principalmente nestes modernos eruditos, que, querendo parecer elegantes, e mui versados na sua lingua, e origens dela; dizem coizas, que é uma piedade ouvir. V.g. Escrevem, *Volunoxo*: sendo *Voluminoso* muito mais suave, e mais chegado à analogia Latina. Dizem, *Excéptas*: sendo mais natural *Excetuadas* que vem do-Verbo *Excetuar*, que é mui Portuguez: quando polo contrario nam acho nela, o verbo *Exceptar*. Dizem, *Eregia*: que ofende os ouvidos com a pronuncia: sendo melhor *Ereja*, que é mais doce, e nem por-iso menos conforme ao Latim. Dizem, *Pessoa comum*: que é uma verdadeira ridicularia: porque aindaque a palavra *comum*, signifique coiza de muitos; deve ter as suas duas terminafam em Portuguez, afincomo tem no-Latim, em que explica diferentemente o *Neutro*: e o superlativo *Communissimus*, com trez mui redondas. Onde deve dizer-se, *Coiza*, ou *pessoa comua* &c. Finalmente. (deixando por-agora outras reformas destes eserupulezos) nóto que escrevem *Pai*, *Mai*, ou com *y*, ou com *i*. Quanto ao primeiro concordamos: mas nani no-segundo: porque na pronuncia ouve-se um *e*.

e *n* mui redondo: e assim deve escrever-se *Maen*, porque assim pronunciam os omens de melhor doutrina. Nem vale o dizer, que com isto se-conformam mais, com outras semelhantes palavras Portuguezas: porque, como ja disse, o uzo, fundado sobre a pronuncia mais doce, faz lei neste particular. (1) Tambem eles dizem *Catam*, *Varram* &c. e no-mesmo tempo dizem *Cicero*, *Pollio* &c. e nam *Ciceram*, *Polliam* &c. sendo a mesma razam. No-mesmo Latim, ou Italiano vemos, que uma palavra se-pronuncia de um modo, e outra, que vem da-mesma origem, diferentemente. o que V. P. pode ver nos-livros de Cicero, que aponteí assim, que traz exemplos de tudo: por-nam citar agora exemplos vulgares, que sam muitos. Assim alento, que, com esta regra diante dos-olhos, é que se-deve emendar e reformar a lingua.

Mas o que me-dá mais vontade de rir é, ver as cautelas que praticam, para dizerem, *Porco*. Uns dizem, o *Gado mais asquerozo*: outros dizem, *Carne suina*: e louvam muito isto em alguns antigos escritores. Tudo puerilidades. *Porco* nam é palavra obscena: dizem-na os Latinos, e os nosos Italianos diante do-Papa. Antes creio que *asquerozo*, traz à memoria nam só coiza *suja*, como o *porco*, mais coiza que volta o estomago. Estas delicadas orelhas pronunciam, *sugidade*, *escremento*, *lesmas*, *ratos*, *persevejos*, *piolhos*, *pulgas*, e outras coizas imundissimas sem difficuldade: e acham-na grande em pronunciar, *Porco*. Que lhe-parce a V. P. a esquipasam?

Finalmente devo advertir a V. P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no-meio; mas principalmente nos-fins das-difcoens. V. g. *e* final, pronunciam como *i*: como em *De-me*, *Pos-me* &c. todo o *o* final, acabam em *u*: v. g. em *Tempo*, *Como*, *Buro* &c. cujos nomes quem quer pronunciar à Portugueza, deve acabar em *u*. todo o *m* final, e no-meio, como *n*. todo o *e* antes de *a* no-meio da-difam, pronunciam como se-fole um tritongo. v. g. *Cea*, *Veia*: que pronunciam *Ceia*, *Veia*: nam obstante-que na escriptura, comumente nam ponham *oi*. E nisto merecem rizo alguns Portuguezes, que nas suas Ortografias impreias ensinam, que na lingua Portugueza se-devem pronunciar algumas letras, aindaque nam estejam escritas: e que umas letras devem pronunciar-se por-outras: v. g. achando-se *Outo Deus* &c. se-deve pronunciar o *u*, como *i*. Isto, como digo, é querer confirmar os rapazes, nos-seus erros. Deveriam polo contrario dizer, que pronunciando-se o *i* em *Cea*, se-deva

(1) *Impetratum est a consuetudine, ut peccare suavitatis causa liceret. & pomeridianas quadrigas, quam postmeridianas, libentius dixerim: & mehercule, quam mehercules. Non scire qui tenet, barbarum jam videtur: nescire dulcius: Ipsum meridiem cur non me-*

didiem? Credo, quod erat insuavius. Cicero. Orator. ad M.B. num. 47. Et infra = Consule veritatem, reprehendet: refer ad aures, probabunt. quare, cur? ita se dicent juvari. voluptati autem aurium morigerari debet oratio.

escrever também com *i*, para se conformar com a pronuncia: Muito mais porque eles escrevem *Meio*, *Veio*, *Correio* com *i*, e a mesma razão milita, nos que apontamos, e semelhantes. Da mesma sorte achando-se escrito *Outo* com *u*, deveriam ensinar aos rapazes, a conformar-se com a escritura, se intendem que é arzoada: se porem intendem, como na verdade é, que parece áspera e dura; deviam dizer, que se escreve-se com *i*, e nam enganar os rapazes na pronuncia.

É na verdade nam posso intender, por-que razão, pronunciando os omens doutos nos-seus discursos, *Dois*, *Oito*, *Oitenta*, *Toiros*, *Coizas* &c. devam na escritura mudalo em *u*; se nam é por-se-conformar com quatro velhos impertinentes, que intendem e julgam mal das-coizas. Este é o mesmo cazo de *Optimus*, *Maximus*, *Dividundo*, *Faciundo*, e outros semelhantes dos-Latinos. Cicero, Cezar, Nepote, e outros omens cultos, nam puderam sofrer aquella pronuncia; e convertéram aquelle *u* em *i*, para fazer suave a lingua: Salustio, que nos-ultimos tempos o-quiz conservar, foi criticado: e nem menos agradou *Varram*, que era o protetor das-antiguidades. Onde deve isto também ser permitido na lingua Portugueza, que filha da mesma maen, tem as mesmas qualidades. Parece coisa galante, que estes omens, em vez de facilitar aos Estrangeiros, a pronuncia da-sua lingua; só busquem meios de aumentar, a aspereza dela. Certamente que o Camoens no-XVI. seculo, apurou muito a sua lingua, servindo-se da-Italiana &c. e isto devemos nós também fazer, emendando os erros de Camoens, nam só no-que digo, mas em outras coizas, em que ele pecou, e eu podia advertir. Concluo dizendo, que na lingua Portugueza, nam só se-devem tirar as letras superfluas, onde nam se-pronunciam; mas escrever outras, que se-pronunciam, e até aqui se-deixavam. Onde, todas as vezes que se-pronuncia o *i* entre *e*, e *a*; deve-se escrever. V. g. *Cadeia*, *Ideia*, *Ceia*, *Veia* &c. visto que os Portuguezes escrevem comumente, *Meia de calsar*, *meia duzia* &c. e a razão é a mesma em ambas as partes. Por-esta mesma razão se-deve escrever em todos os Verbos, como *Leia*, *Pafela* &c. porque se os-pronunciassem como *Ceo*, *Plebeo*, *Chapeo* &c. neste cazo era justo que lho-tirassem: mas levando o *i* na-pronuncia, também o-deve ter na escritura. Desta sorte foyente, se poderá introduzir uma Ortografia certa, e geral, que nam necessite dar diversas razões em todas as palavras. Repare V. P. que eles escrevem *Aia*, *Maiá* &c. com *i*, porque o som desta vogal é claro: e porque nam faram o mesmo com outros nomes, que sam puros Portuguezes?

Acho alem disto omens, que aconselham, se-tire de *Arrecadar*, *Arrematar* &c. o *arre*; e se-diga, *recadar*, *rematar*. Sam deste parecer o Bluteau, e algum outro. Mas estas orelhas tam delicadas e escrupulozas, que se-ofendem com tais minucias; nam tem dificuldade, de se-servirem em todas as paginas destes termos, *Com noticia*; &c. o que abunda no-

Bluteau : ou , como diz o Vieira , *Por raxam* , e outras tais. Parece-me , que estas cacafonias menos soffríveis , se-deviriam evitar ; deixando as outras que nada ofendem. Este metodo de reformar a Ortografia , era melhor que se-ram-impremise.

Ora deste dano de pronunciar mal o Portuguez , de que até aqui fizemos mençam ; rezulta outro , de conservar no-Latin os mesmos erros. onde seria mui util , que se-emendassem quanto pudessem. Sei , que isto tem sua dificuldade , porque os ignorantes são muitos , e pronunciam mal : mas Roma nam se-fez em um dia. Seja V. P. um dos-primeiros a dar exemplo : persuada isto mesmo aos seus amigos : que os outros os-imitarão. Deste modo introduzirão em Portugal uma Ortografia , quanto mais poder ser , constante ; o que até aqui nam tem avido : e assim será mais bela , é facil a pronuncia ; e mais armoniozos os verlos Portuguezes.

Isto me-parece basta advertir , sobre a Ortografia Portugueza , visto nam fazer tratado dela. muito mais , porque com estas poucas regras , se-pode responder . as outras dificuldades que ocoerão. Algumas observaçoens de menor momento , podem-se ver , nas Ortografias Portuguezas : tendo a advertencia , de nam se-deixar enganar , das regras que dam , porque comumente são mui más. O P. Bento Pereira , que cuidou foi dos-primeiros , que escreveram nesta materia , dá muito más regras ; e só proprias para destruir , o que cada um sabe. O Barreto , o Leam , o Vera , tem algumas coizas boas , entre outras muito más. Na mesma classe ponho , o que diz o P. Argote , nas suas Regras Portuguezas ; e algum outro. Tais autores copiaram-se fielmente uns a outros , sem examinarem a materia.

Sei que alguns , dam em razam do-que eicrevem , acharem-no assim escrito , nos-antigos Portuguezes. Mas esta razam , é de caboesquadra. Porque tratando-se de linguas vivas , que nam estavam purgadas polo passado , mas que na nosa idade , se-vam reduzindo à perfeisam ; e desta , da qual no-nosso tempo , appareceu o primeiro Vocabulario ; nam devemos estar , polo que disseram os Velhos : mas examinar , se á razam , para se-dizer assim. Observe V. P. que os que assim respondem , contrareiam-se na pratica : porque nam uzam daquelas palavras toscas , que ainda lemos nas leis antigas , nos-testamentos , doações , e outros documentos , que deixaram os Antigos. Seria uma ignorancia manifesta , e aetasam indesculpavel , falar oje com muitas palavras , de que uzaram os antigos Portuguezes. E isto , nam por-outra razam , senam porque a lingua se-foi purgando , e os omens mais capazes intendèram , que se-devia falar de outra maneira. E se isto se-pratica , com inteiras palavras , porque o-nam praticaremos , com melhor pronuncia ?

Alem disto , é ja coiza muito antiga , que o uzo e juizo dos-omens doutos , e de boa eicisam , decida neste particular. E como ajam muitos Portuguezes inteligentes , que eicrevem polo contrario ; e assim boa ra-

zam do-que dizem ; nam tem lugar nisto , uma prescriçam sem fundamento. No-tempo de Cicero , a lingua Romana tinha de idade , polo menos , uns setecentos annos ; (contando fomento da-fundação de Roma : porque sabemos , que a lingua do-Latio é muito mais antiga) e contudo ele , e outros omens doutos , a-purgáram muito bem. Observe V. P. os fragmentos , que temos , de *Livio Andronico* , *Enio* , *Estacio Cecilio* , *Pacuvio* &c. e as obras de *Catam* o velho , de *Plauto* ; e achará , palavras dezuzadas , e mui toicas ; e , em algumas obras , uma composiçam languida , e sem graça. Profiga mais para baixo , examine as obras de *Terencio* , *Lucrecio* , *Varram* , *Catulo* , *Sallustio* &c. achará neles a lingua mais mudada , e palavras mais polidas. Defa finalmente à ultima fineza da-idade de oiro da-Latinidade , quero dizer , aos que melhor faláram , no-seculo de Augusto ; e sempre lhe-crecerá a admirasião , porque crece a mudança. *Pacuvio* , e *Estacio* tem tanta semelhança com *Cicero* , *Cezar* , *Cornelio Nepote* , *Virgilio* , *Oracio* &c. como o dia com a noite. naquelles , tudo é inculto : e nestes , tudo é polido , palavras , fraze , e metodo. E mais todos entram na idade de oiro ! O mesmo Cicero , em alguns seus tratados , adverte , quanto trabalhára neste particular , para apurar a lingua. Oracio tambem adverte , que o bom uzo , é o que emenda as linguas. Finalmente advertiram os Gramaticos , e Oradores de melhor nome , que a Ortografia , está fugeita ao costume (1) : e um douto Latino , deixou escrito nesta materia : *Antiquitatem posterior consuetudo vicit.* (2) E nem somente encontrará V. P. palavras mudadas , mas novas. Os Romanos nam tinham palavras para tudo : e assim foi necessário tomalas prestadas : principalmente em materias de Ciencias , e Artes : as quais adotaram como Latinas. Este é o privilegio das linguas vivas. Mas certamente nam conhece este privilegio , quem se-escandaliza , como vi alguns , de que se-recebam palavras estrangeiras em Portugal. Se os Portuguezes as-nam-tem , que mal fazem , em pedilas aos outros ? Nam approvo porem , o que muitos fazem , servir-se sem tom nem som , de vozes estrangeiras , e palavras puramente Latinas , tendo outras Portuguezas tam boas. O que observo em muitos , que prezumem de Criticos : e Poetas : especialmente no-dito Inacio Gareez Ferreira. O que digo é , que nam se-achando proprias , nam é delito , procuralas em outras linguas ; ou fazelas novas : e que , quando as proprias sam asperas , se-devem adoçar.

Este mesmo uzo , de purgar as linguas , melhorando na-boua pronuncia , enriquecelas com palavras novas , quando á necessidade ; está geralmente introduzido. Achei livros , ainda impresos , Inglezes , Francezes , Espanhoes , e Italianos , com infinitas palavras , que já oje nam estão em uzo , e com um estilo de fraze pouco uzada. e lembro-me agora , ter visto á ~~anos~~ ^{anos} , um livro de Genealogias de Flandres , escrito polos

(1) *Quintil. l. i. c. i. Varro de lingua L. 1.6. & alii.*

(2) *Marius Victorinus Aff. de Orthographia.*

avos de Christo 1400. em um Francez tam embrulhado, que o tinham imprimido, com a versam de Francez moderno a lado: sem o qual socorro, nam era facil intendeio. Os nosos antigos Poetas tem palavras, que oje se nam-recebem. Em *Dante*, e *Petrarca*, acham-se coizas nam mui finas; e tambem em outros. Os Modernos de todas estas Nasoens, melhoraram sobre os Antigos, e serviram-se do-seu direito, para emendar a lingua. os mesmos Portuguezes o-fizeram. Finalmente isto é tam claro, que me-envergonho de o-provar. E com effeito, a estes que assim respondem, ou assim argumentam, seria mais acertado, nam-lhe-responder. E' fazer-lhe muito favor mostrar, que tais argumentos tem resposta. Mas eu o faço aqui, porque a amizade de V. P. me-obriga a obedecelo: e escrevo isto, mais para satisfazer ò seu dezejo, doque à materia.

A outra razam, que outros afinam, para se desculparem dos seus erros é, que umas vezes dobram as letrás, para mostrarem donde se derivam: outras, para a significasam, quero dizer, os diversos tempos: E assim escrevem *Escritto* com dois *tt*, para mostrar, que vem de *Scriptus*: e *Amasse* com dois *ss*, para o-distinguir do-prezente *Ama-se*. Esta razam achará V. P. em alguns livros impresos. Mas, com todo o respeito que devo, a quem uza dela, digo, que nada vale. A maior parte das-palavras Portuguezas, tem origem Latina: o que até as crianças sabem: quizera pois que me-difese, porque se-devem dobrar em vinte, ou trinta palavras, e nam nas mais? Alem diso se V. P. observa, muitas palavras Portuguezas, achará, que nam só tem origem, mas sam puras Latinas. V. g. *Aplaudo*, *Aplíco* &c. e nestas será tambem necessario dobrar os *pp*, e escrever trez consoantes seguidas, como no-Latim. Será tambem necessario pòr o *s*, antes de *Ciencia*, e finalmente comesar muitas disoens, por-duas consoantes, *mn*, *pn*, *sp*, *ps*: porque tudo isto á no Latim. O *c* antes de *t*, tambem se-deve pòr, em muitas palavras, como em *Benedicto*, *Doctor*, &c. E nam sei, se, os que seguem o dito parecer, admitirão todos estes acrescimos: o que nem menos o Italiano, que se-preza de filho primogenito do-Latim, admite em tudo. Crece o argumento se observamos, que o Portuguez tem palavras Arabias, Goticas, Inglezas, Tudelcas &c. o que suposto, será necessario em cada uma, pòr a sua diferença original: ou ao menos nas Latinas, para as-nam-confundir com as outras. Finalmente se a tal razam valesse, nam deveria quem uza dela, pòr *h*, em *é* verbo, e outros destes: porque na sua origem nam o tem.

Mas, deixando outras observaçoens, com que podia provar, a insufistencia das-ditas razoens; darei só uma, que prova por-todas; e esta especialmente serve, contra aqueles Portuguezes que dizem, que se-devem dobrar muitas letrás, que se pronunciam dobradas; e expresamente se-ouvem os dois *mm*, em *comum*, e outras semelhantes. Digo, que para responder a estes, basta citar-lhe o exemplo, da lingua Italiana. Nam vi ainda Por-

tuguez algum (nam falo dos-que paſaram a Italia até a idade de 7 ou 8. anos : porque eſtes perdèram a ſua lingua , e falam o Italiano , como lingua propria) por-mais eſtudiozo , e diligente que foſe , que aprendeſe a pronuncia , principalmente Toſcana , ou Romana : em que expreſamente ſe-pronunciam as duas letras conſoantes. todos as-pronunciam como uma ſimplez. V. g. diſtinguem os noſos *Capello* , que ſignifica *Cabelo* , de *Cappello* , que ſignifica *Chapeo* ; com pronunciar dois *pp* , e dois *ll* no-2. Nenhum Portuguez o-chega a diſtinguir : e por-iſo ſam logo conhecidos , por-Eſtrangeiros. O meſmo digo em todas as outras dobradas. O mais que vi foi , pronunciar os dois *xx* , v. g. em *Paláxxo* , *Ragaxxo* : mas iſto com muito eſtorſo , e pola razam , de que ſe-pronunciam diferentemente : quero dizer , que os dois *xx* , pronunciam-ſe como *ds* : que , ſe tiveſem ſoido igual , nam os-pronunciariam. Eſta experiencia conſtante moſtra , que é falſo dizer , que os Portuguezes , na-ſua pronuncia natural , e ſem fazer um grande eſtorſo , pronunciem as dobradas. Do-que ſe-ſegue ; que ſam inutis as tais letras. E em tal cazo entra a minha regra , que as letras inutis , ſe-devem deſterrar , da-lingua Portugueza.

Sobre a pontuaſam ; tenho pouco que advertir a V. P. E' claro , que a *Virgula* foi inventada , para denotar a interrupſam que ſe-faz , quando ſe-toma a reſpirafam : e para dar alguma diſtinaſam ao diſcurſo , e impedir a equivocafam nele. Tem ſeu proprio lugar , quando ſe fazem diſtinaſoens de Nomes , ou de outras palavras , que dependem do-meſmo Verbo , e ſe unem em uma propoziſam. v.g. *Pedro foi ſoldado , capitam , coronel , e chegou a ſer general.* Uza-ſe tambem dela , antes da-Conjunſam copulativa , e adveriativa. v.g. *Pedro , e Paulo partiram : Nem Pedro , nem Paulo partio.* mas nam ſe deve uzar , quando a conjunſam eſtá entre ſinonimos. v. g. *Antonio tem eloquencia e facundia. Pedro tem grande animo e valor.* Porem muito bem ſe-uzar entre propoziſoens , que ſignifiquem o meſmo ; a que podemos chamar ſinonimas. v. g. *Cezar ſubjogou todo o imperio Romano , e com a ſerie das-ſuas vitorias conſeguiu , que os Governadores , o-reconheceſem ſoberano.* aindaque entre eſtas , ſendo longas , pode-ſe eſcrever ponto , e virgula , ou dois pontos.

Utilmente ſe-uzar da-*virgula* , para diſtinguir e fazer mais claro o diſcurſo : o que ſe-faz em trez cazos. I. ſeparando as propoziſoens , regicxs pola meſma peſoa , ou coiza. v.g. *Umaz vezes ri , outras chora. Tomou umaz lanſa , e lhe-atraveſou o peito.* II. interrompendo o ſentido , com outras palavras. v. g. *Deus , autor do-mundo ; é pai de misericordia ; e tem providencia das-criaturas.* mas quando a interrupſam é comprida , é melhor por-lhe ponto e virgula ; como abaixo diremos. III. ſeparando aqueſas propoziſoens , emque a ſegunda , é objeto da-primeira. v.g. *Dexejo ver como ſucedera o negocio. Querera Deus , que iſo nam ſe-verifique.*

Finalmente ſe às vezes nam ſe-poem virgula , pode nacer confu-

zam no discurso. v.g. *Cuidando na minha assisam, e occupado neste pensamento, confuzo fui de caza.* se nam ouvése virgula, em pensamento, podia unir-se com *confuzo*, e cauzar nova confusam. Mas nisto das-virgulas, é necessario ter muito cuidado, de nam ser excessivo: como fazem alguns, prezados de doutos, que em cada palavra poem virgula. o excessão, e a falta igualmente se-devem evitar.

Tambem a *parentesis*, é especie de virgula: e consiste neste final, () com o qual se-compreendem algumas palavras. Escreve-se, quando dentro de uma propozisam, se inclue outra, separada do-sentido; ou para excessam, ou declarasam de alguma coiza. v.g. *Deixo de dizer (ainda que poderia com razam) as atrocidades que cometeo. O Amor, (como achamos escrito na Sagrada escritura) é tam forte como a morte.* Porem, se a interruçam é breve, bastam duas virgulas. v. g. *O Amor, como ja disse, é uma grande paixam.*

Despois da-virgula, seguem-se os *dois pontos*. Estes se-poem, quando o sentido da-orasam é completo, quanto à iustancia; mas nam em quanto ao fato: quero dizer, quando o que se-escreveo, faz por si só sentido perfeito; desorteque podia-se terminar com um só ponto: mas quem escreve, ainda tem alguma coiza que acrecentar, para melhor declarar a coiza, ou expremir alguma circumstancia, com a qual se-acabe de todo o periodo. v.g. *Recebi o doutissimo livro que v. m. me-mandou: para me obrigar com isto ainda mais, doque estava.* Neste periodo, despois de *mandou*, escrevem-se dois pontos: porque o sentido, ja está completo; mas ainda á que acrecentar. E estes dois pontos se podem replicar, em um longuissimo discurso, tantas vezes, quantas o sentido da-orasam for sufficientemente completo. Mas a melhor regra que nisto se-pode observar, é esta: Se a propozisam que se-segue, nam é muito independente da-antecedente, deve-se pôr dois pontos. v.g. *Estudar varias ciencias no mesmo tempo, antes confunde, que doutrina: como tambem o comer no-mesmo tempo comeres diferentes, tanto nam engorda, que ofendo.* Mas se eu comesase a segunda, por-palavras menos dependentes, deveria pôr um ponto. v.g. *Estudar varias ciencias, no-mesmo dia, antes confunde, que ensina. Da mesma sorte, como dizem os Medicos, mui diferentes comeres no-estomago, impedem a digestam.* neste caso ponho ponto, porque o sentido é mais separado. Porem se as propozisões são breves, intendo mais acertado, separalas com uma virgula. v. g. *O estudar muito junto faz confuzam, como tambem o comer muito.*

O *ponto*, costuma-se pôr, no-fim do periodo, e quando o sentido é totalmente completo. Neste particular observe, que muitos em Portugal ensinam, que depois de ponto, sempre se-poem letra grande. O que é um ingano manifesto; e contra a pratica dos-que melhor escrevem: que dizem, que quando os periodos são breves, e em certo modo dependem uns dos-outros; basta despois de ponto, pôr letra pequena: e quando isto

succede no fim do verso, poem-se dois pontos: visto que o verso seguinte deve sempre comesar, por-letra grande. Onde os omens doutos advertem, que nam só se-pode escrever letra pequena, depois de ponto final; mas-tambem algumas vezes, depois de dois pontos, letra grande, quando o periodo é comprido, e se-tem posto muitas vezes dois pontos: ou tambem quando se introduz alguma pessoa que fala, ou coiza semelhante.

E aqui incidentalmente advirto, que nisto de escrever letra grande, á um grande abuzo: avendo escritores que a-escrevem, em mil coizas desnecessarias: o que ofende a vista. E assim, nam avendo razam forsoza, deve-se escrever letra pequena, que é mais natural. As regras que nisto dam, os omens mais advertidos, se-reduzem a estas. Poem-se letra grande. I. quando se-comesa o discurso. II. nos-nomes proprios, e sobrenomes tanto de Pessoas, como Provincias, Cidades, Ilhas, Montes, Mares, Rios, Ventos, e Animais. III. nos-nomes de dignidade, ou abstratos, como *Bispado*, *Papado* &c. ou concretos, como *Papa*, *Rei*, *Abade*, *Conego*, *Senador* &c. mas nam se-poem nos-de officios inferiores, como *soldado*, *pintor*, *sapateiro*. IV. nos-nomes apelativos, quando se-tomam por-alguma coiza particular. v. g. *O Orador Romano*, por-Cicero: *o Doutor Angelico*, por-S. Thomaz: *Religiam*, pola vida Religioza &c. V. nos-nomes do-genero, ou especie, quando significam todo o genero, ou especie. v. g. *A Terra é redonda*. *Os Rios correm para o mar*. porque significando um individuo particular da-dita especie; v. g. *um bocado da terra* &c. basta letra pequena. VI. as coizas inanimadas tomadas como pessoas, ou polo genero. v. g. *A Ira é uma grande paixam*. *O Amor cega os mais doutos* &c. VII. os Adjetivos tomados como Substantivos. v. g. *O Amigo, é outro eu*. *O Forte, aumenta o animo nos-perigos*. VIII. os nomes que significam multidam. v. g. *Senado*, *Republica*, *Cabido*, *Turcos*, *Inglezes* &c. IX. os nomes da-materia, de que principalmente se-trata. v. g. *A Incarnasam, a Simonia*. ou tambem os nomes das-principais partes, em que se-divide um todo. v. g. *Neste caso pecam alguns, por-Ignorancia, ou por-Malicia*. *Por-Ignorancia, pecam aqueles* &c. X. quando no-discurso se-introduz alguma pessoa, que fala. v. g. *Voltando-se entam para o ceo S. Paulo, disse, Senhor, que quereis que eu fusa?* mas se o discurso, que se introduz, fosse mui longo, seria mais acertado, separalo com um ponto final. E a palavra que se-segue, depois do-ponto interrogativo, nam deve ter letra grande; porque nam comesa um sentidodo novo.

Estas sam as regras, estabelecidas polo melhor uzo. Contudo á alguns, que ainda ás vezes as-limitam, quando intendem, que nam sam necessarias. v. g. Vindo juntos dois nomes, um generico, e outro particular, como *Seita Turquesca*, *Igreja Catolica*, *Senador Romano*, *Academia Real*, *Concilio Toletano*, *Concilio Geral* &c. deitam fóra a letra grande dos-primeiros, e somente a-conservam nos-segundos, que distinguem os primeiros.

Porque aindaque em outras ocaziões , achando-se fomite a palavra, *Igreja, Concilio, &c.* tenha letra grande ; neste caso porem , parece ser efuzada : o que eu aprovo. Outros ainda fazem mais , que , achando muitas destas ultimas palavras , que aponto , como *Senador, Consul, &c.* escrevem-nas com letra pequena : principalmente se está unida a algum sustantivo Proprio. v. gr. *Joannes rex, Cicero consul.* E isto achamos mui praticado , em antigos manuscritos ; e belissimas edisoens de livros modernos , emendadas por-omens mui doutos. Onde nam se-deve condenar , se algum o-praticar em alguma conjuntura , para evitar tanta letra grande.

Outros ainda limitam , o que se-diz nos-meros V , e IX. porque intendem . que nem sempre é necesária , a dita letra grande. E em tal caso , ou escrevem letra grande , só na primeira vez : ou poem uma risca por-baixo , escrevendo ; o-que na imprensa convertem em letra curfiya : ou nam a-poem : Nam parecendo muito bem um papel , em que repetidas vezes se-encontram as meimas palavras , com letra grande : o que ofende a vista.

Tornando pois aos *pontos* : algumas vezes o periodo inteiro , é acompanhado de admirafam , ou interrogafam : e em tal caso o ponto se-acompanha , com o final proporcionado. A *admirafam* , nota-se assim , (!) v.g. *Morreo , caso admiravel! dezesperado.* ou em qualquer outra parte , em que entre a admirafam , ou simplez exclamafam. A *interrogafam* , ou proguinta , distingue-se com este final , (?) v.g. *E porque nam poderei eu fazer isto? qual de vos outros mo-pode impedir?* Muitas vezes succede , que a *interrogafam* é acompanhada de exclamafam. v.g. *O' que grandes consequencias , se-ám-de seguir de um tal fato!* ou tambem : *E como é possível , que te-ocorre-se fazer isto?* e nestes cazos , é licito por um , ou outro final , como melhor lhe-parecer. E' porem de advertir , que quando a proguinta é mui comprida , e que na longueza , perde a forsa de proguinta ; os omens mais doutos , nam costumam por-lhe no-fim , o final de *interrogafam* : mas se lho-poem , é no-principio , ou no-fim do-primeiro periodo , ou nam lho-poem. V.g. *Julgas tu , que á omens de tam pouca considerafam , que sigam um tal estilo , nem fasam caso da-palavra , nem procurem ilexa a sua omra , nem tenham diante dos-olhos estas circunstancias : as quais se eu nam tive se executado , totalmente me-faltaria aquela benevolencia , que certamente me-mostram , os que examinam as minhas asoens =.* Neste periodo , ou se-deve por ponto de *interrogafam* , despois de *tu* : ou , despois de *circunstancias* : ou , em nenhuma parte : vistoque o contexto mostra bem , em que sentido se-fala.

Finalmente deve-se advertir , que á outra separafam de-periodo , a que chamam *Paragrafo* : o qual se-comesa , quando a materia que se-trata , se-acabou ; e se-pasa a outra materia. Muitas vezes se-comesa *paragrafo* , quando o discurso tem sido comprido , e , por-nam-fazer confuzam ,
é ne-

é necessário variá-lo. o que succede, quando sobre a mesma coiza, alego muitas razoens, e cada uma ocupa uma meia pagina. Em tal cazo, para evitar a confuzam, e dar mais gosto, e repoizo a quem le; é justo comear paragrafo. O que porem se-deve regular, pola prudencia de quem escreve: pois tam enfadonho é, comear paragrafo, de pois de trez folhas, como de pois de trez ou quatro regras. Caiem no-primeiro deste defeito, alguns prezados de doutos: que, ouvindo dizer, que os Antigos nam uzavam das-separasoens de capitulos; sem mais outra reflexam, fazem um longuissimo discursão, sem divizam de paragrafos: em modo tal, que se-perde a respirasam lendo-os. No-segundo, caiem muitos Escolasticos, que de cada texto fazem um paragrafo. Uma, e outra coiza se-deve evitar.

Alem das-ditas pontualsoens; inventaram os escritores, principalmente modernos, outra, a que chamam; *ponto e virgula*. e isto para variar a pontuasam, e para evitar por tantas virgulas seguidas, antes dos dois pontos, nos-periodos longos. Este *ponto, e virgula*, é uma pauza, maior que a virgula, e menor que os dois pontos. Poem-se, quando a orasam ja faz algum sentido; mas nam o que basta para se-intender, de que se-fala: e ainda a primeira propozisam, espera pola segunda, para se-poder intender- v. g. *Aindaque eu nam tenha, todo o dinheiro necessario, para a compra; farei o possivel, polo alcanzar: para concluir de uma vez, este negocio*. No-qual periodo, quando chegamos à palavra, *compra*; ja temos algum sentido: e quer dizer, *que nam tem dinheiro para a compra*. mas fica o sentido imperfeito, por-cauza da-palavra *ainda*: a qual faz que eu espere, pola seguinte propozisam até *alcanzar*, onde faz suficiente sentido.

Daqui fica claro, que *ponto e virgula* tem o seu proprio lugar, de pois das-propozisoens, que comecam por-*como, qual, quanto, se, aindaque &c.* as quais introduzem aquella dependencia, que digo. Finalmente de pois de qualquer propozisam, em que aja palavras, que unam com as palavras seguintes. Especialmente se-poem, quando se-fala de coizas opostas: ou quando se-faz enumerasam de muitas partes, e se-especificam todas. v. g. *Destruio cazas, e templos; o sagrado, e profano; o seu, e o alheio, &c.* Adverte-se porem, que os periodos, os quais, sendo longos, podem receber ponto e virgula; em cazo que sejam curtos, basta que tenham virgula: por-nam fazer tam enfadonha a repitasam dos-pontos e virgulas v. g. *Neste particular á duas opinioens: uma é de Cujacio; a outra seguem Joam André, e Ostiense*. parecerá a muitos, que em *Cujacio*, basta uma virgula, o que eu nam dezaprovo: outros quereram ponto e virgula. e assim é livre a cada um, fazer o que lhe-agradar. Polo contrario, se os periodos forem mui compridos, se-deveria por ponto. v. g. se eu disese: *Prova-se isto com duas razoens. A primeira é, porque &c.* neste cazo se a explicasam desta primeira razam, se-extendese até metade da-folha, ou ainda mais; no-fim, deve-se por ponto somente: e muitas vezes pode ser necessario, comear a

segunda razam, nam só com letra grande, mas ainda em novo paragrafo. Tambem quando se-tem posto algumas vezes, ponto e virgula; costumam os omens doutos, escrever dois pontos; aindaque o sentido nam seja completo quanto ao fato: para mostrar, que se-deve fazer maior interruçam; e descansar quem le, e quem ouve.

Isto é, o que me-ocorre advertir, neste particular da-pontuafam. Devo porem declarar a V. P. que esta materia, nam é ponto matematico, que nam admite mais, ou menos: antes, polo contrario, depende muito, da-vontade de quem escreve. Porque aindaque todos convenham, na-razam das-regras; quando porem decemos aos cazos particulares, e examinar, se neste ou aquele cazo, deve entrar virgula, ou ponto e virgula &c. acha-se muitas vezes diversidade, ainda entre os omens doutos. Eu neste particular, propuz o que vejo praticar, aos que melhor escrevem; e que se estriba, na razam das-regras: mas nam condenarei, quem se-afastar alguma vez destas advertencias, com-tantoque nam se-devie em modo, que fasa despropozitos. Eu mesmo sou o primeiro, que as-nam-figo escrupulozamente: antes muitas vezes, em lugar de *ponto e virgula*, escrevo *virgula*: em vez de *dois pontos*, ponho *virgula e ponto*: e quando os periodos sam curtos, nam-tenho às vezes dificuldade, de escrever *virgula*, em lugar de *ponto*: ou outra semelhante mudança. O que faso quando me-parece, que com estes finais, fica bastantemente separado o discurso, e livre de confuzam: e porque vejo, que muitos escrevem da mesma sorte, e me-intenderam tambem. Esta é a principal regra, em materia de pontuafam: evitar as confuzoens, e procurar que os outros intendam, tudo quanto eu quero dizer. Devo porem dizer a V. P. que vejo muitos autores Portuguezes bem modernos, que fazem gala, de as-desprezar: e publicam obras, nas quais em uma pagina tudo sam virgulas, e apenas se-acha um ponto. Especialmente *** e outros que V. P. bem conhece. O Conde da-Briceira D. Francisco Xavier de Menezes tambem seguia esta doutrina: pois em algumas suas aprovaçoens de livros, que tenho visto, tudo sam virgulas: de-ortoque ninguem o-pode ler seguidamente, porque causa a respiraçam. E se isto pode ser louvavel, eu o-deixo julgar aos dezapaixonados inteligentes.

Muitas outras miudezas, se-podiam advertir, tanto na materia de Pontuafam, como de Ortografia: mas estas ou se-acham, nas instruçoens impresas a este intento; ou, se nam se-acham, como na verdade as-nam-vemos; aprendem-se com o uzo: e quem percebe bem, as advertencias que temos dado, escreverá sem embaraso algum com perfeisam: e poderá rezolver, qualquer das-que occorrem. Eu nam determinei, escrever um tratado completo: mas unicamente, sugerir a V. P. o que se-acha mais bem notado, nesta materia: e o que deve ensinar um mestre, ao dicipulo, a quem explica a lingua Portugueza. Para V. P. é isto superfluo: e para os
igro-

ignorantes, é ainda muito, mas eu tomo a liberdade de falar com V. P. como com um principiante, porque assim me tem ordenado. Somente acrescento, que isto que disse da Pontuação, se deve entender, nam só no-Portuguez, mas no-Latim, e nas-mais linguas, que desta naceram.

Concluirei esta carta lembrando a V. P., que, para facilitar este estudo à Mocidade, seria necessário, que algum homem douto, abreviásse o Dicionario do-P. Bluteau, e o-reduzisse à grandeza, de um tomo em folha, ou dois em 4. Ninguem pode olhar para a obra do-P. Bluteau, sem ficar esmorecido, pola quantidade de volumes. Este Religiozo era douto, e infatigavel: e fez à nossa Portugueza um grande serviço; compondo um Dicionario, que ella nam tinha: e quem disser mal dele neste particular, é invejoso, ou ignorante. Mas tem alguns defeitos, que seria necessário emendar: Era mui medroso: e nam tinha metodo. O medo, reconhece-se em cada pagina das-suas obras. Fora maltratado por-alguns Portuguezes injustamente: e a cada passo se-queixa: e dá uma satisfação. Os Prologos, tanto na primeira Obra, como no-Suplemento, sam insupportaveis: e apostarei, que se-nam-acha homem, de tanta paciencia, e tam mau gosto, que os possa ler todos seguidamente: porque a cada momento, repete as mesmas coizas. E o pior é, que com dizer tanto, nam explica o que deve: pois querendo um leitor saber, o que ele faz no-Dicionario, e que razam dá da-obra; nam sabe por-onde á-de comesar, Com um só titulo dirigido ao leitor*** comprehendia todos, os que ele poem no-seu Prologo: e com um Prologo mui breve, dava razam de toda a obra. Os homens doutos, intendem mui bem as coizas: e sabem desculpar um autor, que escreve uma voluminosa obra: especialmente um que escreva um Dicionario, que seja o primeiro que aparece naquella lingua. Nam á prior trabalho que este: e nam á algum que menos pareça grande, a quem o-nam-provou, do que este. De sorte que chegou a dizer o douto Escaligero, (1) que era pior este trabalho, que ser condemnado às minas, como faziam os Romanos. Com que a estes, bastam poucas palavras: aos ignorantes, nam se-devem dar satisfaçoens, ou digam bem, ou mal. Nem menos me-agrada o titulo da-obra, que é mui afetado, e cheio de superfluidades. Já se-sabe que um Dicionario, comprehende todas as palavras, com que se explicam na dita lingua, todas as coizas imaginaveis. E o exemplo que elle tras de Furetiere, Moreri, Hofman, que enchêram o titulo, de semelhantes coizas, nam desculpa os seus erros: porque se caza muito bem, que errem dois homens de diferentes Naçoens, na mesma materia. Avul-

(1) *Si quem dira manet sententia
Judicis olim*

*Damnatum aerumnis, suppliciiisque ca-
vut:*

*Hunc neque fabrili lassent ergastula
massa,*

*Nec rigidas vexent fossa metalla ma-
nus.*

*Lexica contexam, nam cetera quid mo-
rer? omnes*

*Pœnarum facies hic labor unus habet
Sylvacum Carm. 39.*

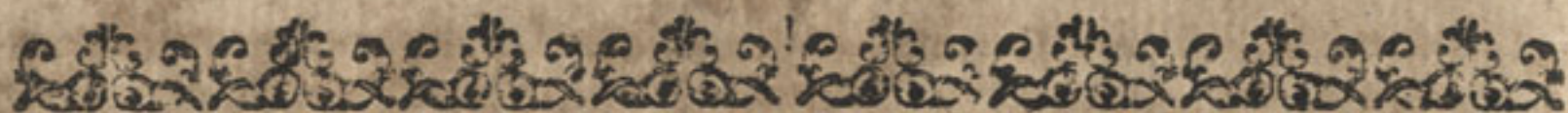
Avulta tambem muito a obra, porque as explicaçoens sam longas, e o carater é mui grande. O que tudo se-podia reduzir, a menor extensam: bastando um exemplo de um bom autor, e deitando fora tantos Latinos, e citaçoens superfluas. E assim, todo aquele grande Vocabulario, se-pode reduzir nas segundas impressoens, a trez ou quatro volumes, se lhe-tirarem o que tem de superfluo: e seria tambem mais barato, e mais util à Republica. Mas ainda despois de tudo isto, seria necessario, fazer um Compendio, para uzo dos-rapazes. Que é o que os Nossos tem feito, compendiando o *Vocabulario da-Crusca*, quero dizer, da-lingua Toscana, (sam trez ou quatro volumes) em dois tomos de 4. Mas neste Dicionario, se-deveria acautelalar outra coiza, em que caio o P. Bluteau; que foi, nam distinguir as palavras boas, de algumas plebeias, e antigas. Ele ajuntou tudo: e ainda muitas palavras Latinas, que muitos Portuguezes modernos afetadamente aportuguezaram. E este é o maior defeito que eu acho, naquelle Dicionario. porque nam ensina a falar bem Portuguez; como o da-nosa Crusca, que nam tem, senam o que é puro Toscano; e nota às vezes o que é *antigo*, ou *poetico* &c. Sei, que alguma diversidade se-acha: porque os nossos autores, que fazem texto, sam os que escreveram, em um seculo determinado: e assim tudo o que é moderno, entre nós é barbaro. Polo contrario a lingua Portugueza, como á pouco tempo que comelou a aperfeisoar-se, nam pode excluir, tudo o que é moderno. Contudo, deveria o P. Bluteau, nam abraçar senam os autores, que falaram melhor. v. g. desde o fim do-seculo pasado para cá: ou encurtar mais o tempo. E ainda nefes, que talvez nam serem iguais em tudo, escolher, o que é mais racionavel: e nam tudo o que aportuguezaram alguns destes, prezados de eruditos; que, porforia, querem introduzir, uma mixtura de Portuguez, com Latim. Temos o exemplo da-Academia Franceza, a qual no-seu Dicionario, nam poz as vozes plebeias, e antigas; mas as puras, e que oie falam os omens cultos. Aindaque, como diz o Senhor de Furetiere, (1) é justo, que se fasa um Dicionario à parte, das-vozes antigas, e baixas: paraque, por-meio dele, posamos intender, os antigos documentos. Isto fizeram muitos na lingua Latina; compondo somente Vocabularios da-inferior Latindade, como *Vossio*, *Izidoro*, *Spelman*, *Du Cange*: o qual ultimo fez tambem outro, para o Grego inferior. E isto mesmo deveria ter feito Bluteau: pondo em um volume, as palavras boas; no-outro, as antigas &c. O certo é, que os Nossos no-Compendio da-Crusca, somente puzeram as puras: e advertiram as que sam *poeticas*, e nam tem lugar na proza. O mesmo Bluteau em certa parte, (2) reconhece a necessidade deste distinto livro; e deu uma ideia dele, nos-Catalagos que traz, no-Suplemento. Mas se o dito P. o-nam-fez, porque quiz compreender, tudo o que se-acha em

Por-

(1) *Pref. du Dictionaire Univer-*(2) *Proxas Academic. fol. 26.*

Portuguez, ou por-outro motivo; no-Compendio porem do-dito Dicionario, nam se deviam escrever, senam palavras puras e boas, e segundo a pronuncia mais suave. E. g. nam escrever *Devaçam*, porque o disse o Vieira: mostrando a analogia, que se-deve dizer *Devosam*: muito mais, porque assim o-pronunciam os doutos, e é mais agradável. O mesmo digo, de *Outo &c.* porque escrevendo muitos omens doutos comumente, *Oitenta*; nam acho que tenham boa disparidade, para, no-mesmo livro, escreverem, *Outo*: como V. P. verá em muitos livros modernos. E assim a pronuncia melhor, sendo apadrinhada por omens doutos, deve ser preferida. Tambem se-devia no-dito cazo, emendar a Ortografia do-Bluteau, que é variante: estabelecer uma certa, e sempre a melhor. Este compendio seria mui necessario. os que quizesem maiores noticias, podiam procurálas no-Vocabulario grande. Isto é o que me-ocorre. V. P. conserve-me a sua benevolencia, e rogue a Deus por-mim nos-seus sacrificios. Deus Guarde &c.





CARTA SEGUNDA.

SUMARIO.

D Anos que resultam da Gramatica Latina, que comumente se-ensina. Motivos porque nas-escolas de Portugal, nam se-melhora de metodo. Nova ideia de uma Gramatica Latina facilissima, com que, em um ano, se-pode aprender fundamentalmente Gramatica &c.

D ESPOIS do estudo da Gramatica Vulgar, segue-se o da-Latina. e desta direi a V.P. o meu parecer, na prezente carta. Quando entrei neste Reino, e vi a quantidade de Cartapacios, e Artes, que eram necessarias, para estudar somente a Gramatica; fiquei pasmado. Falando com V.P. algumas vezes, me-lembro, que lhe-toquei este ponto: e que nam lhe dezagradaram as minhas reflexoens, sobre esta materia. Sei, que em outras partes, onde se-explica a Gramatica de Manoel Alvares, tambem lhe-acrecentam algum livrinho: mas tantos como em Portugal, nunca vi. As declinaçoens dos-Nomes, e Verbos estudam, pola Gramatica Latina. a esta se-segue um Cartapacio Portuguez, de Rudimentos. despois outro, para Generos, e Perteritos, muito bem comprido. a este um de Sintaxe, bem grande. despois um livro, a que chamam Chorro: e outro, a que chamam Promtuarío: polo qual se-aprendem os escolios de Nomes e Verbos. e nam sei que mais livro á. E parece-lhe a V.P. pouca materia de admirasam, quando tudo aquillo se-pode compreender, em um livrinho em 12. e nam mui grande? Despois diso ouvi dizer, que ocupavam seis, e sete anos estudando Gramatica: e que a maior parte destes dicipulos, despois de todo esse tempo, nam era capaz de explicar por-si só, as mais facis cartas de Cicero. Confeso a V. P. que nam intendi isto, nem donde proviese o dano. Alguns fugeitos, bem inteligentes de politica, mederam algumas razoens, que nam pareciam inverosimeis. Mas eu, sem aprovar, ou reprovar alguma delas, e tambem sem me-demorar com esta materia; discorrerei sobre o merecimento da Gramatica Latina; e sobre o modo com que se-deve aprender.

Ora convem todos os omens de bom juizo, e que tem visto paizes Estrangeiros, e lido sobre isto alguma coiza; convem, digo, que qualquer Gramatica de uma lingua, que não é nacional, se-deve explicar na lingua, que um omem sabe. Se V. P. quize-se aprender Grego, e para este

te efeito lhe-defem uma Gramatica toda Grega, e um mestre que somente falasse Grego; poderia, à forsa de acenos, vir a entender alguma palavra; mas nam seria possível, que aprendesse Grego: o nem o succederia, em qualquer outra lingua estrangeira. e se algum atemasse, que somente daquella sorte, se podia aprender Grego, diriamos, que era louco. Pois suponha V. P. que estamos no-cazo. É coiza digna de admirasam, que muitos omens deste Reino, queiram aprender Francez, Tudesco, Italiano, de uma sorte, e o Latim de outra muito diferente. Aprendem aquelas linguas com um mestre, que as-fala ambas, e explica a lingua incognita, por-meio daquella que eles conhecem e falam: e com uma só Gramatica se-poem em estado, de entenderem os autores bem, e, junto com o exercicio, de falarem Francez correntemente. E tomara que me-difese, porque nam se-deve praticar o mesmo, no-Latim: e porque razam se-aja de carregar, a memoria dos-pobres estudantes, com uma infinidade de versos Latinos, e outras coizas, que nam servem para nada neste mundo? Chega este prejuizo a tal extremo, que o P. Bento Pereira, escreveu uma Ortografia Portugueza, em Latim. Desorteque quem nam entende Latim, segundo o dito P., nam pode escrever corretamente Portuguez.

Os defensores deste metodo, nam alegam outra razam mais, que serem os versos, mais facis de se-conservarem na memoria: e que em todo-o tempo, a eles se-pode recorrer, para ter presentes as regras. Mas esta razam, é pueril, e ridicula. Primeiramente se alguma coiza valêse, deveria praticar-se com versos Portuguezes: porque só eles intendem os estudantes. E qual é o estudante que entende, os versos Latinos das-regras, principalmente sendo tam embrulhados, como os do-P. Manoel Alvares? O certo é, que proguntando eu a alguns rapazes, a explicasam deles, nenhum ma-soube dar. E eis aqui temos, que para os rapazes, nam servem os tais versos. Se pois falamos dos-omens adiantados, estes sabem Latim, polo exercicio de ler, escrever, e falar: comque nam tem necessidade, de recorrer-a semelhantes regras. E se querem examinar, alguma dificuldade de Gramatica, vam consultar os Criticos, que as explicam: nam as simples Gramaticas, que nem menos as tocam: e talvez estabeçem principios, contrarios à mesma solusam.

Finalmente a Gramatica Latina para os Portuguezes, deve ser em Portuguez. E isto parece quiz dizer o P. Manoel Alvares, na advertencia que faz aos mestres, no-fim das-declinaçoes dos-Verbos (I). aindaque ele praticasse o contrario, doque aconselha: pois deveria, nam ter dado o exemplo, introduzindo uma Gramatica puramente Latina. A outra coiza que

TOM. I.

G

se-

(I) *Patrio sermone tantum declaranda Rudimenta, Genera, Declinationes, Anomala, Praterita, Supina: ne simul & ligata & soluta oratione*

praecepta memoriter recitare cogantur. Quod etiam in Syntaxi, quando ea primum explicatur, observandum est.

se-deve reprovár é, que obriguem os rapazes, a aprender trez fortes de regras: em versos, em proza Latina, e em proza Vulgar: como adverte bem o dito Padre. Isto, quando nam lhe-queiramos dar outro nome, é perder tempo, sem utilidade, e com prejuizo grande: sem aver outra razam, que seguir um costume envelhecido, aindaque prejudicial. Mas o que mais me admirou neste particular, e claramente me-mostrou, quanto pode nos-Omens a preocupasam dos-primeiros estudos, foi, ver que o Sargento-mór Manoel Coelho, que parecia ser mais alumiado nestas materias, pertendendo distinguir-se do-Comum, dando aos principiantes, uma facil explicasam das-oito partes da-orasam; ainda assim caie na simplicidade, de por primeiro a regra em Latim para um rapaz, que ainda nam tem noticia da-dita lingua; mas que aprende os primeiros elementos. Tal é a forsa de um mao costume, que cega ainda aqueles, que querem dezembrulhar-se dele! Esta reflexam é sustancial: mas ainda á outras de maior momento. Entremos bem dentro na Gramatica.

Toda a Gramatica Latina se-reduz a explicar, a natureza, e accidentes das-oito vozes, que podem entrar na orasam ou discurso: e o modo de as-unir, e compor os periodos. E isto deve-se fazer com a maior clareza, e mais breves regras, que se puderem excogitar. O que certamente nam se-consegue com a Gramatica uzual: porque nam á coiza mais confuza, nem mais cheia de excessões, que a dita Gramatica, como todos vem.

O mundo estava mui falto de noticias, e de metodo, antes do-seculo pasado. Desde o restablecimento das-letras Umanas na Europa, direi melhor, no-Occidente, que podemos fixar nos-principios do-seculo XV. melhor direi, desde a invençam da-Imprensa no-meio do-dito seculo; até o fim do-XVI. nam tiveram os omens tempo de cuidar, em dar metodo proprio ás Letras, e Ciencias. Nam fizeram pouco aqueles primeiros doutos, em procurar manuscritos, e imprimir os antigos autores, mais corretamente que pude-se ser. Achamos alguns, no-fim do-XV. e no-XVI. seculo, que foram letrados á forsa de estudo, mas nam de metodo. Temos tambem alguns omens, que souberam bem Latim nese seculo, porque liam muito polos bons autores: nam porque tivesem achado a chave, de ir para diante com facilidade, e explanar as dificuldades de Gramatica, aos estudantes. Finalmente esa gloria estava rezervada, para o seculo XVII. Os pasados seguiam uns a outros, sem mais eleisam, que o costume. vian, e estudavam com os alhos, e juizo alheio. Mas no-principio do-seculo XVII. appareceram alguns, que quizeram servir-se do-proprio: e foi-lhes facil, conhecer os erros dos-antecedentes, porque eram grandes. Assim se-abriram os olhos ao mundo, em todo o sentido. um conhecimento facilitou outro, e eis aqui aberta a porta ao metodo. De-me V. P. omens; que queiram examinar as materias com razam; que nam inculquem um autor, porque seus mestres lho-diferam, mas porque é digno de seguir-se; que eu
lhe-

lhe-prometo, adiantar emto nas Ciẽncias todas. A seu tempo discorrerẽi das outras: agora continuemos com a Gramatica.

Tinha no-tempo do-Concilio de Trento o douto *Julio Cezar Escaligero*, comelado a examinar a Latinidade, seguindo o exemplo, e lumes do-famozo *Agostinho Saturnio*; o qual tinha ja notado varios erros, nos outros Gramaticos. *Escaligero*, dando um passo adiante, publicou um livro, com o titulo = *De Causis Lingua Latina*: em que doutifimamente expoem o seu sentimento, sobre os elementos da-Gramatica: mas nam toca a construisam das-Partes. A leitura deste livro, abriu os olhos a *Francisco Sanchez*, que era um profesor celebre de letras Umanas, na Universidade de Salamanca. Este douto empreendeu no-seguinte seculo, com o mesmo titulo, a explicasam da-construisam das-partes da-orasam: e com tanta felicidade, que descobrio as verdadeiras cauzas, até àquele tempo ignoradas. Este livro incontrou em Salamanca, e trouxe para Roma, (1) nos-principios do-seculo pasado, o famozo Gaspar Scioppio, Conde de Claravale, de nascim Tudeico: aquele grande omem em letras Sagradas e Profanas; e que empregou toda a sua vida, em estudos gramaticos. O livro de Sanchez fez todo o efeito, que podia esperar-se. Scioppio (que nam costumava dizer bem, daquilo que o-nam-merecia; antes, polos seus inimigos, é tachado, como censor dezumano) cedendo à evidencia das-razoens, proseguio o mesmo metodo de Sanchez: ilustrou, e reformou a sua doutrina: e compoz a primeira Gramatica, que appareco segundo os tais principios. No-mesmo tempo o famozo Gerrardo Joam Vossio em Olanda, tam benemerito das-letras Umanas, e Sagradas; explicou ainda melhor o dito metodo; seguindo em tudo Sanchez, e Scioppio; os quais ou copia, ou ilustra.

Esta é, e será sempre, a Epoca famoza da-Latinidade, e Gramatica. A estes trez grandes omens, seguiram em tudo e por-tudo os melhores Gramaticos, que despois ouveram: e devem seguir, os que tem juizo para conhecer, como se deve estudar a Latinidade. Por-França, Alemanha, Olanda, Italia, e outras partes se-dilatou este metodo: e alguns escreveram belifimas Gramaticas, segundo os tais principios. A razam porque nam se-propagou mais é, porque pola maior parte os estudos da-Mocidade, sam dirigidos por-alguns Religiozos, que seguem outras opinioens. Os doutifimos Jezuitas, ensinam grande parte da-Mocidade, em varias partes da-Europa: e nam querendo apartar-se, do-seu Manoel Alvares, rejeitaram todas as novas Gramaticas. Alguns destes Religiozos, que trato familiarmente, e estimo muito pola sua doutrina, e piedade; me-dizeram claramente, que ben viam, que o Alvares era confuzo, e difuzo; e que as outras eram melhores: nem se-podia negar, que os principios de Scioppio fossem claros, e certos: mas que o P. Geral nam queria, se-apartarem do-P. Alvares,

G ii

por

(1) Veja-se a sua Gramatica da-edisam de Scavenio, na Prefasam.

por-ser Religiozo da-Campainha. Este é o motivo, porque o P. Alvares se-
conservou, nas escolas dos-tais Religiozos: e esta tambem a origem da-te-
nacidade, comque muitos seguem, aquilo mesmo que condenam.

Os outros Religiozos, aindaque nam sejam Jezuitas, tem as mesmas
obrigaçoens, e opinioens. A maior parte, cuida pouco niso: e vam viven-
do, como seus mestres lhe-ensinaram. Nam tem noticia dos-melhores auto-
res, que á na materia: cuidam, que no-mundo nam á outra Gramatica,
fóra que a do-P. Alvares. E todos estes, contentando-se de intender, um
pouco de Latim bom, ou mau, nam cuidam em saber Gramatica. Os
mestres Seculares, pola maior parte, sam ignorantissimos, e puros *pedantes*
e desta iorte de gente nunca esperou aumento, a Republica Literaria. E
necesario porem confesar, que fóra de Portugal, aindaque perzistam algu-
mas destas razoens, muitissimos Religiozos, e Seculares ensinam, segundo
os verdadeiros principios. Comque, considerado bem tudo isto, nam tem
que se-maravilhar V.P. de que um metodo, que louvam tanto os omens
coutos, tenha tido tam mau recebimento, em varias partes. Mas estas
Gramaticas que tem saido, aindaque figam os mesmos principios, nem to-
das se explicam com igual Clareza. Eu direi o que achei nas melhores, e
o como se-pode ordenar uma Gramatica, util para a Mocidade.

A Gramatica deve-se dividir, em dois volumes. No-primeiro, de-
vem-se tratar aquellas coizas, que indispensavelmente devem estudar os prin-
cipiantes. no-segundo, aquellas reflexoens, que sam mais proprias para os
adiantados, e para os mestres: como sam as dificuldades de Gramatica, e
as razoens daquelas regras, que parecem menos comuas. Explico agora
a primeira parte. Esta primeira parte (podemos-lhe chamar pura Gramati-
ca: porque a segunda, sam comentos sobre ela) divide-se naturalmente,
em quatro partes: *Etimologia*, *Sintaxe*, *Ortografia*, e *Proxodia*. a primei-
ra trata das-Vozes: a segunda da-Uniam delas: a terceira das-Letras: a
quarta da-Quantidade das-filabas.

E T I M O L O G I A,

Na primeira parte, trata-se da-origem e diferenca das-vozes Latinas,
que podem entrar na orasam, por-sua ordem. Primeiro, explica-se o *Nome*,
e suas especies. O *Nome*, tem trez accidentes, que sam, *Genero*, *Caxo*,
Terminasam. Os *Generos*, que tanta bulha fazem nas escolas, explicam-se
com toda a brevidade. á regras gerais da-*significasam*, e particulares da-
terminasam. Na primeira regra, poem-se todos os que pertencem ao *Mas-*
culino. v.g. *Sam do-Masculino*, os nomes de Omens &c. 2. *Sam de-Femi-*
nino, os nomes de Mulheres, *Naos* &c. 3. *Sani do-Neutro*, os nomes de
Letras, *Frutas* &c. Tambem as particulares, se-reduzem a trez v.g. *Sam*
do-Masculino os nomes em O, como *Sermo*: em *Il*, como *Mugil* &c. Acaba-
do isto, poem-se um escolio que diga: *Nomes que sam do-Masculino, por-*
excesam das-outras regras. v. g. *Cometa*, *Adria*, *Harpago*, *Splen* &c. O
mei-

mesmo metodo se-pode praticar no-Feminino , e Neutro. E com seis regras , se-explicam todos os Generos : e se-acaba esta grande barafunda de Cartapacios. Se pois o estudante quizer saber a razam , porque alguns nomes , que pareciam de um genero , se-atribuem a outro ; pode ir ver , a segunda parte da-Gramatica.

Segue-se explicar , quantos *Cazos* tem o Nome. e em 3. lugar a *Declinaçam* : mostrando quantas á : e em cada uma delas , quais iam a Latinas , quais as Gregas. Tudo isto se-pode fazer , com muita clareza e brevidade ; bastando alegar um exemplo , em cada especie de terminações , que podem entrar em cada declinação. Com este metodo , em uma vista de olhos , percebe o estudante os nomes , que pertencem a cada declinação. Depois , podem-se explicar os Nomes Compostos , os Anomalos de genero , de numero , de cazo , e de declinação. A segunda especie de Nome , é o Adjetivo. E aqui tem lugar explicar , as diversas especies de Adjetivos : Pozitivos , Comparativos &c. as suas declinações , e anomalias.

O *Pronome* , tem seu lugar depois do-Nome : porque tambem é , uma especie de Adjetivo. Onde deve explicar-se logo , a sua diversidade : e as declinações dos-Simplezes , e Compostos.

O *Verbo* , é a mais difficultosa parte , nas Gramaticas vulgares : e por-isto pede grande atenção. Explicadas as divisoens dos-Verbos ; e apontado , que á quatro Declinações ou Conjugações : segue-se logo , explicar os Preteritos. v.g. A primeira , tem no-infinito a longo antes de *re* : no-Preterito faz , *avi* : no-Supino *atum* : ut *amo* , *amavi* , *amatum* , *amare*. Tiram-se os Verbos em *bo* , ut *Cubo* : em *co* , ut *Mico* &c. E isto se-observará em todas as Conjugações. Desta sorte conclue-se em poucas palavras , toda aquela grande arenga de Preteritos , que nam tem fim nas escolas de Portugal. Se pois o estudante nam quer aprender , toda aquela enfiada de Verbos , nam importa : basta que aprenda um exemplo , e saiba buscar os outros : porque a pratica ensina o demais.

Seguem-se as *Declinações* dos-Verbos , a que vulgarmente chamam , *Linguagens*. E aqui achamos bastantes erros , nas Gramaticas commuas , e tambem confuzoens : porque mandam aprender aos rapazes , coizas totalmente iuperfluas ; e nam explicam as necessarias. Quanto ao Indicativo , concordamos com Manoel Alvares : só dizemos , que aquele *Preterito plus quam perfeito* , é uma arenga , que nenhum estudante entende ; nem os mestres explicam. Deve-se explicar assim : *Amavi* , é *Preterito perfeito proximo* , que afirma uma coiza , simplesmente passada : *Amaveram* , é *Preterito perfeito remoto* , que nam só se-intende de uma coiza passada ; mas que já era passada , antes de outra , de que eu falo como passada. Dizemos mais , que aquele *Futuro perfeito* , nam o-á no mundo : pois esta voz , é o mesmo *Futuro segundo* , que ele poem no-Conjuntivo.

Alem dos-primeiros tempos do-Indicativo , tem o Verbo , segun-

do Presente, que é *Amem*: segundo Imperfeito, que é *Amarem*: segundo Perfeito, que é *Amaverim*: segundo Preterito remoto, que é *Amavissim*: segundo Futuro, que é *Amavero*. Mas isto pode-se explicar em Portuguez, com diversas palavras. A estas segundas vozes, ou segundo modo, podemos chamar *Conjuntivo*: porque pola maior parte, une-se com outras partes. Daqui vem, que é erro, pôr nas Gramaticas: *Modo Optativo, Conjuntivo, Potencial, Permissivo*: porque por-este estilo, podem-se acrescentar muitos outros Modos: sendo certo, que, ajuntando-lhe novas particulas, nascem diferentes modos de se-explicar. Basta advertir ao estudante, que aquele *Amem*, pode-se tomar, em diversos sentidos: o que se-conhece, polo contexto da-orasam. tudo o mais é tempo perdido, e é ensinar uma falsidade: pois nam á tais modos separados: sendo que a linguagem, ou a voz sempre é a mesma. *Amem*, quando significa *possibilidade*, e quando significa *permisam*, nam se-distingue mais, que polo contexto. E isto bastava que brevemente se-advertirse, apontando um exemplo: porque o mais ensina a lisam, e reflexam sobre os bons autores.

O terceiro Modo é o Imperativo: a que podemos chamar, por-distinsam, *Presente terceiro: Ama*. Futuro terceiro: *Amato*.

O Infinito, é aquele; a que verdadeiramente devemos chamar, *Impessoal*: pois nam tem determinado numero, ou peioa, ou tempo &c. Este tem uma voz: a que, aindaque imprópriamente, podemos chamar, Presente, e Imperfeito: que é *Amare*. a qual tem todas as significações do-Presente, e Imperfeito primeiros. Para os outros Preteritos serve, *Amavisse*. Tem Futuro, que é *Amaturum esse*: e outro Futuro remoto, que é *Amaturum fuisse*. Gerundios, Supinos, e Participios. Isto posto, deve-se explicar, como se-formam os tempos. E nisto se-compreende, a primeira parte das-Linguagens.

Seguem-se os Verbos Anomalous, quero dizer, os que nam tem analogia, com as quatro Conjugações: sam *Volo, Nolo, Malo, Fero, Eo, Edo, Fio, Memini* &c. *Aio, Inquam, Forem*. E nisto se-encerra tudo, o que se-diz do-Verbo.

Os Gramaticos fazem aqui uma barafunda de explicações, e divisoens, em *Neutros, Comuns, Depoentes, Diminutivos, Frequentativos, Denominativos, Imitativos* &c. mas tudo isto é superfluo. Todos os Verbos, tirando dois, sam Ativos, ou Passivos: porque ou significam asam, ou paixam: e a estas especies se-reduzem os apontados. Basta advertir, o que significam estas palavras, e a que conjugação pertencem os ditos verbos: apontando um exemplo de cada um. o que pôrem melhor se-faz, no-exercicio da-leitura, e tradusam.

Ao Verbo, segue-se o *Participio*: que aqui se-deve explicar com as suas divisoens. notando quais sam os Verbos que os-tem: quais os em que faltam: quais deles formam Comparativos, e Superlativos.

No *Adverbio*, deve-se explicar e apontar, os que são de pro-
tar, os que significam tempo, lugar; e outras diferentes espécies deles.
Depois, a *Preposição*: Mostrando as que são separáveis, e as que se-
nam-separam. Como também advertir, que coisa acrescentam ao Nome,
e Verbo, estas Preposições. Sobre a *Interjeição*, deve mostrar, quais são
as que significam, os diferentes afetos do-animo, para o estudante poder
servir-se na oração. A *Conjunção*, também tem suas espécies: que são
Conjuntiva, e *Disjuntiva*, *Condicional*, *Concessiva* &c. e estas todas deve-
mos apontar: alegando exemplos em cada uma.

Depois da *Etimologia* das-vozes, tem lugar explicar o *Metaplas-
mo*: que vale o mesmo que dizer, certas figuras, pelas quais se-acrecen-
tam, ou diminuem as letras das-difereças: v.g. *Gnavus* pro *Navus* &c. No-
ticia é esta sumamente útil para entender, as diferentes vozes Latinas. E
nisto se-compreende, tudo o que deve saber-se sobre a *Etimologia*, com
a maior clareza, e brevidade imaginavel.

S I N T A X E.

Depois, segue-se a *Sintaxe*. É a qui é maior a dificuldade: por-
que se a *Etimologia*, nas Gramaticas ordinarias, é confusa; a *Sintaxe* de-
las é a mesma confusão. É necessário variar muito do-comum, para ensi-
nar verdadeira *Sintaxe*. Nam tenho tempo para provar o que digo: mas
seguro a V. P. que o que escrevo, é já provado evidentemente, polos au-
tores que aponto, e outros que os-comentaram: e que, se a necessidade o
pedir, com pouco trabalho mostraria tudo: porque tenho visto o que baf-
ta. E assim apontarei somente, as rezoluções.

A *Sintaxe* ensina a unir as vozes. para fazer a oração: e, por-meio
desta, formar um bem regulado discurso. A construção ou uniam ou é
Regular, que segue as regras da-Arte: ou *Figurada*, que se-desvia delas,
mas funda-se na autoridade dos-bons escritores. A construção *Regular*
funda-se na *Concordância*, ou na *Regência*. Chamo *Concordância*, quando
as partes concordam, em alguma coisa comua. v.g. o *Sustantivo* concorda
com outro *Sustantivo* em *caso*, que é commum a ambos. Nas *Concor-
dancias* achamos alguns erros comuns, que em breve apontaremos.

Nam se-devem admitir mais concordancias, (nam falo daquella entre
dois *Sustantivos*) que de *Sustantivo com Adjetivo*: *Verbo com o Nome*. O
Adjetivo concorda com o *Sustantivo* em *numero*, e *caso*, que são comuns
a ambos: nam em *genero*, porque o *Adjetivo* nam tem genero, mas somen-
te o *Sustantivo*: põem-se porém o *Adjetivo* em uma terminação, corres-
pondente ao *genero* do-*Sustantivo*. Alem disto o *Adjetivo*, nam concorda
com o *Sustantivo* proprio, v. g. *Petrus*: mas com o *Sustantivo* comum,
v. g. *Homo*: e vale o mesmo dizer: *Petrus est bonus*: que se dissesse-mos:
Petrus est homo bonus: vel artifex, vel magister bonus &c. Quando nam a
nome comum, recorre-se aos nomes, *Res*, *Factum*, *Opus*, *Negotium*, e

outros semelhantes, que antigamente tinham, significavam mais extensa, que a que oje lhe-dam. Damesma forte quando Ovidio dile: *Nox, & Amor, & Vinum nil moderabile suadent*; deve-se intender assim: *non suadent factum, vel opus, vel negotium moderabile*. Virgilio umas vezes dile: *Prænepe altum*: intendendo *Oppidum*. outras vezes: *Prænepe sub ipsa*: intendendo *sub ipsa Civitate*. podia tambem dizer: *Prænepe altus*: intendendo *Locus*. Terencio dise: *Eunuchum suam*; intendendo *Comoediam*, ou *Fabulam*; porque *Eunuchus* é masculino. Deixo outros exemplos, com que se-mostra, que a concordancia sempre é com o Sustantivo comum.

A' infinitos exemplos que provam, que o Relativo concorda com o *susequente* expreso, ou supreso, em *numero*, *cazo*, e terminavam correspondente ao *genero*: damesma forte que outro Adjetivo. Temos exemplo bem claro em Cicero, do-expreso: *Ego tibi illam Aciliam legem restituo, qua lege simul accusasti* (1): e em outra parte (2): *Sequitur enim caput, quo capite non permisit*. Cezar abunda muito destes modos de falar, porque afetava clareza. Acham-se exemplos do-supreso: *Populo ut placerent, quas fecisset fabulas* (3): i.e. *Populo ut placerent fabulae, quas fabulas fecisset*. Do-que fica claro, que o Relativo concorda, em *genero*, *numero*, e *cazo*, como dizem comumente, com o seu *susequente*; que é o mesmo antecedente repetido. Isto basta por agora.

A segunda concordancia, é do-Verbo com o nome: os quais concordam em *numero*, que é comum a ambos: nam em *pesoa*, porque esta é somente do-Verbo: mas põem-se o Verbo em uma terminavam, correspondente à *pesoa*, que o Nome significa. Devem-se porem advertir algumas coizas. I. A primeira, e segunda *pesoa* do-Verbo, raras vezes se-construe com o Nome expreso, se-nam por-distinham, ou em-taze. II. A terceira *pesoa* do-Verbo, construe-se tambem com um Verbo infinito. v.g. *Scire tuum nihil est: pro, scientia tua*. Tambem algumas vezes sem nome expreso: v. g. *Aiunt, supple, homines*. *Tonat, sup. Deus*. outras vezes com o Nominativo: *Saxa pluunt*. Tambem se-uzo do-nome, sem Verbo expreso: *Rari quippe boni, i. e. sunt*. No-Verbo com o nome, tem lugar a Figura *Sintesis*, que parece, que discorda do-Nome expreso: mas a verdade é que concorda, com o sinonimo oculto. v. g. *Pars epulis onerant mensas*: onde o Verbo concorda, com o sinonimo oculto, *Plurimi*. Tem tambem lugar a figura *Zeugma*, em que o Verbo concorda, com o mais vizinho: *Tu quid ego, & populus mecum desideret, audi*. Tem tambem lugar a *Silepsi*, em que o Verbo concorda, com o mais digno: *Si tu, & Tullia lux nostra valetis, ego, & suavissimus Cicero valemus*.

IV. Porque o Adjetivo significa acidente, nam pode estar só sem sustantivo, que signifique a substancia. o mesmo digo das-terminafoens do-

Ver-

(1) In Ver. act. 3.

(2) 2. Agrar.

(3) Terent. in Andria.

Verbo que significa, movimento de alguma coiza: e assim sempre se-subintende a dita coiza. Nam a Orasam sem Verbo, e Nome. se o Verbo é finito, o suposto é Nominativo: se é infinito, é Acuzativo. A Letra, Silaba, Voz, e Orasam pode ier suposto do-Verbo, e do-Adjetivo. V. Do-sobre-dito se-inferem varias coizas. E' falso, que os Nomes do numero, come *tres*, & *decem*, coccordem entre si. E' falso, que os Adverbios, e Conjunsoens concordem com o Indicativo, Optativo &c. deve-se dizer, que se-construe um com outro. E nisto com pouca diferenca se-compreende, tudo o que se-diz da-Sintaxe de concordar.

A Regencia, é a que mostra o seu efeito, em outra coiza que rege. Quatro sam as vozes que regem outras: Nome, Verbo, Participio, e Prepozisam. E' falso, o que se-ensina comumente, que o Adverbio, Conjunsam, Interjeisam, Verbo pasivo, Participio pasivo, Gerundio, Nome adjetivo, reja, e pesa cazo: porque o cazo que se-acha com eles, é regido de uma parte supresa, pola figura *Ellipsis*.

A regencia ou é Gramatica, que segue as regras da-arte: ou Figurada, que se desvia delas. E porque a regencia se-exercita nos-Cazos do-Nome, daqui vem, que toda a Sintaxe de Regencia se reduz, à explicasam de seis Cazos. v.g. no-Nominativo aponta-se, quando entra na orasam. depois, quais sam as partes da-orasam, que se construem com ele, ou simplez, ou dobrado. O mesmo digo de todos os outros Cazos: na explicasam dos-quais deve-se muito advertir, de mostrar quais sam as partes, que verdadeiramente os-regem: e nam enganar os estudantes, com as doutrinas das-Gramaticas vulgares, V.g. o Genitio é cazo somente regido, por-um Sustantivo expreso, ou supreso: ou por-uma parte, que esteja em lugar do Sustantivo. E' pois necessario mostrar-lhe, que se enganam os outros, que atribuem o tal Genitivo, a outras partes da-orasam. Com este metodo, explica-se mui brevemente a Sintaxe, e mui solidamente: porque se-reduzem todas as construisoens figuradas, ao modo de falar regular: e se-descobrem os verdadeiros principios da-Regencia: postos os quais, desaparecem todos aqueles Apendices, e Limitasoens da-Gramatica uzual: as quais nam de outra coiza nadem, senam de estabelecer principios falsos. Depois, explica-se a Gramatica Figurada: e se-aponta o fundamento da-Figura, e como se-pode reduzir à construisam natural. porque sem esta inteligencia, nam se-pode ir para diante na Gramatica.

ORTOGRAFIA, E PROZODIA.

As outras duas partes da-Gramatica sam mais facis, porque menos contrariadas. A noticia das-Letras, e *Ortografia*, é sumamente necessaria, para escrever bem, e ler correntemente nam só a moderna, mas tambem a antiga escriptura: em que varciam muito as letras. O mesmo digo da-*Prozodia*, ou quantidade das-silabas. Tambem nisto é necessario, uzar melhor metodo, que o da-Gramatica comua: e conheço eu muito bem, que se podem dizer com mais clareza.

Eis aqui tem V. P. uma idea do que sinto, sobre a Gramatica. Parece-me bastante o que disse, para que veja V. P. quanto trabalho encurtaria uma Gramatica, concebida nestes termos: e uns principios tam claros, como os em que se funda. Nam posso dilatar-mais nesta materia, porque seria compor Gramatica; e o meu argumento nam é esse. Eu sei, quem tem composto uma Gramatica, pouco diferente da-idea que propuzemos: e tem composto outro particular escrito, com que se aprende Gramatica mais facilmente, e em menos tempo: os quais podia publicar, para utilidade deste Reino. Dois nosos amigos lhe-pediram instantemente, que a-imprimisse: mas ele desculpa-se sempre com dizer, que é mais facil, conquistar um novo mundo; do que despersuadir os Velhos da antiga Gramatica. Cita alguns exemplos com que mostra, que a paixam obra nestes particulares mais, que o juizo: e lamenta-se muito, que se-tenham reprovado tantas coizas, sem as-lerem, nem intenderem.

O que eu posso segurar a V. P. é, que com este metodo, aprende-se em um ano mais Gramatica, do que nam sabem muitos, que a ensinam trinta anos, ou pasaram nela toda a sua vida. É erro persuadir-se, que um omem ou deva, ou possa ter presentes todas as regras, que se acham na Gramatica do-P. Alvares. A experiencia deveria dezenganar, os que estudaram por ela; e mostrar-lhe, que aquele estudo morre com a escola. Um estudante, despois de seis ou sete anos de Manoel Alvares, se acazo nam le os antigos Latinos, e procura entendelos; ou nam passa para a Filozofia, onde a necessidade o-obriga a entendelos, e falar a tal lingua; fica toda a sua vida ignorante de Latim, com toda a sua Gramatica. Porem se acazo segue o exercicio do-Latim, de tal forte se-familiariza com a lingua, como se fora nacional; e comeca a falar por-uzo. Aqui nam é necessario mais prova, que progunta-lo a estes mesmos leitores. apenas conservam umas ideias gerais, das-regras de Gramatica. Onde fica claro, que tudo aquilo é superfluo. O metodo porem que aponto; é mais facil de se-conservar na memoria, porque é natural: e chega à origem das-coizas. Mas em um e outro sistema é verdade, que preceitos sem uzo, nada valem. Onde deve o estudante, nam só aprender a Gramatica, mas exercitar estas regras no-discurso, na leitura, e na composizam: descobrindo em toda a leitura as regras, que na Gramatica lhe-infinuam: no-que deve ter igual cuidado o mestre, que o estudante. No-primeiro ano, deve ensinar-lhe Gramatica: o que se-pode fazer com muita facilidade. No-segundo, traduzir os autores mais facis: como algumas Cartas de Cicero, as Fabulas de Fedro, Terencio, Cornelio Nepote. procurando que o estudante afine a regencia das-partes, e descubra nestes livros, os principios que estudou: e entendendo as outras particularidades mais reconditas da-Gramatica: as quais nam sam para o primeiro ano.

Mas para proceder nisto com utilidade, deve o mestre ordenar

ao estudante, que ja vio uma vez a Sintaxe, que escreva em Portuguez, pelas palavras que melhor lhe-parecer, mas sempre diferentes daquelas, que estam na regra, a razam de alguma regra; apontando um exemplo, e explicando as partes todas dese exemplo. Pode tambem o mestre tomar, um periodo de duas regras, em algum autor claro; e dalo ao rapaz, para que o explique em uma folha de papel: pondo nela toda a regencia gramatical, sem deixar nem menos uma virgula, por explicar. E quando o rapaz apresenta a sua carta, examinálo de tudo, o que nela se-contem; para ver se verdadeiramente o-intende. E isto mesmo se-pode praticar ao principio, quando traduzem os autores. Este modo de estudar, nam enfada os principiantes, visto darem-lhe tempo para considerar, o que ám-de escrever. Ao principio, deve ser em caza: quando iam adiantados, na escola. Alem diso o estudante, para escrever a sua explicasam, é necessario que leia, e entenda bem a regra: que busque no-Dicionario, o significado das-palavras: e desta sorte é que a-imprime bem na memoria. Quando o estudante for adiantado, entam é que se pode obrigar, a repetilo de memoria: mas nem sempre: pois algumas vezes é bom, dar-lhe o periodo, para que fasa a explicasam por-papel: Com a diferenca porem, que se o periodo avia ser de quatro regras, seja de seis, ou oito. Explicando isto por-escrito, é incrível, quanto se-intende melhor: principalmente se o mestre, quanto lhe-tomar conta, fizer as proguntas necessarias; emendar os erros, e explicar tudo como deve.

Mas esta carta ja é mais comprida, doque eu queria fazéla: porem posso segurar a V. P. que ainda me-fica muito que dizer. Contudo do-que tenho escrito, fica bem claro, o que eu intendo: e para V. P. é mais que bastante. Fico às ordens de V. P. como seu criado.





CARTA TERCEIRA.

SUMARIO.

A *Burros que se-introduziram em Portugal, no-ensinar a lingua Latina. Mau modo que os mestres tem, para instruir a Mocidade. Propoem-se o metodo, que se-deve observar, para saber com fundamento, e facilidade o que é pura Latinidade. Necessidade da-Geografia, Cronologia, e Isteria, para poder intender os livros Latinos. Apontam-se os autores, de que os mestres se-devem servir na Latinidade: e como devem servir-se deles; e explicálos com utilidade: e as melhores edisoens. Aponta-se o modo de cultivar a Memoria, e exercitar o Latim nas escolas.*

M Eu amigo e senhor tardei em escrever a V. P. porque tive legitimas occupacoens. Continuando pois o fio das-minhas reflexoens, da Gramatica passo para a *Latinidade*: porque me-persuado, que este mesmo caminho deve seguir o estudante, que quer ter perfeita noticia, da-lingua Latina. Esta noticia certamente nam se-consegue, com a pura Gramatica: mas com a continua lisam de bons autores, e reflexam sobre as suas melhores obras. *Aliud est gramatice, aliud latine loqui*: advertio ja no-seu tempo Quintiliano. e com muita razam: porque a escrupuloza sugeifam ás regras da-Gramatica impede, saber falar a lingua. A Gramatica é a porta, pola qual se-entra na *Latinidade*: e quem pára no-vestibulo, nam pode ver as singularidades do-Palacio. Quantos omens acha V. P. que, com terem sido mestres de Gramatica muitos anos, saibam pegar na pena, e escrever uma pagina em bom Latim? responder a uma carta com facilidade? e fazer qualquer outra coiza, em que seja necesario, uzar da-lingua Latina? Eu conheço infinitos sugeitos, que pasá-ram a sua vida neste exercicio, e quando áni-de escrever Latim, servem-se de expressoens em tudo barbaras, e indignas do-seu exercicio. Outros, aindaque tenham eleifam de palavras, nam se-deipem dos-idiotismos da-sua lingua: que é o mesmo que falar Portuguez, com palavras Latinas. Uma vez que observam, a quela regencia gramatical que estudáram, parece-lhe que fazem a sua obrigalam. Os que se-querem apartar deste uzo, declinam para outro extremo viciozo, que é a afetalam: e nam buscam, senam palavras grandes e sonoras, *sesquialia verba*, com as quais atroem os ouvintes, ou leitores. E daqui entam nace, aquele estilo ridiculo, que tanto dominou nos-se-

cu-

Esta Carta mereceu ser lida em 17 de Junho de 1758

culos da-ignorancia ; e oje em Italia chamamos , *estilo do-seculo XVI.*

A estes ultimos chama o comum dos-Gramaticos , grandes Latinos. E' um louvar a Deus , ver a prezunsam de uns , e a ignorancia de outros. Achei-me presente em algumas orasoens Latinas , que se-recitaram sobre diversos asuntos , e nam podia asás admirar , a afetasam , e estilo dezigual , que reinava em toda a orasam. Depois diso , li muitas composicoens , feitas por-eses mesmos : li muitas postilas de diversos leitores , que tinham pasado com louvor , por-aqueles bancos : e em tudo notei o mesmo defeito. E tudo isto provem , de se-contentarem com a erudisam de quatro temas , que lhe-mandam compor : e de nam se-internarem na lisam dos-bons autores , que escreveram no tempo da mais pura Latinidade. E' coiza impossivel , que um omem que tenha tomado o gosto , à verdadeira Latinidade , com facilidade o-perca. Ainda quando trata asuntos unildes , e argumentos em que è obrigado servir-se , de expresoens barbaras , v.g. na Filozofia , ou Teologia Peripatetica ; ou ainda quando despreza o falar elegante ; la mostra sempre , o conhecimento que posue daquela lingua. Nos-seus escritos conhecem muito bem os omens inteligentes , o que ele podia fazer. caiem-lhe da-pena palavras proprias. um estilo facil e natural è o carater das-suas obras. Mostra a experiencia o que digo : e convem nisto os omens de alguma doutrina. Daqui vem , que os que querem fazer progresso na Latinidade , procuram logo um autor facil e elegante , como qualquer dos-que na minha ultima aponte ; e de sorte se-familiarizam com ele , que tomam e imitam a sua fraze , e modo de falar. Quem quer falar uma lingua , deve conversar com os omens que a-falam bem. ora os que oje falam bem Latin , sam eses quatro livros , que nos-deixou a Antiguidade : e com eles è necessario conversar tanto , que aprendamos o que se-pode aprender.

Podè tambem aver perigo , na lisam deses melinos bons livros : e pode succeder . que com bons livros , se-saiba mal Latin. Digo isto , polo que tenho observado , em grande parte deste Reino. Omens á , que lem indiferentemente , todos os livros antigos : e pola vaidade de quererem saber tudo , nam sabem nada. Formam um estilo dezigual , que nam è de seculo algum : e com grande trabalho , nam conseguem o fim que queriam. Neste defeito , nam só caiem os poucos doutos ; mas chegaram a cair , omens de grande doutrina. Erasmo , que foi um omem tam douto como V. P. sabe , è censurado neste ponto. A grande lisam que tinha , dos-antigos autores , e Padres , impedio-lhe formar um estilo determinado. Contudo isto , nam sei se achará V. P. muitos no-seu Reino , que escrevam como ele. O certo è , que Erasmo nam lia os Antigos por-vaidade , mas por-necessidade dos-seus estudos : mas estes de quem eu falo , nam se-livram deste pecado. Outros , furtam indiferentemente , de todos os autores que lem ; para poderem encher as suas composicoens : servindo-se imprudente-

mente, destes livros de Fraseologia: iem advertirem, que sempre á-de ser capa de romendos: e que os diversos mantimentos primeiro se-ám-de digirir, para se converterem em uma sustancia, que seja uniforme e simplez.

A outra razam que á, para que se-pofam enganar, é a diversidade de estilo, e merecimento deses mesmos Antigos. Quanto ao estilo, é certo que os que querem ser Istóricos, faram mal em ler as Filipicas de Cicero, as Comedias de Terencio, os Epigramas de Catúlo, e outras semelhantes composiçoens: porque nam conduzem ao seu fim; aindaque sejam escritas, no-século da-bela Latinidade. o mesmo digo das-outras proporcionadamente. Podem-se ler estes autores: mas cada um deve aplicar-se ao que é infigne, na materia que ele trata. Se bem ouso dizer, que Terencio serve-se das-expressoens, no-seu proprio significado: que Cezar falou melhor, que nenhum dos-Romanos: nem por-isto ei-de logo meter Cezar, e Terencio em toda a parte. para o conhecimento da-lingua, todos me-podem servir: nam assim para o exercicio particular, que eu quero. Quanto ao merecimento é certo, que nem todos os Antigos sam iguais. antes muitos que escrevèram no-século de Augusto, e em tempo de Tiberio, fizeram-no com tal negligencia, que mal tem lugar, na idade de *prata* da-lingua Latina: e sem injuria se-podem colocar, na idade de *bronze*.

Esta advertencia é mais necessária em Portugal, que em outros Reinos: porque os mestres aqui, tem pouca noticia destas coizas. Nas escolas da-Latinidade, verá V. P. traduzir livros, de merecimento mui desigual: e pasar de um para outro sem eleifam, nem advertencia, somente para encher tempo, e completar o ano. Na terceira, e quarta em que os rapazes comesam a traduzir, explicam pola menhan, as Filipicas de Cicero &c. e de tarte, a Eneide, ou *Ouvidio* de Trist. Na 2. e 3. pola menhan, *Suetonio*; de tarde *Oracio*. Mas eu vi mais: vi um mestre que explicava aos dicipulos, as Oraçoens de Cicero, *Marcial*, e o *Thesaurus Poeticus*. É que coiza boa pode sair daqui? Nam ensinam aos estudantes, qual é o merecimento de cada autor, que lhe-mandam traduzir: e como pode o estudante advinhálo? Alem diso, aquilo de explicar no-mesmo tempo, *proza*, e *verso*, e isto a principiantes, nam pode menos, que produzir monstruozidades. O pobre estudante, com a memoria cheia de tam diferentes especies, nam pode distinguir o branco, do-negro: nem chegar a conhecer bem, qual é o estilo da-proza, e qual o do-verso. Muito pior ainda é, comesar por-tais livros: porque as Filipicas, e Eneide, nam é Latim para rapazes, mas para omens feitos. por-estes livros devem acabar o estudo, e nam principiálo. Tambem o *Suetonio*, nam é livro proprio da-Escola, porque nam escreve com a pureza dos-outros da-idade de oiro. era melhor *Livio*, *Nepote* &c. que, alem da-pureza de lingua, sam perfectos modelos de eloquencia. Outros mandam traduzir lisoens do-Breviario, ou Concilio de Trento: dizendo que sam necessárias, para quem á-de

á-de seguir a Igreja. E isto tambem é uma solenissima loucura. Cada livro do-Breviario é de seu autor, e de estilo diferente. Ainda das-que se tiram da-Escritura, se-deve dizer o mesmo: umas são oscuras, que são as dos-livros profeticos, outras mais claras, que são as dos-historicos: e o Latim delas não é bom, porque a frase é barbara. E querer, que um estudante traduza isto, é querer, que não saiba Latim. Tambem o Concilio não é proprio, para dar boa doutrina: porque se-serve de um estilo Forense proprio de Roma, que não é Latino. Se o-fazem para entender estes livros, é superfluo explicá-los. Não há homem nenhum tão decepado, que, se entende bem Latim, não entenda as Bulas; aindaque nunca as-tenha lido. Estar o verbo vizinho ou distante, não muda, ou dificulta o sentido, a quem le todo o periodo: e quem tem alguma pratica delas, entende-as maravilhosamente, aindaque seja mau Latino, como vi muitas vezes em Roma. O que suposto, é muito mau emprego, obrigar o estudante a traduzir Bulas, ou Constituições: e principalmente a traduzilas palavra por-palavra, como fazem estes mestres. O Ecclesiastico, não é necessario que traduza; basta que as-entenda. Antes é muito mal feito, obrigá-los a traduzir assim: porque o tal Latim não se-deve traduzir *ad verbum*, mas *ad sensum*. O que bastava que o mestre advertisse, quando quizesse dar-lhe alguma noticia disso: pois em tal caso bastaria, que mandasse ler alguns periodos, e explicar o sentido. Isto bastava: o mais é perder tempo.

Contudo isto são poucos os que conhecem, que com isto se perde o tempo: antes blazonam, quando procuram embrulhar os rapazes, com coisas obscuras. Achava-me eu em uma parte, em que certo M. de Filosofia, para examinar um rapaz, mandou-lhe traduzir aquelas palavras de S. Paulo ad Cor. *Aemulor enim vos Dei amulatione* &c. que era o capitulo da-Ora, que estava rezando. O rapaz, que não era mau estudante, traduzio literalmente: mas como não fazia bom sentido, o mestre dito deu grandes rixadas, e fez escarneo do-rapaz. Eu calei-me por-prudencia: mas tive meus impetos de lhe-dizer, V.P. ri-se de um pobre rapaz, que não é obrigado a saber, o sentido da-Escritura, nem os *ebraismos*, que se acham na Vulgata: e eu apostarei, que V. P. é o primeiro que não entende, o que nisto diz S. Paulo. Com efeito se eu apertava os negalhos, estava certo, que seria mui mau interprete, da-dita Epistola. O certo é, que não há maior parvoíce, que mandar traduzir palavras obscuras: e que esta *pedanteria* se-devia desterrar de lugares, onde se-sabe falar. Alem disto, é obrigado o estudante, a compor varios periodos, a que chamam *oratioens*: repetir uma quantidade de regras Latinas, e Portuguezas: e se o pobre rapaz não pode responder a tudo em vez de lhe-aliviar o pezo, e mostrar-lhe a estrada, e animá-lo a proseguir; dá-lhe muita palmatoada, e obrigam-no a odiar, todo o genero de estudos. De que nasce, aquella grande ignorancia, que se-observa nestes paizes.

Daqui fica claro , que com tal metodo , pouco se-pode saber de Latim. É lastima que os profesoires , nam cheguem a conhecer por-uma vez , o ridiculo deste costume. Todos os primeiros estudos naturalmente dezagramam , porque sam cansados: e paraque avemos enfastiar mais os pobres rapazes? Um omem consumado nos-estudos , quando estuda uma lingua estrangeira , v.g. Grego , Ebraico , ou Caldaico , nam pode menos que enfastiar-se , daqueles primeiros elementos. Tem grande dezejo de sabêla : conhece o metodo de aprender a dita lingua : reconhece a necessidade que tem dela , para intender as Escrituras Santas : contudo isto , quando se-aplica a ela , mil vezes deita fóra os mesmos livros : e nam-se-acha com rezolufam , de tornar a servir-se deles. Falo pola experiencia propria , e pola de alguns amigos , que se-aplicáram às linguas estrangeiras. Enam acha V. P. que é uma crueldade , castigar rigorozamentê um rapaz , porque nam intende logo a lingua Latina? que de si mesmo é difficultoza , e ainda o-parece mais , na confuzam comque lha-explicam. Isto é o mesmo , que metter um omem , em uma caza sem luz , e dar-lhe pancadas , porque nam acerta com a porta.

V. P. está em uma Universidade , onde é facil dezenganar-se com os seus olhos. Entre no-Colegio das-Artes , corra as escolas baixas ; e verá as muitas palmatoadas , que se-mandam dar aos pobres principiantes, Penetre porem com a considerafam , o interior das-escolas : examine se o mestre lhe-ensina , o que deve ensinar : se lhe-facilita o caminho , para intendêla : se nam lhe-carrega a memoria , com coizas desnecessariifimas : e achará tudo o contrario. O que suposto , todo este pezo está fóra , da-esfera de um principiante. Ora nam á lei que obrigue um omem , a fazer mais do-que pode : e que castigue os defeitos , que se-nam-podem evitar. Nam nego , que deve aver castigo : mas deve ser proporcionado. Um estudante que impede , que os outros estudem : que faz rapaziadas pezadas &c. é justo que seja castigado : e , avendo reincidencia , que seja despedido. Seria bom , que nesa sua Universidade , se dese um rigorozo castigo , ainda de morte , aos que injustamente acometem aos *Novatos* ; e fazem outras insolencias. A brandura comque se-tem procedido neste particular , talvez foi cauza , do-que ao depois se-fez , e ainda se-faz. Nese particular seria eu inexoravel : porque a paz publica , que o Principe promete , aos que concorrem para tais exercicios , pede-o assim : e em outros Reinos , executam-no com todo o rigor. Falo famente do-castigo que se dá , por-cauza de nam acertar com os estudos. a emulafam , a repreensam , e algum outro castigo deste genero faz mais , que os que se-praticam. É necessario ter muita paciencia com os rapazes , e ensinálos bem : nam seguindo a opiniam daquele Bispo de Vizeo D. Ricardo Rosel , que em um exame reprovou XVI. estudantes afo , porque pronunciáram *Idolum* , com a segunda breve. Isto só faz , quem nam conhece o que deve. Um omem pode ignorar , a quantidade de muitas filabas ,